UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

RODRIGO REFULIA

A Editora Guaíra no mercado editorial brasileiro (1939-1961)

Versão corrigida

São Paulo
2020

RODRIGO REFULIA

A Editora Guaíra no mercado editorial brasileiro (1939-1961)

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Economia da Cultura.

Orientação: Profa. Dra. Marisa Midori Deaecto.

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R281e

Refulia, Rodrigo
A Editora Guaíra no mercado editorial brasileiro (1939-1961) / Rodrigo Refulia ; orientadora Marisa Midori Deaecto . - São Paulo, 2020.
142 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Econômica.

1. Editora Guaíra. 2. Estante Americana. 3. Caderno Azul. 4. Coleção de livros. 5. Mercado editorial. I. Deaecto , Marisa Midori, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do aluno: Rodrigo Refulia

Data da defesa: 30/10/2020

Nome do Professora orientadora: Marisa Midori Deaecto

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 21/12/2020

Marisa Midori Deaecto

(Assinatura do (a) orientador (a)

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a todos que contribuíram para o desenvolvimento desta investigação. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mãe, Maria da Conceição Bernardina, pelo suporte oferecido ao longo de todo meu período de formação intelectual e profissional. Agradeço também ao meu pai, Nelson Refulia, e aos meus irmãos – Anderson, Davidson e Monique. Todo meu amor ao Guilherme, que tantas vezes me inspirou, à Sofia e aos demais sobrinhos.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Marisa Midori Deaecto, pela oportunidade e confiança no meu projeto.

Obrigado ao Bruno Sobrinho, à Fabiana Marchetti, ao Raul Soares Neto e ao Tomas L'Abbate pela amizade, companheirismo e compreensão. Aos demais amigos do curso de História, agradeço ao Otávio Balaguer, Guilherme Buzzar, ao Marcos Veiga, ao Matheus Treuk e à Rayssa Cerqueira. Esse agradecimento se estende aos meus amigos e companheiros do curso de Letras, em especial, ao Lino Mendonça, ao Lucas Belintani, à Marina Gimenez, à Mariana Gonçalves, à Nara Yoko e à Natalia Sugiyama. Sem vocês, essa jornada não teria sido possível.

Meu carinho especial ao Matheus Cobacho, à Sandra Camargo, ao Thiago Tartaro, e às suas respectivas famílias. Vocês ajudaram a iluminar todas as festas – e não apenas o Carnaval.

Não poderia deixar de agradecer às grandes profissionais que passaram em minha vida como professor: à Maria Aparecida Leme e Rosangela Caires, respectivamente, diretora e vice-diretora da Escola Estadual Elísio Teixeira Leite III; à Cacau Nicolau, assistente de direção da EMEF Mário Lago; e à Eliane Marques, diretora da EMEF Alice Meirelles Reis; e a todos os professores e funcionários com quem tive a oportunidade de trabalhar. Todas e todos vocês têm meu respeito e admiração pelos esforços incansáveis que visam garantir o direito à Educação em tempos difíceis.

RESUMO

REFULIA, Rodrigo. *A Editora Guaíra no mercado editorial brasileiro (1939-1961)*. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Esta investigação propõe um estudo sobre os propósitos comerciais e culturais que nortearam o desenvolvimento de duas coleções de livros da Editora Guaíra Ltda., de Curitiba, ao longo dos anos 40 do século XX: a Coleção Estante Americana, composta por romances escritos por autores hispano-americanos e estadunidenses; e a Coleção Caderno Azul, de livros de pequeno formato e que abrangiam vários gêneros literários, desde pesquisas e ensaios até textos ficcionais. Pretende-se, assim, fazer o levantamento do repertório de textos colocados em circulação nos dois projetos. Antes disso, será realizada uma análise sobre as propostas editoriais fomentadas pelo jurista Oscar Joseph de Plácido e Silva, na capital paranaense, e que culminaram na fundação da Guaíra, nos últimos meses de 1939, e sobre o funcionamento da editora ao longo dos seus mais de vinte anos de atividade, para que se possa compreender como se deu a entrada da empresa no mercado brasileiro de livros e quais foram as transformações sofridas por esse projeto ao longo dos anos.

Palavras-chave: Editora Guaíra. Estante Americana. Caderno Azul. Coleção de livros. Mercado editorial.

ABSTRACT

REFULIA, Rodrigo. *Guaíra Publishing House in the Brazilian editorial market (1939-1961).* 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This research aims to investigate the commercial and cultural aspirations that guided the creation of two book collections by Guaíra Ltd. Publishing House, from Curitiba, during the 1940s: the Estante Americana Collection, composed by novels written by Hispano-Americans and North-Americans writers; and the Caderno Azul Collection, consisting of pocket books that contained different literary genres, such as research, essays and fictional texts. Therefore, the intention is to provide a gathering of the repertoire of texts put in circulation with these two projects. However, to begin with, it will present an analysis about the editorial guidelines promoted by Oscar Joseph de Plácido e Silva, a jurist from the capital of Paraná, which led to the foundation of Guaíra Publishing House during the last months of 1939; and also about the functioning of the publishing house during more than twenty years of activity, in order to understand how the company was able to enter the Brazilian editorial market and the transformations to which the project was subjected throughout the years.

Keywords: Guaíra Publishing House. Estante Americana. Caderno Azul. Books collection. Editorial market.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Fachada da Livraria Econômica, em 1916 26
Imagem 2 – “O Paraná que eu vi” 43
Imagem 3 – Capa da primeira edição da revista *Guaíra*, de fevereiro de 1949 47
Imagem 4 – Capa da edição brasileira de *Donã Barbara* 74
Imagem 5 – Capa e contracapa da edição brasileira de *Huasipungo* 77
Imagem 6 – Capa da edição brasileira de *El caballo y su sombra* 79
Imagem 7 – Capa e contracapa de *Música do Brasil* 101
Imagem 8 – Capa e contracapa de *Pintura na Renascença* 119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Difusão da literatura hispano-americana em formato de livro (1894-1950) 63
Quadro 2 – Títulos publicados na Coleção Estante Americana 68
Quadro 3 – Livros publicados na Coleção Caderno Azul (triênio 1941-1943) 109
Quadro 4 – Títulos publicados na Coleção Caderno Azul após a provável saída de Luís Martins e Sérgio Milliet 113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – A CIDADE DE CURITIBA E OS LIVROS 8
CAPÍTULO 1 – OSCAR JOSEPH DE PLÁCIDO E SILVA E A HISTÓRIA DE SEUS EMPREENDIMENTOS EDITORIAIS (1919-1961) 17
1.1 A Empresa Graphica Paranaense (1919-1939) 18
1.2 A Editora Guaíra Ltda. (1939-1949) 28
1.3 A revista *Guaíra* (1949-1955) 43
1.4 Tempos obscuros (1955-1961) 47
CAPÍTULO 2 – JORGE AMADO, EDITORA GUAÍRA E AS ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO DE ROMANCES HISPANO-AMERICANOS NO BRASIL (1937-1945) 50
2.1 A construção de um projeto editorial: a viagem de Jorge Amado pelas Américas 52
2.2 Os momentos da ficção hispano-americana no Brasil e a Coleção Estante Americana 61
2.3 Trajetórias dos romances hispano-americanos e dos projetos editoriais da Coleção Estante Americana 69
2.3.1 *Dona Bárbara* 71
2.3.2 *Huasipungo* 75
2.3.3 *O cavalo e a sombra dele* 77
2.3.4 *Royal Circo* 79
2.3.5 *Sinhô Badaró* e *São Jorge dos Ilhéus*: a história de uma relação esquecida 82
CAPÍTULO 3 – TUDO, MENOS POESIA: A COLEÇÃO CADERNO AZUL 89
3.1 Uma obra em "exílio": Mário de Andrade e sua *Música do Brasil* 93
3.2 A (muitas vezes difícil) relação entre Luís Martins e a Editora Guaíra 101
3.3 Caderno Azul e Mosaico: a importância dos livros de pequeno formato e preço acessível na construção dos catálogos 114
CONSIDERAÇÕES FINAIS 120
REFERÊNCIAS 122
Arquivos e bibliotecas consultados 122
Periódicos consultados 122
Bibliografia 123
Créditos das imagens 130
APÊNDICE A – CATÁLOGO DA EDITORA GUAÍRA 132

INTRODUÇÃO – A CIDADE DE CURITIBA E OS LIVROS

Todo livro começa como desejo de outro livro,
como impulso de cópia, roubo, contradição,
como inveja e confiança desmedida.
Beatriz Sarlo[1]

Campo de estudos com rápido crescimento nas últimas décadas,[2] a História do Livro e da Edição conta, no Brasil, com uma série de pesquisas que se aprofundaram no percurso das principais editoras, na produção livreira em regiões específicas do país, nas trajetórias de editores de grande relevância, nos livros proibidos e nos escritores perseguidos durante os regimes de exceção, tão comuns e presentes na história do país. É mais precisamente na área da História Editorial que esta pesquisa se insere. Nela, estudaremos a Editora Guaíra Ltda., a primeira editora curitibana a ter participação relevante no mercado brasileiro de livros.

Um pesquisador interessado na história dessa editora enfrenta um problema inicial: quase não há fortuna crítica sobre a Guaíra. Fundada nos últimos meses de 1939 e fechada no começo dos anos 60, a empresa é pouco lembrada nas investigações que abordam os momentos do livro e as grandes editoras brasileiras.[3] Uma das poucas fontes de pesquisa é o artigo de Leilah Santiago Bufrem, "A Editora Guaíra: contribuições ao debate". Nesse trabalho, a pesquisadora exorta seus leitores a elaborarem "estudos a respeito dos impactos deste empreendimento editorial sobre a cultura do país".[4] Um dos objetivos desta dissertação é, a partir desse chamado, recompor o processo de construção da Guaíra e, por meio da

---

[1] SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica*: Buenos Aires 1920 e 1930. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 21.

[2] Robert Darnton, no ensaio "O que é a História dos Livros?", aponta que "a história da história dos livros não começou ontem. Ela se estende até a cultura da Renascença, se não antes; e começou a sério no século XIX, quando o estudo dos livros como objetos materiais levou ao crescimento da bibliografia analítica na Inglaterra. Mas o trabalho contemporâneo representa um desvio das correntes estabelecidas de estudos na área, cujas origens podem ser remontadas ao século XIX [...]". Darnton afirma que uma nova corrente se desenvolveu na década de 1960, na França. Segundo o pesquisador estadunidense, "os novos historiadores do livro inseriram o tema dentro do leque de assuntos estudados pela escola dos *Annales* de história socioeconômica. Ao invés de se deterem em detalhes da bibliografia, tentaram descobrir o modelo geral da produção e consumo do livro ao longo de grandes períodos de tempo". É a esse campo de estudos, inaugurado na década de 1960, que me refiro. Para mais, ver: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 125.

[3] Laurence Hallewell dedica, em *O livro no Brasil*, pouco mais de um parágrafo à editora; *Momentos do Livro no Brasil*, bela compilação organizada pela Editora Ática em virtude de seu aniversário de trinta anos, um pouco menos que isso.

[4] BUFREM, Leilah Santiago. A Editora Guaíra: contribuições ao debate. *In*: SIMPÓSIO HISTÓRIA DA LITERATURA NO PALÁCIO: 1890/1900. PRÉ E PÓS-MODERNIDADE, 1., 1995, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Associação Cultural Avelino A. Vieira. p. 79.

análise de duas de suas coleções, tentar entender o posicionamento da editora no mercado brasileiro de livros dos anos 40.

A trajetória do jurista de origem alagoana Oscar Joseph de Plácido e Silva, fundador e diretor da Guaíra durante todo o seu período de funcionamento, mostra que a empresa curitibana representou o ápice – e não o começo – de um projeto que teve início, em 1919, com a fundação do jornal *Gazeta do Povo*. Infelizmente, ao contrário de grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, há poucos estudos a respeito da impressão e promoção de livros em Curitiba. Antes de iniciar esse passeio pelos investimentos editoriais fomentados por De Plácido e Silva, é preciso conhecer mais sobre a cidade que foi berço desses projetos. Como se estruturavam as artes gráficas e a circulação de livros em Curitiba no fim da década de 1910, época em que a *Gazeta do Povo* foi criada? Para responder a essa questão, é necessário observar um pouco da história da circulação dos materiais impressos na capital do Paraná.

Três das escassas pesquisas sobre a história do livro curitibano são *As artes gráficas em Curitiba*, de Newton Carneiro,[5] *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*, de Osvaldo Pilotto,[6] ambos os textos da década de 1970, e, mais recentemente, *A sedução da leitura*, de Cláudio DeNipoti.[7] Segundo Carneiro, a imprensa foi trazida à capital da recém-emancipada província do Paraná, em 1854, por Cândido Martins Lopes, profissional fluminense e dono de uma tipografia em Niterói. Convidado por Zacarias de Góis e Vasconcelos, presidente da província, Lopes instalou, em Curitiba, a Typographia Paranaense e tornou-se responsável pela publicação do semanário *O Dezenove de Dezembro*, jornal encarregado de divulgar os atos oficiais do governo provincial. Nos últimos meses de 1854 e durante o ano seguinte, a tipografia de Lopes publicou seus primeiros opúsculos e relatórios oficiais. Em 1857, a Typographia Paranaense imprimiu a *Grammática da Língua Nacional*, de Sebastião José Cavalcanti, e a *Pequena Arte da Música*, um folheto de apenas 12 páginas.[8] O primeiro título de grande porte foi impresso somente em 1863: tratava-se de uma edição de

---

[5] CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975.

[6] PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: IHGEP, 1976.

[7] DENIPOTI, Cláudio. *A sedução da leitura*: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930). Porto Alegre: Fi, 2018.

[8] Infelizmente, não foi possível localizar, nas bibliotecas consultadas, os dois títulos citados por Carneiro.

Direito, *Apontamentos sobre suspeições e recusações no Judiciário e no Administrativo*, de autoria do bacharel Luís Francisco da Câmara Leal e composto por 203 páginas.[9]

Na década seguinte, outras tipografias foram criadas. Com elas, novos jornais, como o conservador *Dezesseis de Julho* e o liberal *Província do Paraná*, começaram a circular e fazer frente ao periódico oficial. Em 1878, a Typographia Paranaense, renomeada para Typographia da Viúva & Filhos de Cândido Martins Lopes após a morte de seu fundador, lançou, em parceria com o Clube Literário Curitibano, a biografia de Joaquim Francisco Lopes, de autoria de Previsto Columbia. O título foi o primeiro de uma série intitulada Galeria da Província do Paraná.[10] A coleção, no entanto, foi abandonada logo após a publicação desse livro.

Nos últimos anos da monarquia, ocorreu uma rápida evolução da imprensa: o tipógrafo carioca Luís Antônio da Silva Coelho fundou, em 1876, a livraria Pendula Meridional e instalou, em 1880, nas oficinas do estabelecimento, o primeiro prelo mecânico de Curitiba; o jornal *Dezenove de Dezembro*[11] passou a ser diário a partir de janeiro de 1884 e, três anos depois, foi instalada a Litografia do Comércio, a primeira oficina litográfica da cidade, de propriedade do catalão Narciso Figueras.[12]

Carneiro informa que o desenvolvimento do plantio de erva-mate, principal produto de exportação paranaense, fez com que os serviços de tipografia e litografia passassem a ser necessários na produção dos rótulos que identificavam o produtor nas barricas da erva.[13] Segundo o pesquisador, "inconformado com a estrutura incipiente de feição artesanal que prevalecia nas oficinas gráficas da cidade",[14] o ervateiro Ildefonso Pereira Correia, o Barão de Serro Azul, decidiu associar-se a Jesuino Lopes, dono da Tipografia Paranaense, sucessora da empresa que seu pai fundara em 1854. Juntos, criaram a Impressora Paranaense em 1888. Outra empresa inaugurada na mesma época foi a litografia de Alfredo Hoffmann, que, apesar

---

[9] CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975. p. 10-12.

[10] COLUMBIA, Previsto Gonçalves da Fonseca. *O sertanejo Joaquim Francisco Lopes*. Curitiba: Typographia da Viúva & Filhos de Cândido Martins Lopes, 1878. (Série Galeria da Província do Paraná, Homens Notáveis, 1).

[11] PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: IHGEP, 1976. p. 15.

[12] CARNEIRO, Newton, *op. cit.*, p. 16.

[13] Para mais, ver: BOGUSZEWSKI, José Humberto. *Uma história cultural da erva-mate*: o alimento e suas representações. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

[14] CARNEIRO, Newton, *op. cit.*, p. 19.

do "equipamento mais modesto, contava com excelente equipe de tipógrafos e um especialista em litografia chegado da Alemanha".[15]

A década de 1890 marcou um rápido processo de diversificação do comércio livreiro em Curitiba: com a morte do Barão de Serro Azul, em 1894, a Impressora Paranaense passou por um profundo processo de mudança. Em 1895, a firma foi renomeada para Jesuino Lopes & Cia e passou a ter Jesuino Lopes e David Carneiro, representante da família Correia, como sócios solidários. Dois anos depois da mudança, a empresa imprimiu *História da Guerra do Paraguay*, de José Bernardino Bormann. Segundo Carneiro, "o livro, em três volumes, com oitocentas páginas, doze mapas e uma gravura do Duque de Caxias" poderia ser considerado "obra prima em arte editorial".[16] Em 1898, a Baronesa de Serro Azul fundou, ao lado de familiares, a firma Correia & Cia. Sob o comando de Leocádio Correia, a Correia & Cia instalou a Livraria da Impressora Paranaense na Rua XV de Novembro.

Além da Livraria da Impressora, outros estabelecimentos para a venda de livros foram criados, tais como a Livraria Econômica, a Livraria Popular e o Atelier Novo Mundo. A maioria dessas casas comerciais oferecia serviços gráficos e tipográficos.[17] Segundo DeNipoti, apesar de o livro ser o principal produto, as livrarias curitibanas "trabalhavam com uma variedade de produtos e serviços, a começar por aqueles diretamente relacionados com o comércio tipográfico, como a encadernação, a pautação e a fabricação de livros em branco".[18] Além de livros e serviços tipográficos, um cliente conseguia encontrar, nessas lojas, produtos de papelaria.

Entre os empreendimentos criados nessa época, o de propriedade da família Correia foi o que teve maior destaque.[19] Entre 1898 e 1902, Leocádio Correia, chefe da Impressora Paranaense, promoveu a publicação de obras dos escritores locais. Segundo Carneiro:

---

[15] CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975. p. 20.

[16] *Ibidem*, p. 21.

[17] DENIPOTI, Cláudio. *A sedução da leitura*: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930). Porto Alegre: Fi, 2018. p. 70-71.

[18] *Ibidem*, p. 72.

[19] A Impressora Paranaense era, seguramente, a empresa gráfica mais bem estruturada de Curitiba. Era composta pela livraria, localizada na Rua XV de Novembro, n. 51, e pelas oficinas, na Rua Riachuelo, n. 19. Um informe divulgado no periódico *A Impressora*, de propriedade da empresa, apontava que as oficinas estavam divididas em quatro seções: litografia; tipografia; encadernação; e pautação. E, por fim, havia uma fábrica de caixas de papelão. A seção de litografia era capaz de executar rótulos em diversas cores para barricas, caixas, latas, garrafas, cartões e papéis marcados, mapas geográficos, retratos, estampas de imagens, cupons e estampilhas, reclames, folhinhas, diplomas, títulos e letras. A seção de tipografa era capaz de efetuar guias, notas, faturas, letras de câmbio, folhas, tabelas, entre outros serviços. A seção de encadernação

> Foi realmente grande e variada a produção da empresa durante o breve espaço em que respondeu por esse setor de atividade: o livro de versos de Claudino dos Santos "O Batizado", o "Antonio Nobre' de Silveira Neto com ilustrações do autor, "Discursos" do seu quase homônimo Dr. Leocádio José Correia, "Brindes" de Nestor de Castro, o "Drama da Serra do Itupava no Paraná" de João Coelho Gomes Ribeiro e outros.[20]

Em 1900, a Impressora Paranaense lançou a Coleção Biblioteca da Impressora. A Biblioteca publicou apenas três livros, sendo o primeiro deles *Psicologia da placa*, do historiador local Romário Martins. Com base nessas informações, pode-se supor que a Impressora Paranaense foi a primeira tipografia curitibana a financiar com certa regularidade a impressão de livros de variados temas. Em 1902, a firma foi vendida ao seu antigo diretor técnico, o catalão Francisco Folch. Sob o seu comando, a Impressora Paranaense praticamente deixou de publicar livros por conta própria.

Em 1910, o imigrante alemão Max Schrappe trouxe para Curitiba uma filial da litografia que comandava em Joinville. Novas tipografias, como a fundada pelo austríaco João Haupt, estabelecida em 1911, e litografias, como a Litografia Progresso, criada em 1912 por Alexandre Schroeder ao lado de antigos sócios da Impressora Paranaense, foram responsáveis pelo aumento da diversidade e da qualidade dos materiais impressos em Curitiba. Em 1912, Max Schrappe uniu sua litografia à Imprensa Paranaense. Juntos, Folch e Schrappe expandiram a atuação da Imprensa Paranaense ao adquirir, em 1913, a Livraria Moderna.[21] Após a morte de Folch, em 1918, Schrappe comprou as ações de seu antigo sócio e passou a ter o controle, em 1922, da firma, que se estabeleceria no futuro como a maior empresa gráfica do Paraná.

O fato de não ter havido um projeto editorial de longo alcance em Curitiba não impediu a circulação do livro na cidade. Além dos exemplares trazidos de outras praças, especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, mas também de países europeus, como França e Portugal, as tipografias curitibanas conseguiram suprir a demanda de livros impressos por encomenda, como os requisitados pelos órgãos públicos, e algumas tipografias custearam a publicação de alguns escritores paranaenses consagrados, caso, por exemplo, de

---

e pautação elaborava protocolos, diários, cadernetas de campo e comerciais, e borradores. A última seção era responsável pela fabricação de caixas de papelão para chapéus, calçados, fumo, grinaldas, entre outros tipos de caixas. A livraria tinha "um variado sortimento de livros" de instrução primária e secundária. Recebiam por vapores livros para faturas, livros em branco de diversos formatos, álbuns de retratos, letras em branco e créditos impressos, além de uma vasta gama de produtos de papelaria. *A Impressora*: hebdomadário commercial, Curitiba, ano 1, n. 1, p. 3-4, 1º jan. 1899.

[20] CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975. p. 22.

[21] *Jornal do Commercio*, Curitiba, p. 2, 19 mar. 1913.

Romário Martins. Segundo DeNipoti, entre 1890 e 1930, houve um rápido crescimento da produção de livros no Paraná, "passando de uma média de 19 livros por ano na década de 1890, para 43 na década seguinte e 54 e 94 nas subsequentes", totalizando mais de dois mil livros impressos ao longo de quarenta anos.[22] Em que pese esse aumento da produção livreira, alguns autores, como Euclides Bandeira, exteriorizavam seu ressentimento pela falta de uma editora que publicasse textos de escritores paranaenses:

> É uma vergonha constatarmos que o Paraná desconhece os seus autores e estes não publicam livros porque não têm editores! Daí esta triste anomalia: quase todos os nossos mais eminentes literatos são inéditos. E quando não o são, aparecem com folhetos exíguos. Por que isso? Porque os nossos autores, pobres que são, não têm recursos para estipendiar a dispendiosa publicação de um livro[...] Publicar um livro, já não dizemos no Paraná, mas no Brasil, é dinheirosa façanha reservada a nababos![23]

A inexistência de uma editora que publicasse (e remunerasse) os escritores impedia a profissionalização das Letras em Curitiba. Com isso, muitos desses autores conciliavam profissões paralelas e uma produção amadora que era absorvida pelos jornais e revistas locais.[24]

Com o objetivo de disponibilizar ao público e analisar as revistas que circulavam em Curitiba, a pesquisadora Rosane Kaminski coordenou o projeto *Revistas Curitibanas*: 1900-1920, que fez um levantamento das revistas produzidas na capital paranaense durante vinte anos. O site do projeto mostra uma grande diversidade de publicações em Curitiba: revistas de arte e literatura, de críticas e costumes, de humor e, no fim dos anos 10, revistas ilustradas. Segundo Kaminski:

---

[22] DENIPOTI, Cláudio. *A sedução da leitura*: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930). Porto Alegre: Fi, 2018. p. 81.

[23] BANDEIRA, Euclides, Pelas Letras. *Commércio do Paraná*, Curitiba, p. 2, 6 fev. 1923, *apud* IORIO, Regina Elena Saboia. *Intrigas & Novelas*: literatos e literatura em Curitiba na década de 1920. 2004. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. p. 235.

[24] Ao analisar a geração de escritores paranaenses nascidos entre 1876 e 1889, Regina Iorio aponta que "somente dois literatos se dedicavam exclusivamente à literatura e/ou atividades afins: Euclides Bandeira – jornalista e literato que, inclusive, não assumiu o cargo nos Correios para o qual foi nomeado – e Correia Júnior – que nunca exerceu a profissão de agrônomo mantendo se como escritor, conferencista, humorista e ator de teatro. Percebe-se ainda que a maior parte da produção literária desses autores foi circunstancial, concentrando-se na juventude, e publicada apenas na imprensa local. Foram poucos os que conseguiram editar livros e, quando o fizeram, estes não passavam de poucas páginas". Vale lembrar que o amadorismo dos homens de letras não se restringia ao Paraná, sendo uma condição comum aos escritores brasileiros até meados do século XX. *Ibidem*, p. 299.

> Dentre os assuntos mais recorrentes nas revistas que circularam em Curitiba entre 1900-1920, dois merecem destaque enquanto representativos de diferentes modos de apreciação estética: de um lado, a existência, na cidade, de um círculo literário que se estabelecera em torno da poesia simbolista desde o final do século XIX, e que se apresentava como salvaguarda de uma Arte com "A" maiúsculo ancorada na tradição europeia. De outro lado, ampliavam-se as novas formas de lazer urbano, os novos espaços de socialização e consumo cultural que, junto à disseminação das imagens impressas, funcionavam como novos modelos de gosto: um gosto brejeiro, transitório e descartável.[25]

A análise dos materiais recolhidos pela pesquisadora mostra um gradativo aumento do número de títulos publicados entre 1916 e 1920. Em 1919, ano de fundação da *Gazeta do Povo*, foram listadas dez revistas diferentes em circulação na capital paranaense. A diversificação das publicações e o crescimento da qualidade nos materiais impressos não se restringiram à capital paranaense. A passagem das décadas de 1910 e 1920 ficou marcada pelo crescimento da produção gráfica brasileira, em especial a de São Paulo. Ao analisar o caso paulista, Nicolau Sevcenko aponta que:

> [...] a indústria editorial paulista, por exemplo, assiste a um *boom* inesperado a partir dos anos 20. Em parte desencadeado pela crise de importações e a calamitosa carestia do pós-guerra, o fato é que esse surto adquire uma dinâmica própria e se torna num crescendo auto-sustentado. Ele envolve não só livros, mas também revistas e folhetos de todo tipo, sendo que o próprio *O Estado* se beneficia dele, consolidando sua posição de jornal de maior tiragem do país, compondo um corpo de articulistas e redatores que envolve intelectuais dos mais brilhantes do país, além, dado excepcional, de algumas das maiores celebridades da imprensa europeia, como colaboradores permanentes. Quanto aos livros, com uma tiragem anual em torno de 1 milhão de volumes, uma multiplicação entre duas e três vezes do número de casas editoras e livrarias em 1921, com relação ao número existente até o fim da Guerra, São Paulo passa a atrair escritores dos quatro cantos do país, querendo ter suas obras publicadas com a rapidez e qualidade que a indústria editorial paulista oferecia.[26]

É possível inferir que a "rapidez e qualidade" oferecidas pela indústria editorial paulista, aliada à distância e à existência de linhas férreas que ligavam as capitais dos dois estados, tenham desencorajado de alguma maneira os tipógrafos e os livreiros curitibanos a iniciarem voos mais altos na questão editorial. Assim, os textos literários e artísticos produzidos pelos escritores paranaenses, em especial os mais jovens, encontravam nas seções reservadas dos jornais e nas revistas literárias um terreno fértil para sua circulação.

---

[25] KAMINSKI, Rosane. O belo efêmero, o gosto brejeiro: imagens da via fugidia nas revistas curitibanas (1910-1920). *Revistas Curitibanas*: 1900-1920, Curitiba, p. 1-32, abr. 2010. Disponível em: http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos.php. Acesso em: 12 jun. 2020. p. 6.

[26] SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 95-96.

Apesar de acidentada, devido aos projetos editoriais de fôlego curto e ao afluxo dos livros impressos em outras praças, as trajetórias das artes gráficas e dos materiais impressos em Curitiba mostram o quadro de uma capital com uma produção literária e artística concentrada em jornais e revistas, enquanto que a edição de livros era, quase sempre, uma iniciativa do poder públicos ou dos escritores locais. Estudar os empreendimentos comerciais comandados por Oscar Joseph de Plácido e Silva a partir de 1919 é importante para entender o que mudou no mercado editorial brasileiro e que permitiu, vinte anos depois, a criação da Editora Guaíra.

O Capítulo 1 começa justamente onde a Introdução se encerra. Nele, é apresentada cronologicamente a história dos empreendimentos editoriais levados a cabo por Oscar Joseph De Plácido e Silva entre 1919 e 1961. É abordada a criação, em 1919, da Empresa Graphica Paranaense, proprietária do jornal *Gazeta do Povo* e responsável pela impressão dos livros escritos por De Plácido e Silva e outros autores ligados ao jurista. Em seguida, a fundação, em 1939, da Editora Guaíra. A trajetória da editora está segmentada em três momentos: entre 1939 e 1949, período no qual a Guaíra teve uma forte atuação como editora de livros; entre 1949 e 1955, época de circulação da revista *Guaíra*; e, finalmente, entre 1955 e 1961, período marcado pelo ocaso da editora curitibana. A troca de correspondência entre os representantes da editora e o escritor mineiro João Dornas Filho serve como uma espécie de fio condutor da narrativa histórica.

No Capítulo 2, é elaborado um estudo da Coleção Estante Americana. Essa coletânea começou a ser desenhada em 1937, antes mesmo da existência da Guaíra, quando Jorge Amado, então perseguido pelo regime varguista, fez uma viagem por vários países do continente americano, passando por grandes metrópoles e cidades de aspecto colonial. Um dos frutos dessa jornada foi a tradução do romance *Dona Bárbara*, do venezuelano Rómulo Gallegos. Apresentado a várias editoras do eixo Rio-São Paulo, o livro de Gallegos foi acolhido por De Plácido e Silva, que instou o escritor baiano a elaborar uma lista com outros títulos de escritores do continente para que se compusesse uma coleção. Os principais pontos abordados nesse capítulo são as análises feitas por Amado acerca dos mercados editoriais do continente e seu papel na escolha das obras de autores hispano-americanos que seriam publicadas na coleção. Além disso, são analisados os processos de translado dos títulos de origem hispano-americana publicados na Estante Americana, assim como dois livros pensados para a coleção, mas que não chegaram a vir a lume: a tradução do romance *Royal*

Circo, de Leónidas Barletta; e *Sinhô Badaró*/*São Jorge dos Ilhéus*, obra trabalhada por Amado no começo dos anos 40 e que chegou a ser anunciada pela Guaíra.

Por fim, no Capítulo 3, é estudada a Coleção Caderno Azul. Dirigida por dois expoentes do movimento modernista, Sérgio Milliet e Luís Martins, os "cadernos azuis", como eram chamados, representaram a tentativa da Guaíra de ampliar seu público leitor com títulos de pequeno formato e bom preço. Coleção sem grande restrição temática, uma vez que apenas livros de poesias não eram publicados, os cadernos azuis reuniam obras de tamanho reduzido – em torno de 120 páginas. Ao explorar esse novo mercado, a editora conseguiu montar com a coleção um catálogo composto por importantes escritores e intelectuais dos anos 40, como Mário de Andrade, Roger Bastide, Brito Broca, Donald Pierson, entre outros. Os principais enfoques do capítulo estão no processo de construção do primeiro livro publicado na coleção, *Música do Brasil*, de Mário de Andrade, e na troca de correspondências entre Luís Martins e os representantes da editora curitibana, que versavam sobre o andamento da coleção, os autores que seriam publicados, a publicidade e a distribuição dos livros. O capítulo é encerrado com a comparação entre as coleções Caderno Azul e Mosaico, esta última da editora paulista Livraria Martins, e a importância que essas coleções de livros de pequeno formato tiveram na construção dos catálogos das editoras.

Foi feita a opção pela manutenção da ortografia original tanto nas citações de trechos de jornais quanto na transcrição das cartas, com eventuais erros gramaticais e de grafia. Boa parte dos periódicos consultados está disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, sem a qual esta pesquisa não teria sido possível. Outro alicerce deste trabalho foram as pesquisas realizadas em bibliotecas e arquivos brasileiros. Entre as principais instituições visitadas e consultadas estão o Arquivo Público Mineiro (MG), a Biblioteca Mário de Andrade (SP), a Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), o Instituto de Estudos Brasileiros (SP), a Biblioteca Pública do Paraná (PR) e a Biblioteca Florestan Fernandes, da Universidade de São Paulo (SP).

CAPÍTULO 1 – OSCAR JOSEPH DE PLÁCIDO E SILVA E A HISTÓRIA DE SEUS EMPREENDIMENTOS EDITORIAIS (1919-1961)

Nascido em junho de 1892 na cidade de Alagoas do Sul, no estado de Alagoas, Oscar Joseph de Plácido e Silva radicou-se ainda muito jovem em Maceió, com o objetivo de completar o ensino ginasial. No começo de 1912, migrou, a convite de seu irmão João Alfredo, para Curitiba.[1] No Paraná, tornou-se jurista de renome e foi fundador de várias firmas comerciais e editoriais. Dois dos seus empreendimentos mais bem-sucedidos foram a *Gazeta do Povo*, ainda hoje um dos principais jornais da Região Sul do Brasil, e a Editora Guaíra, que conseguiu ter destaque no mercado brasileiro de livros em meados dos anos 40.

Há duas biografias que apresentam a trajetória profissional e momentos da vida pessoal de De Plácido e Silva. A primeira delas, *De Plácido e Silva, o iluminado*, escrita por sua filha, Juril de Plácido e Silva Carnasciali, foi publicada em setembro de 2000 e teve como origem uma série de crônicas escritas para a *Gazeta do Povo* por ocasião do centenário de nascimento do pai da jornalista. Na apresentação do texto, Carnasciali aponta que "como uma das quatro filhas e a única que teve o privilégio de sempre estar trabalhando a seu lado, convivendo com ele, dia a dia, cabia-me essa missão".[2] Um dos objetivos do livro é deixar aos descendentes do jurista "seu exemplo de vida" e mostrar que ele "foi um vencedor em todas as atividades que exerceu".[3] O texto é rico em referências sobre a trajetória profissional do biografado, com a apresentação de datas e informações sobre os investimentos comerciais levados a cabo por ele. Além disso, há um sólido conjunto de fotografias em que são mostrados vários momentos de sua vida. O segundo livro, *Ensaio De Plácido e Silva*, foi escrito por Wilson Bóia e publicado em 2002 pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. A biografia de Bóia está dividida em vinte capítulos que abordam, de maneira segmentada, fases da vida do jurista – "Primeiros passos", "Chegando à Curitiba", "O jornalista", "O romancista" e "O editor" são alguns dos capítulos do livro.[4]

---

[1] BÓIA, Wilson. *Ensaio De Plácido e Silva*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2002. p. 21.

[2] CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado.* Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 7.

[3] *Ibidem*, p. 9.

[4] As biografias de redigidas por Juril Carnasciali e Wilson Bóia devem ser vistas com algumas ressalvas. É possível observar que ambos os textos foram construídos privilegiando aspectos positivos e enobrecedores da trajetória de Oscar Joseph de Plácido e Silva. Passagens da trajetória do jurista que poderiam ser consideradas negativas foram deliberadamente deixadas de lado. Já a promoção de uma coleção de livros de

O objetivo deste capítulo é fazer uma espécie de biografia da Editora Guaíra. O recorte temporal a ser abordado inicia-se em 1919, ano de fundação da *Gazeta do Povo* e da Empresa Graphica Paranaense, e termina em 1961, ano de encerramento das atividades da editora. Pretende-se, com esse arco temporal que excede a própria existência da Guaíra, destacar os investimentos editoriais de Oscar Joseph de Plácido e Silva durante os vinte anos que antecederam a fundação da empresa. Vale lembrar que a Guaíra não representou a primeira aventura editorial do jurista paranaense. Quando encontrou condições financeiras e de mercado para fundar uma editora, De Plácido e Silva já possuía uma vasta rede de contatos dentro e fora de seu estado, conhecimento do funcionamento do mercado editorial e dos fornecedores de matérias-primas concernentes à produção livreira e a expertise de como produzir livros em média escala. Essas informações são importantes na compreensão de como a Guaíra conseguiu se manter tantos anos no mercado e atuando de diferentes maneiras. Na reconstrução das trajetórias do editor e da editora, são utilizadas as duas biografias supracitadas, uma série de entrevistas que De Plácido e Silva concedeu durante seu período como diretor da Guaíra, reportagens de jornais locais e um importante conjunto de correspondências trocadas entre a editora e o escritor mineiro João Dornas Filho.

1.1 A Empresa Graphica Paranaense (1919-1939)

Meses depois de se radicar em Curitiba, De Plácido e Silva ingressou no curso de Direito da recém-fundada Universidade do Paraná. Foi o primeiro aluno matriculado e o primeiro funcionário contratado pela instituição. Em seu período como estudante, presidiu o Centro Acadêmico e dirigiu a *Revista Acadêmica*, órgão do CA da Universidade. Após colar grau, em 1917, e revalidar seu diploma na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, no Rio de Janeiro, foi convidado por Benjamin Lins, professor e um dos fundadores da universidade paranaense, a trabalhar em seu escritório. Da convivência de ambos, surgiu a ideia de criar um jornal, a *Gazeta do Povo*.

---

escritores socialistas – a Estante do Pensamento Social – pela Editora Guaíra, por exemplo, é manejada por Carnasciali para ressaltar um suposto "espírito livre" de seu pai. Ver: CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado.* Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 120. Ao fazer uma explanação sobre os romances publicados pela Guaíra, Bóia defende que "com sua visão de homem superior, [De Plácido e Silva] sabia como ninguém conciliar na mesma balança sucesso comercial ao bom gosto literário". Ver: BÓIA, Wilson. *Ensaio De Plácido e Silva*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2002. p. 88. Esses são apenas dois exemplos de uma espécie de atitude defensiva (contra os ataques e perseguições que ele teria sofrido) e laudatória (dos seus feitos jurídicos e intelectuais) presentes nas duas biografias. Tendo em vista tais questões, foi privilegiado o uso das informações que ambos os textos oferecem, deixando de lado esse tom explicitamente elogioso.

Pouco antes da circulação do jornal, Lins e De Plácido e Silva fundaram a Empresa Graphica Paranaense (EGP). Organizada sob a forma de Sociedade Anônima, caberia à EGP prestar serviços gráficos e administrar o jornal. O montante necessário para a compra do maquinário e aluguel das oficinas foi obtido com um grupo de comerciantes e industriais locais.[5] Entre os colaboradores que ajudaram na constituição da companhia havia uma clara predominância de ervateiros, além da participação de um grande empresário do ramo de madeira, Alberico Xavier de Miranda.[6] O capital inicial da EGP era de 40 contos de réis.[7] Pouco tempo depois, em janeiro de 1919, Benjamin Lins publicou um manifesto anunciando o lançamento do jornal. Nesse documento, Lins defendeu que o periódico pertenceria a uma associação de:

> [...] homens livres pelo espírito e pelo sentimento, aos quais pareceu não ser demais, um órgão de publicidade, conduzido por quem não é jornalista profissional e, que por isso mesmo, pode traduzir as nossas palpitantes necessidades, sob um critério bastante amplo, desde um reclamo das classes conservadoras até as aspirações justas das classes operárias.[8]

Como aponta Cláudio DeNipoti, havia, naquele período, "um ímpeto por passar para a palavra impressa um sem número de ideias que circulavam naquela sociedade".[9] Com isso, "associações relativamente espontâneas manifestavam-se através da imprensa, fosse para difundir novas ideias no campo artístico ou literário, fosse para propagandear a fé em suas diversas manifestações".[10] Talvez para se prevenir da acusação de pertencer a algum grupo opositor do governo local, o primeiro número da *Gazeta do Povo*, publicado em 3 de fevereiro de 1919, trazia como subtítulo a inscrição "diário independente". Cada exemplar da folha era

---

5 CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado.* Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 108.

6 Segue a lista apresentada por De Plácido e Silva com as respectivas ocupações dos citados: Comendador João Guilherme Guimarães e seu filho Arcesio Guimarães, descendentes do Visconde de Nácar e produtores de erva-mate da região de Paranaguá; Ascanio Miró, produtor e beneficiador de erva-mate; Altevir de Abreu, comandante à época da fábrica de erva-mate Leão Junior; Agostinho Leão Junior, sócio e futuro presidente da Leão Junior; David da Silva, diretor do engenho de erva-mate David Carneiro & Cia.; Alberico Xavier de Miranda, empresário responsável pela instalação, em 1912, da Serraria Florestal, localizada em Irati; Abílio de Abreu, comerciante; Esaú Teixeira, comerciante. Ver: *Ibidem*, p. 66.

7 *Ibidem*, p. 108.

8 LINS, Benjamin, *apud ibidem*, p. 59-60.

9 DENIPOTI, Cláudio. *A sedução da leitura*: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930). Porto Alegre: Fi, 2018. p. 89.

10 *Ibidem*, p. 90.

vendido ao preço de $100 (cem réis). A direção da *Gazeta* era exercida por Benjamin Lins. Já De Plácido e Silva ocupava o cargo de secretário. A redação e as oficinas ficavam localizadas na Rua Dr. Muricy, importante via do centro de Curitiba.

Logo na primeira edição, foi feita a defesa da candidatura de Ruy Barbosa à presidência da República. Esse apoio ao jurista baiano não passou despercebido pelos editores do jornal *A República*, órgão do Partido Republicano Paranaense.[11] Uma nota publicada pelo periódico oficial, por exemplo, referia-se à *Gazeta do Povo* como um jornal "teatino", sem dono.[12] Era uma crítica não só ao posicionamento político da *Gazeta*, mas também à falta da figura de um proprietário, consequência da organização em forma de Sociedade Anônima.[13]

Em julho daquele ano, Benjamin Lins se afastou da direção do vespertino. Seu cargo foi ocupado por De Plácido e Silva. Sob seu comando, foi reforçada a posição crítica do jornal em relação ao modelo político da Primeira República e, em especial, ao governo paranaense.[14] O executivo estadual fez pressão para que a Universidade do Paraná afastasse De Plácido e Silva de seu cargo na instituição. Como resposta, o jurista pediu, em setembro de 1919, licença da Universidade.[15] Com isso, De Plácido e Silva pôde dedicar-se à direção da *Gazeta do Povo* e à administração da EGP.

---

[11] Com a morte de Rodrigues Alves, eleito presidente em 1918, uma nova eleição foi organizada. Pelo Partido Republicano Mineiro, concorreu o senador paraibano Epitácio Pessoa. O Partido Republicano Paulista lançou a candidatura do senador baiano Ruy Barbosa. A primeira chapa foi eleita com pouco mais de 286 mil votos (71% dos votos). O órgão oficial do Partido Republicano Paranaense declarou, em editorial, seu apoio à candidatura de Epitácio Pessoa. É provável que tenha começado aí a rivalidade nutrida pelos redatores de *A República* em relação à *Gazeta do Povo*, disputa essa que se manteve durante a década de 1920. Ver: ÀS URNAS. *A República*, Curitiba, p. 1, 12 abr. 1919.

[12] UM JORNAL 'teatino' – isto é: sem dono. *A República*, Curitiba, p. 1, 14 fev. 1919.

[13] Em declaração conjunta, os diretores do Centro de Industriais de Madeira e do Centro dos Industriais de Erva-Mate defenderam que as associações sob seu comando não tinham nenhum interesse nem nas oficinas, nem na direção material ou intelectual do jornal recém-fundado. Era a maneira encontrada por esses dirigentes de indicar que a aprovação de alguns produtores de erva-mate e madeira não deveria ser vista como um apoio institucional das associações à *Gazeta do Povo*. Ver: DECLARAÇÃO. *Diário da Tarde*, Curitiba, p. 3, 17 fev. 1919.

[14] Vale lembrar que a oposição à Primeira República foi uma das principais marcas da *Gazeta do Povo*. Em discurso proferido em 1949, De Plácido e Silva apontou que "com a GAZETA, tivemos participação na inconfidência de Vinte e Dois. Fomos cúmplices no Movimento de Vinte e Quatro". Além disso, foram "companheiros conscientes, de todas as conspirações que se repetiam, até que o espírito revolucionário triunfasse com a jornada de Três de Outubro". DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph, 1949, *apud* CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado*. Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 68.

[15] *Ibidem*, p. 73-75. Logo após deixar a Universidade, o jurista lecionou matérias relacionadas às áreas de Direito Comercial e Prática Jurídica Geral na Academia Paranaense de Comércio, renomeada, em 1937, para "Escola Técnica de Comércio De Plácido e Silva", momento no qual se tornou proprietário da instituição. Dirigiu a Escola Técnica até seu falecimento, em 1963.

Juril Carnasciali aponta que "no ano seguinte, a 30 de junho [de 1920], com o capital de 80 contos réis, [a Sociedade Anônima] foi transformada em Sociedade por Cotas Limitadas sob a firma de Plácido e Silva e Cia. Limitada".[16] Instituída pelo Decreto n. 3708, de 10 de janeiro de 1919, o modelo de sociedade por cotas de participação limitada estabelecia a divisão do capital social da empresa em cotas; dessa maneira, ficava limitada a responsabilidade dos sócios à importância total do capital social.[17] Esse novo tipo de associação assegurava o patrimônio dos cotistas em um eventual caso de falência. Em assembleia realizada na data de 22 de setembro de 1921, o capital da companhia "foi elevado para 110 contos réis e a firma passou a funcionar, oficialmente, com livraria e papelaria".[18]

Os dados apresentados por Carnasciali mostram o gradual crescimento do capital da EGP. Com essa expansão, houve o aumento do número de páginas da *Gazeta do Povo*, que de quatro passou a circular com seis páginas a partir de julho de 1921. Em outubro daquele ano, foram inauguradas máquinas linotipos "de último modelo, e, com capacidade para compor o jornal e todas as obras editadas e manufaturadas nas suas oficinas, pois muitas eram as obras editadas pela empresa".[19]

Antes mesmo de adquirir o novo maquinário, a gráfica já havia iniciado a publicação de jornais, periódicos e folhetos para terceiros: ainda em 1919, começou a imprimir a revista *União e Trabalho*.[20] Em meados dos anos de 1920, foram editados nas oficinas da empresa o periódico o *Commercio do Paraná*[21] e o matutino redigido em língua alemã *Volkzeitung*.[22] A partir de fevereiro de 1925, a EGP tornou-se responsável pela impressão da revista *Paraná-Judiciario*, dirigida pelo desembargador Vieira Cavalcanti Filho, diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. A qualidade da edição da revista foi motivo de elogios: o

---

[16] CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado.* Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 108.

[17] BRASIL. Decreto n. 3.708, de 10 de janeiro de 1919. Regula a constituição de sociedades por quotas, de responsabilidade limitada. *Coleção das leis do Brasil*. v. 1, p. 154, 1919. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dpl/DPL3708-1919.htm. Acesso em: 10 jun. 2020.

[18] CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva, *op. cit*., p. 108.

[19] *Ibidem*, p. 108.

[20] De periodicidade mensal, a revista *União e Trabalho* foi lançada em julho de 1919 e circulou até meados de 1921. Consistia em um órgão da Associação Curitibana de Empregados do Comércio.

[21] A partir da edição de número 4453, publicada em 6 de novembro de 1924, foi inserida a inscrição "impresso nas oficinas da Empreza Graphica Paranaense" logo abaixo do título do jornal.

[22] UM NOVO colega. *O Dia*, Curitiba, n. 251, p. 4, 18 abr. 1924.

Commercio do Paraná anotou que "a novel e sympathica publicação se apresenta com optima feição material, o que muito recommenda os editores Placido e Silva e Cia Ltda".[23]

Nas oficinas da EGP também foram impressos os livros d'*A Novella Mensal*, principal empreendimento editorial realizado em Curitiba nos anos 20. A sociedade que deu origem às publicações foi fundada nos últimos meses de 1925 por Rodrigo Júnior e Octávio de Sá Barreto, dois escritores curitibanos que conciliavam as Letras com outras atividades profissionais. Sá Barreto trabalhava como assessor na Secretaria Geral do Estado, e Rodrigo Júnior, na farmácia de propriedade de sua família. Segundo Regina Iorio, que analisou os livros publicados, *A Novella Mensal*:

> [...] pretendia publicar livros exclusivamente de escritores paranaenses, independentemente de escolas e estilos literários. A preferência era por obras em prosa – contos, romances ou novelas. Tal escolha decorria de diversos fatores, entre os quais, principalmente, a percepção de que este gênero teria mais aceitação por parte do público, o que facilitaria as vendas. Relacionava-se, também, ao fato de o Paraná não ter sido ainda o berço de nenhum prosador de renome, embora tivesse vários poetas consagrados nacionalmente. Na concepção dos criadores da editora, a revelação deste "romancista" paranaense poderia impulsionar as vendas.[24]

Em dezembro de 1925, saiu do prelo o primeiro livro publicado pela editora. *O automóvel nº117* era um conjunto de novelas e contos assinados por Sá Barreto. Assim como os outros livros que seriam publicados posteriormente, tinha um formato pequeno e uma capa chamativa, assinada por Euclides Chichorro. A tiragem era de apenas quinhentos exemplares, sendo que boa parte deles estava com a venda garantida devido a um esquema de subscrições criado pelos dois administradores da empresa. Quem procurasse a obra nas livrarias locais a encontraria por 2$500. O segundo título, assinado por Rodrigo Junior e com capa de Estanislau Traple, foi publicado somente em março do ano seguinte. Era uma novela de tom melodioso intitulado *Um caso fatal*. A tiragem foi, novamente, de quinhentos exemplares. Os dois livros receberam elogios da imprensa tanto pelo seu conteúdo quanto pela qualidade técnica da publicação.[25]

Iorio informa que, logo após receber o reforço do jornalista Raul Gomes como um dos diretores da empresa, foi feita a opção pela mudança do título da publicação, que passou a se

---

[23] PARANÁ-Judiciário. *Commercio do Paraná*, Curitiba, n. 4724, p. 8, 1º jan. 1925.

[24] IORIO, Regina Elena Saboia. *Intrigas & Novelas*: literatos e literatura em Curitiba na década de 1920. 2004. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. p. 242.

[25] *Ibidem*, p. 243-253.

chamar *A Novella Paranaense*. Sob esse nome, foram publicados mais cinco obras: *Desespero de Cham*, de Raul Gomes; *A senhorita mysterio*, de Serafim França; *O monstro*, de Euclides Bandeira; *Veneno de cobra*, de Laertes Munhoz; e, por fim, *Agonia*, de Viriato Ballão. Os quatro primeiros títulos foram publicados entre 1926 e 1928; tinham em comum a tiragem – de mil exemplares –, as capas coloridas e o apuro técnico da produção. *Agonia*, de Viriato Ballão, foi a última obra publicada pela empresa. Tinha uma tiragem de mil e quinhentos exemplares e uma capa feita em apenas duas cores. O livro não só encalhou como decretou o fim da editora fundada poucos anos antes.[26] Apesar de não haver indícios de algum tipo de participação de De Plácido e Silva nesse empreendimento, não deixa de chamar atenção o apuro técnico alcançado pela EGP em poucos anos de funcionamento.

Além dos títulos de *A Novella Mensal*/*A Novella Semanal*, a EGP imprimiu, até meados da década de 1940, mais de uma centena de livros de literatura, pesquisas históricas e acadêmicas, publicações técnicas e folhetos voltados aos setores da Administração Pública, sendo quase todos eles de autoria de escritores paranaenses. Em entrevista concedida ao periódico carioca *Dom Casmurro*, De Plácido e Silva apontou que, em seus primeiros anos, a EGP se equilibrou entre a prestação de serviços gráficos para terceiros e um trabalho propriamente editorial que não logrou ir adiante:

> Por varias vezes tentei manter uma editora. Desde 1922, quando lancei meu primeiro livro, "Noções Praticas de Direito Comercial", hoje na 3ª edição e nas vesperas da 4ª, que me venho ensaiando neste setor. Naqueles bons tempos organizei mesmo na "Empresa Grafica Paranaense" uma secção editora que publicou algumas obras, entre as quais varias de Nilo Cairo, o grande criador da Universidade do Paraná. Os tempos não eram propicios. A ideia não logrou ir avante, embora sentisse sempre um desejo irresistivel de enveredar por essa rota.[27]

Além de publicações para terceiros e de serviços de editoração para alguns intelectuais locais, De Plácido e Silva usou a EGP como editora das obras de sua autoria. Esses livros, publicados entre 1923 e 1937, versaram sobre Direito Comercial, sua especialidade, e sobre o modelo administrativo da Caixa Econômica Federal. Bóia assinala que "logo após a revolução de 1930, era De Plácido designado por Getúlio Vargas para integrar, com outros, o Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Paraná, cargo que exerceria sem auferir

---

[26] IORIO, Regina Elena Saboia. *Intrigas & Novelas*: literatos e literatura em Curitiba na década de 1920. 2004. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004, p. 287-288.

[27] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [Entrevista concedida a] *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n. 155, p. 5, 29 de jun. de 1940.

remuneração até o ano de 1934". O jurista administrou a instituição entre agosto de 1934 e abril de 1938, quando foi destituído do cargo. Sua produção sobre a Caixa Econômica decorreu dessa experiência.[28] Em entrevista concedida a Silveira Peixoto, De Plácido e Silva comentou sobre a conciliação dos papéis de autor e de editor:

> Em regra, tenho sido o editor de meus próprios livros. Custeio os trabalhos da impressão e faço, por mim mesmo, a distribuição deles, em parceria com outros editores e livreiros. [...] Em razão disso, não posso queixar-me de direitos autorais. Ainda não pude conhecer qualquer divergência com as pseudas espertezas do editor, nem posso lamuriar-me de ator que tenha me prejudicado.[29]

Também é possível registrar, por meio de notícias publicadas nos órgãos de imprensa do Paraná, o funcionamento de outros empreendimentos ligados à gráfica. Já em 1920, a capa da revista *União e Trabalho* trazia um pequeno anúncio da "Papelaria da Empreza Graphica Paranaense". Nele, era anunciada a venda de livros escolares, artigos de escritório e papéis de todas as qualidades.[30] No ano seguinte, a propaganda, reelaborada, anunciava "presentes chics para anniversarios", "bellissimos tinteiros, papeis em caixinhas elegantes, artigos finissimos e de grande efeito".[31] A loja ficava localizada na parte térrea do prédio da *Gazeta do Povo*, na Rua Muricy. A papelaria foi a gênese da livraria, inaugurada ainda na primeira metade da década de 1920 no prédio onde antes funcionava a tradicional Livraria Econômica, na Rua XV de Novembro.[32] Numa cidade com quase 79 mil habitantes, a Rua XV se projetava nos anos 20 como:

> [...] a passarela moderna e elegante que dá vida à cidade e inaugura o *"footing"* nos domingos e feriados. Durante a administração Cândido de Abreu [1913-1916], a

---

[28] Os livros publicados foram: *Noções de práticas de direito commercial* (1923), *O novo regulamento das vendas mercantis* (1924), *O cheque*: sua função econômica na circulação das riquezas e seus caracteres legais (1936), *Privilégios e imunidades das Caixas Econômicas Federais* (1937), *Depósitos e depositantes* (1937), *Do mandato*: seu conceito, suas espécies e seu funcionamento (1937), e *Caixas Econômicas Federais* (1937). Para mais, ver: BÓIA, Wilson. *Ensaio De Plácido e Silva*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2002. p. 63-67.

[29] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [Entrevista concedida a] SILVEIRA PEIXOTO, José Benedicto. *Falam os escritores*: segunda série. Curitiba: Guaíra, 1941. p. 292.

[30] *União e Trabalho*: Orgam da Associação Curitybana dos Empregados no Commercio, Curitiba, n. 13-14, jul./ago. 1920.

[31] *União e Trabalho*: Orgam da Associação Curitybana dos Empregados no Commercio, Curitiba, n. 20, fev. 1921.

[32] CONFERÊNCIA Literária. *Commercio do Paraná*, Curitiba, n. 4720, p. 1, 28 jan. 1925. No andar superior do edifício, passou a funcionar a redação da *Gazeta do Povo*. Mas a Livraria Econômica não deixou de existir. Sua sede foi transferida para o antigo endereço da EGP.

> Barão e Rua XV são alargadas e o centro pavimentado de paralelepípedos; os passeios rebaixados e revestidos de ladrilhos e mosaicos (petit pavê), tornando mais fácil e seguro o tráfego de transeuntes. Abrem-se casas de moda e lojas chiques de artigos femininos e masculinos, expostos em amplas vitrines. Surgem os cafés de mesa de vime e cadeiras de palhinha onde, sentados à roda, se reúnem e se agitam os intelectuais e artistas da terra. Abrem-se casas de pasto, restaurantes e confeitarias, agências bancárias, cinemas (Central, Mignon), redações de jornais, que alimentam crescente agitação e o burburinho das ruas.[33]

A livraria parece ter crescido rapidamente em seu novo endereço, pois, em 1926, publicou um catálogo com mais de oitocentos títulos.[34] Um ano antes, algumas dessas obras já haviam sido divulgadas em sucessivas edições do *Commercio do Paraná*. Esses catálogos publicados no jornal mostram a presença de autores brasileiros e estrangeiros no acervo da livraria.[35] Os escritores brasileiros com mais títulos arrolados eram José de Alencar, com doze, e Machado de Assis, com treze. Outros escritores nacionais presentes no catálogo eram Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Aureliano Leite, Abílio de Noronha, Sampaio Doria e Delphim Guimarães. Os britânicos Herbert George Wells e Samuel Smiles, assim como um grande número de autores franceses, também foram listados. Posteriormente, foi publicado um catálogo composto por uma "bibliotheca de sciencias occultas".[36]

O novo estabelecimento, além do comércio de livros e de produtos de papelaria,[37] dedicava-se à venda de revistas voltadas a diversos públicos, como *Romance Jornal*, *Romance Semanal*, *Revista Infantil*, *A Casa*, *O Brasil Technico*, *Rio Musical*, entre outras publicações.[38] Além disso, em várias oportunidades, o espaço foi utilizado como ponto de venda de ingressos para atividades culturais realizadas em Curitiba, como as atrações do velho Teatro Guaíra.[39]

---

[33] PINTO, Rui Cavallin. A Rua XV de Novembro – Patrimônio Cultural do Estado. *Memorial*, Ministério Público do Paraná, Curitiba. Disponível em: http://www.memorial.mppr.mp.br/pagina-38.html. Acesso em: 11 abr. 2020.

[34] DENIPOTI, Cláudio. *A sedução da leitura*: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930). Porto Alegre: Fi, 2018. p. 75.

[35] OS BONS livros. *Commercio do Paraná*, Curitiba, n. 4965, p. 4, 24 mar. 1925.

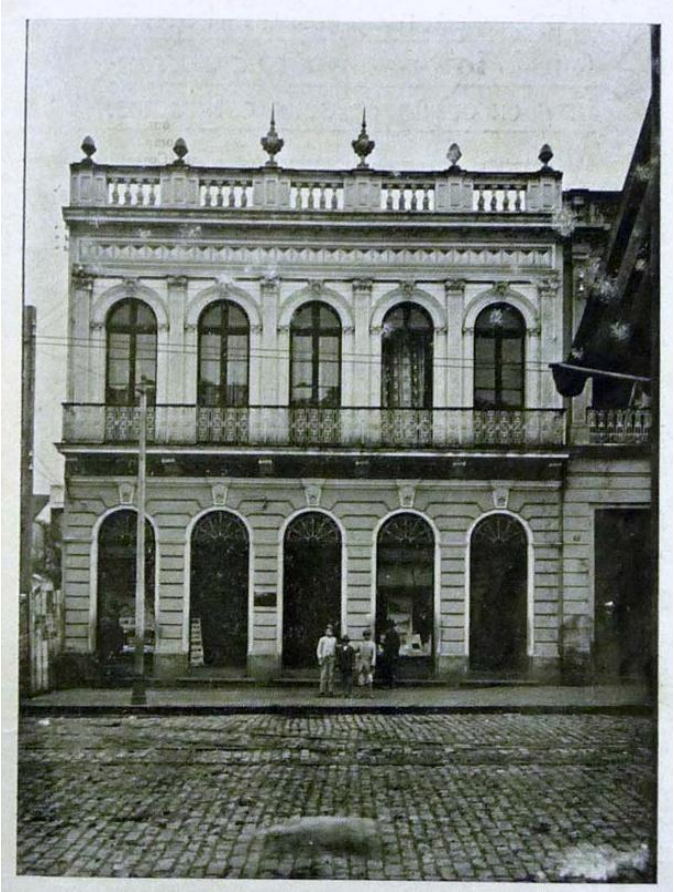
[36] OS BONS livros – Catalogo numero 3. *Commercio do Paraná*, Curitiba, n. 4612, p. 2, 20 maio 1925.

[37] *Commercio do Paraná*, Curitiba, n. 4628, p. 5, 4 abr. 1925.

[38] LEIAM as melhores revistas brasileiras. *Commercio do Paraná*, Curitiba, n. 4620, p. 3, 29 maio 1925.

[39] Principal palco da cena teatral curitibana, o Teatro Guaíra foi reformado e inaugurado em novembro de 1900, no local onde hoje está instalada a Biblioteca Pública do Paraná. Interditado em 1937, foi totalmente demolido em 1939. Segundo depoimento de Bianca Biancchi, "o Teatro Guaíra era um teatro pequeno, era o antigo teatro do tempo do império, que se chamava Teatro São Teodoro. Ele era um teatrinho pequeno [...],

Imagem 1 – Fachada da Livraria Econômica, em 1916[40]



Fonte: *Revistas Curitibanas*: 1900-1920.

À época de fundação da EGP, o mercado brasileiro de livros era disputado por editoras dos países europeus, em especial as obras de ficção traduzidas em Portugal e textos editados (em língua original) por empresas francesas. Porém, Laurence Hallewell aponta que, com os efeitos da Crise de 1929, houve uma queda na importação de livros desses dois mercados. Assim, "pela primeira vez desde o início do século XIX, o livro brasileiro – vendido a mais ou menos 6$000 para um romance normal – tornava-se competitivo em seu próprio mercado nacional. Era a grande oportunidade para uma editora nacional de ficção traduzida".[41]

O preço competitivo do livro nacional e o fechamento dos mercados portugueses e franceses após o início da Segunda Guerra, em 1939, foram os principais fatores que

---

era um teatro todo com cadeiras entalhadas, todas douradas, os frisos eram assim. Era uma beleza de um teatro". BIANCCHI, Bianca, 1995, *apud* ROMANOVSKI, Natália. *Um grupo abstrato*: cultura, geração e ambições modernas na revista Joaquim. 2014. 238 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 39.

[40] Anos depois, esse prédio seria sede da Empresa Graphica Paranaense.

[41] HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp, 2012. p. 440.

motivaram o crescimento do mercado editorial brasileiro, em que pese a escassez de papel durante quase todo o período do conflito. Segundo Sergio Miceli,

> [...] o surto editorial da década de 1930 é marcado pelo estabelecimento de inúmeras editoras, por fusões e outros processos de incorporação que ocorrem no mercado editorial e, ainda, por um conjunto significativo de transformações que acabaram afetando a própria definição do trabalho intelectual: aquisição de rotativas para impressão, diversificação dos investimentos e programas editoriais, recrutamento de especialistas para os diferentes encargos de produção e acabamento, inovações mercadológicas nas estratégias de vendas – implantação do serviço de reembolso postal, contratação de representantes e viajantes etc. –, mudanças na feição gráfica dos livros, com o intento de ajustar o acabamento das edições às diferentes camadas de público, e, sobretudo, empenho das principais editoras em verticalizar o processo produtivo e diversificar suas atividades.[42]

Em meio a esse processo de barateamento do livro nacional e de fechamento dos mercados estrangeiros, De Plácido e Silva realizou duas novas tentativas de criar uma editora de livros. A primeira se deu nos primeiros meses de 1939, quando o jurista paranaense se uniu ao jornalista paulista Genauro de Carvalho na criação da Editora Rumo.[43] De vida curta, a Rumo publicou poucos livros; entre eles: *Canção do bêco*, de Júlio Dias da Costa; e *Onda raivosa*, de Joel Silveira. Nas capas, logo abaixo do nome da editora, as cidades de São Paulo e de Curitiba eram assinaladas como os locais de publicação. Mas a parceria foi rapidamente desfeita.[44] A segunda tentativa se deu nos últimos meses daquele mesmo ano, com a fundação da Editora Guaíra Ltda. Além das transformações citadas por Miceli, a criação da Guaíra foi possível graças ao amadurecimento das relações tecidas por De Plácido e Silva no Paraná. No fim da década de 1930, o jurista possuía uma extensa rede de contatos que unia professores da universidade local, pessoas ligadas à administração estadual (devido ao cargo que ocupava de presidente da Caixa Econômica Federal do Paraná[45]), escritores que usufruíam dos serviços gráficos prestados pela EGP ou que frequentavam a livraria da empresa. Com isso,

---

[42] MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 148.

[43] É provável que a parceria tenha começado em 1938, quando Genauro de Carvalho publicou *Histórias do Macambira*, livro de contos escrito por De Plácido e Silva, e uma biografia do pintor Alfredo Andersen, de autoria de Carlos Rubens, amigo do jurista paranaense. Assim como os dois títulos publicados pela Editora Rumo, essas obras foram, posteriormente, incorporadas ao catálogo da Guaíra. Nas entrevistas que concedeu durante o período em que dirigiu a Guaíra, De Plácido e Silva não chegou a citar essa tentativa de criar uma editora paulista e paranaense.

[44] CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado.* Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 117.

[45] Vale lembrar que De Plácido e Silva foi apoiador de primeira hora da Revolução de 1930. Esse incentivo foi expresso nas páginas da *Gazeta do Povo*. Anos depois, De Plácido e Silva foi agraciado com a posição de comando da Caixa Econômica Federal do Paraná.

> [...] a publicação, seguida de outras obras e o contacto que eu ia tendo com os escritores amigos me foram empurrando para a acidentada atividade editorial. A GUAÍRA foi a floração espontânea de um germe que me veiu dos tempos ginasiais, onde já editara um jornalzinho ao lado de companheiros de colégio.[46]

O contrato de fundação da Editora Guaíra, arquivado na Junta Comercial do Paraná em 9 de novembro de 1939, apontava um capital de 20 contos de reis e apresentava como sócios De Plácido e Silva, Antônio Moacir Arcoverde e Rubens Amazonas Lima, genro do jurista.[47] O selo escolhido, impresso em todos os exemplares editados pela Guaíra, mostrava as quedas do Iguaçu. Os livros da nova editora eram impressos nas oficinas da Empresa Graphica Paranaense.

Logo após a fundação da editora, representantes da empresa e o próprio De Plácido e Silva começaram a recrutar autores e livros que pudessem ser editados. Um desses interlocutores foi João Dornas Filho.[48] Durante quase quinze anos, o escritor modernista avaliou obras, indicou nomes e publicou livros e textos pela editora paranaense. Entre Curitiba e Belo Horizonte, foi tecido o fio de uma teia muito maior, da qual, infelizmente, muitos elos foram perdidos. Dessa forma, as cartas enviadas ao longo desse período por diversos representantes da Guaíra e arquivadas por Dornas Filho foram analisadas com o objetivo de reconstruir a história da editora, assim como para se compreender a relação da empresa com um escritor e intelectual de grande importância em Minas Gerais durante a primeira metade do século XX.

1.2 A Editora Guaíra Ltda. (1939-1949)

Poucos dias após registar o documento de fundação da editora na Junta Comercial, De Plácido e Silva enviou uma carta a João Dornas Filho. Datada de 16 de dezembro, a

---

46 DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [Entrevista concedida a] *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n. 155, p. 5, 29 de jun. de 1940.

47 CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado.* Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 118.

48 No começo de 1951, Dornas Filho fez, a pedido da Editora Guaíra, uma breve autobiografia para ser incluída na seção "Roteiro Literário" da revista da editora. Publicado na edição de maio daquele ano, dizia o texto que "João Dornas Filho nasceu em Itaúna, Estado de Minas, a 7 de agosto de 1902. Fez o curso primário em sua terra natal e o secundário em Belo Horizonte, onde reside e é alto funcionário da Secretaria da Viação e Obras Públicas. É membro da Academia Mineira de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Minas e São Paulo. Colabora na imprensa de Minas, Rio e São Paulo. Com Guilhermino Cesar e Aquiles Vivaqua redigiu 'Leite Creoulo', jornal modernista que circulou em 1929 em Belo Horizonte. É um dos fundadores do núcleo da Associação Brasileira de Escritores em Minas Gerais do qual foi vice-presidente por duas vezes". *Guaíra*, Curitiba, n. 24, maio 1951. Roteiro Literário, p. 18.

correspondência relatava o início do funcionamento da empresa e convidava o escritor mineiro a publicar pela casa:

> [...] Estamos em grandes atividades na GUAIRA. Já dois livros puzemos na rua: um compendio da Quimica Pratica e o meu romance Odios da Cidade, cujo exemplar lhe foi enviado.
> Por esses dias sairá o Espigão de Samambaia do Leão Machado; e outros lhe irão seguindo.
> Um de n/ companheiros – Moacir Arcoverde – está no Rio agindo em proveito da "bicha". Teremos cousa bôa para o começo do ano: talves um livro de José Americo, uma tradução de Jorge Amado e o "Roteiro de Margarida" de Joel Silveira, alem do meu "Comentarios ao Codigo de Processo Civil e Comercial", quase pronto a entrar no prelo.
> Em sua encantadora terra, está como nosso agente comercial o sr. Antonio Leone – rua Curitiba 198. No que o presado amigo lhe poder ser útil muito lhe agradecemos.
> Nossa editora está começando, embora sob bons auspicios: si o amigo tive algo que deseje entregar-nos, bem como qualquer dos nossos por ai, teremos emprenho em entrar em entendimento. Nossa organização, sob o ponto de vista de expansão e vulgarização, está em ordem. Temos repercussão em todos os Estados e amigos por toda a parte. Elementos de valia para divulgação de qualquer obra. E até fora do pais: Montevidéo, já temos agentes comerciais que estão trabalhando.
> Vê o amigo o trabalhão que estamos tendo. Mas, os resultados virão.[49]

O papel utilizado nessa correspondência trazia no canto superior esquerdo algumas informações sobre De Plácido e Silva: a profissão (advogado), endereço residencial (Rua Dr. Muricy, 73) e profissional (Rua XV de Novembro, 287, sobreloja), além dos números de telefone. Não há no timbre qualquer menção à editora. Na carta, Dornas Filho recebeu informações que visavam convencê-lo de que a Guaíra era um bom lugar para publicar seus textos. A editora possuía um agente em Belo Horizonte e, apesar de recém-fundada, já havia lançado dois livros. Além disso, De Plácido e Silva informou a seu interlocutor que Moacir Arcoverde, sócio da empresa, encontrava-se no Rio de Janeiro em busca de títulos elaborados por escritores consagrados. O editor aventava a possibilidade de ter, em seu catálogo, ainda no começo do ano seguinte, dois nomes importantes de dois escritores brasileiros dos anos 30: José Américo de Almeida, autor de *A Bagaceira*; e Jorge Amado. Antes mesmo do envio da carta, Dornas Filho recebera uma edição de *Ódios da cidade*, romance escrito por De Plácido e Silva. Na carta, há um trecho grifado por Dornas Filho, que mostra o interesse do escritor mineiro pela proposta do editor.

A correspondência seguinte do diretor da Guaíra, datada de 3 de janeiro de 1940, foi enviada em uma folha com o timbre da editora na parte superior do papel. O endereço da

---

[49] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Curitiba, 16 dez. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 3, doc. 146). [Grifos do autor].

empresa era o mesmo de seu escritório. A carta oferece algumas pistas dos passos seguidos por Dornas Filho após o convite realizado na missiva anterior: remeteu a Curitiba uma reunião de contos de sua autoria, intitulada *Bagana apagada*, e apresentou uma proposta para a edição de textos de autoria de dois escritores mineiros – um tratado de agricultura, de Jairo Anatólio Lima, e um estudo biográfico de Alphonsus Guimarães, redigido por Emilio Moura. Em sua resposta, De Plácido e Silva avaliou que o tratado de Anatólio Lima era "assunto de maior base economica, visto que tem um publico certo nos alunos de agronomia", e questionou se o trabalho de Moura seria "de volumosa materia ou estudo ligeiro", indicando que teria interesse se a obra fosse um ensaio biográfico. Ao avaliar *Bagana apagada*, o editor fez uma breve explanação sobre a importância da publicidade na vendagem de um livro:

> BAGANA APAGADA – Pego a parada... Livro, bem sabe o amigo, não há bom nem ruim. Depende do trabalho feito em torno do mesmo. Creio, entanto, que o seu irá sem ser empurrado: o sopro donde vem é dos bons. Logo... a Bagana... tem que ser acesa, para o goso do leitor patricio. Estando em começo, consequentemente com todos os embaraços do negocio que se inicia, a Guaira vai tambem com modestia, esperando que o futuro lhe sorria. Em que condições que então o amigo dar á publicidade do livro? Fale, que depois de sua fala direi a minha.[50]

A leitura da correspondência mostra que os anos como editor de seus próprios livros, diretor-gerente de um dos principais jornais de Curitiba e dono de uma empresa gráfica dotada de livraria deram a De Plácido e Silva uma ideia muito clara de que o livro era uma mercadoria e, como tal, necessitava de publicidade para obter boas vendas. Alegando não ter grandes recursos disponíveis, De Plácido e Silva exortou Dornas Filho a traçar algumas estratégias publicitárias para a divulgação de seu livro. Além disso, o jurista compreendeu que determinados títulos atingiam apenas uma pequena parcela do público, como era o caso do tratado de agricultura. A organização de boa parte dos livros em coleções temáticas – Estante Americana (de livros de ficção de escritores do continente), Romances Brasileiros, Contos Brasileiros, Coleção Caderno Azul (de estudos ligeiros), Estante Guairacá (de estudos nacionais[51]), Estante do Pensamento Social, Estante Jurídica, Estante Infantil, Coleção Grandes Romances – ajudava não só no ordenamento do catálogo, mas também na publicidade dos títulos lançados, especialmente nas orelhas dos livros publicados. A obra de

---

[50] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Curitiba, 3 jan. 1940. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 3, doc. 151).

[51] A primeira orelha da capa de *O cavalo e a sombra dele*, de Enrique Amorim, apresentava a Estante Guairacá nestes termos: "Instituindo a 'Estante Guairacá', teve a GUAÍRA um gesto de pura brasilidade: – divulgar estudos úteis sobre coisas, factos e pessoas brasileiras, dignas, assim, de serem integradas à cultura nativa".

Anatólio Lima, renomeada para *Questões da Gleba*, saiu na Coleção Estudos Sociais e Técnicos/Série Agrícola.[52]

Mesmo sem ter exercido qualquer cargo na Guaíra, Dornas Filho assumiu, em 1940, a posição extraoficial de divulgador da editora curitibana, selecionador de escritores locais e crítico de diversos dos títulos publicados**.** Algumas das correspondências enviadas ao longo daquele ano e arquivadas pelo escritor mineiro reforçam esse papel de mediador: em carta sem data, o escritor Guilhermino César agradecia as informações recebidas sobre a editora e perguntava "quando virá" *Bagana apagada*,[53] o que indica que a carta foi escrita em 1940. Em outra correspondência, datada de 27 de outubro de 1940, Ovídio Bernardi informava que recebera uma carta da Editora Guaíra, comunicando-lhe que os originais de seu livro poderiam "ser submetidos à vossa crítica, como passo preliminar para a publicação em volume, caso êles satisfaçam as exigências do bom romance". Para Bernardi, tal notícia muito o contentava, pois sabia "que se trata[va] do julgamento de um dos grandes escritores de Minas".[54] No mês de dezembro daquele ano, o professor secundarista Arthur Brito Machado, da cidade de Ouro Preto, por meio de um cartão, perguntava a Dornas Filho se seria possível a Editora Guaíra editar um romance de sua autoria.[55]

Ao mesmo tempo em que exercia o papel de mediador entre os escritores locais e a Guaíra, Dornas Filho encontrava na editora paranaense um espaço para publicar seus próprios textos. Em carta datada de 22 de agosto de 1940, Moacir Arcoverde acusava o recebimento dos originais de *República* e tentava estabelecer as bases contratuais a partir da proposta inicial do escritor:

> Recebí o "Republica". Topamos a parada na base da sua proposta – 10% sobre a capa e 1% em volumes. Topamos; entretanto, trata-se tambem de se obter de você o seguinte: que as futuras edições do livros, seja-nos dada a preferencia. Preferencia nas mesmas condições. [...] Responda, afim de redigirmos o contrato e assentar outras coisas. Mais: estamos lutando aqui com algumas dificuldades. Que coisa: é o troço do papel; o papel é que é o diabo. O papel, homem de Deus. De forma que, tendo como temos, diversos livros anunciados na frente dele, é possivel que uma fatalidade baixe lá de cima e dificulte e mesmo impeça a saida do livro este ano. Se

---

[52] Abrangendo diversos temas, essa coleção foi dividida em séries. Conseguimos identificar três delas: Jurídica; Agrícola; e Médica.

[53] CÉSAR, Guilhermino. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. [*S. l.*], [1940?]. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 13, doc. 1290).

[54] BERNARDI, Ovídio. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. [*S. l.*], 27 out. 1940. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 3, doc. 169).

[55] MACHADO, Arthur Brito. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. [*S. l.*], 1º dez. 1940. Cartão. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 3, doc. 173).

> acontecer isto, brigamos por tão pouco? Acho que não; acho que não, porem não ha como a gente acertar as comidas logo, não é?[56]

O contrato foi celebrado em 25 de setembro de 1940 e suas bases parecem ter seguido o modelo de outros documentos de cessão de direitos assinados pela editora. *Apontamentos para a História da República*, título definitivo do livro, só saiu do prelo em janeiro de 1942, momento no qual Rubens Requião, representante da editora, informou a Dornas Filho que já havia providenciado o envio das vinte cópias às quais ele tinha direito. Além disso, Requião comunicou que, logo que estivesse "terminada a expedição para as livrarias", iria "enviar a dos criticos e noticiaristas, para efeito de propaganda, pela imprensa e radio".[57] Posteriormente, Dornas Filho requisitou à editora trinta cópias adicionais de seu livro, pelo qual pagou uma quantia de 270$000, o que representava um desconto de 40% do valor original.[58] Os cinquenta exemplares acumulados por Dornas Filho foram distribuídos entre seus pares. Silveira Peixoto,[59] Carlos Drummond de Andrade,[60] Nelson Werneck Sodré[61] e vários autores locais receberam o estudo sobre a República. Apesar do esforço do escritor, a pesquisa não apresentou grandes números. Um ano após o seu lançamento, Arnaldo Carnasciali fez, a pedido de Dornas Filho, um levantamento sobre a comercialização do livro: segundo o representante da Guaíra, *Apontamentos para a História da República* tinha vendido somente quinhentos exemplares ao longo de seu primeiro ano, gerando um lucro bruto de Cr$ 750,00.

Enquanto mantinha conversas com Dornas Filho, a Guaíra iniciou uma série de novos projetos editoriais. A publicação, em 1940, da tradução realizada por Jorge Amado de *Dona Bárbara*, de Rómulo Gallegos – fato que marcou o lançamento da Coleção Estante Americana – e o convite bem-sucedido a Sérgio Milliet e Luís Martins para dirigirem a Coleção Caderno

---

56 ARCOVERDE, Moacir. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Curitiba, 22 ago. 1940. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 3, doc. 165).

57 REQUIÃO, Rubens. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Curitiba, 21 jan. 1940. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 3, doc. 199).

58 EDITORA GUAÍRA. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. São Paulo, 2 fev. 1942. 1 nota. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho.

59 PEIXOTO, Silveira. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. São Paulo, 2 mar. 1942. Carta. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 3, doc. 0209).

60 ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Rio de Janeiro, 8 jun. 1942. Carta. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 3, doc. 0237).

61 SODRÉ, Nelson Werneck. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Rio de Janeiro, 2 mar. 1945. Carta. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (JDF-3-doc. 0391, cx.05).

Azul – que começou com a publicação de *Música do Brasil*, de Mário de Andrade – são exemplos da tentativa da Guaíra de se inserir no mercado como uma empresa capaz de reunir obras de escritores consagrados.[62] Ao mesmo tempo, De Plácido e Silva buscou criar a imagem pública de "uma editora moça", que tinha sua existência "voltada para os moços".[63] Em resenha elogiosa ao livro *Neblina*,[64] de autoria de José Carlos Borges, Joel Silveira relembrou a busca da Guaíra por escritores "novos":

> Quando De Placido e Silva e Moacir Arcoverde, em 1939, me escreveram a proposito da fundação de uma editora nova e me pediam que sugerisse alguns livros de "novos" para uma edição futura me lembrei logo de José Carlos Borges. Achava que os rapazes de Curitiba deveriam mandar buscar o "Neblina" e o editar imediatamente. A idéia foi logo topada, mas, entrementes, aconteceram diversas coisas. Só agora é que o "Neblina" aparece. Mas aparece em bôa hora, no momento exato em que o conto conquista no Brasil o seu lugar devido. Aparece num ambiente amigo e experimentado.[65]

A Guaíra, aos poucos, reuniu um grupo de ficcionistas "estreantes", ou seja, escritores que publicaram pela editora seus primeiros livros ou que debutavam em um novo gênero literário. Permínio Asfora (*Sapé*, 1940), Leão Machado (*Espigão da Samambaia*, 1939), José Carlos Cavalcanti Borges (*Neblina*, 1940) e Osvaldo Alves (*Um homem dentro do mundo*), por exemplo, estrearam pela editora paranaense. Já Dornas Filho (*Bagana apagada*, 1940), Raymundo de Souza Dantas (*Agonia*, 1945), Mario Graciotti (*O Homem-Plural*, 1945) e o próprio De Plácido e Silva (*Ódios da cidade*) publicaram pela casa seus primeiros títulos em novos gêneros literários.

---

[62] Sérgio Milliet e Luís Martins publicaram obras inéditas pela editora: Martins escreveu *Arte e polêmica* e o romance *Fazenda*; Milliet, por sua vez, escreveu a novela *Duas Cartas no meu destino*.

[63] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [Entrevista concedida a] *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n. 155, p. 5, 29 jun. 1940.

[64] *Neblina* foi publicado em meados de 1940 e teve como prefaciador Graciliano Ramos. Intitulado "justificação de voto", o texto relata como um dos contos do livro, "Coração de D. Iaiá", foi escolhido o vencedor de um concurso realizado pelo periódico *Dom Casmurro*, o que deu notoriedade ao jovem escritor. Logo nas primeiras linhas, Graciliano Ramos revelou sua antipatia por prefácios ou, de maneira mais ampla, por apresentações: "O Sr. José Carlos Borges deseja uma apresentação para o seu livro *Neblina*, ou antes para a história que inicia o livro. Não me agradam esses narizes de cera: revelam timidez no autor, penso eu, e dão ao prefaciador uns ares de padrinho, uma suficiência irritante. Pergunto a mim mesmo a serventia dum prefácio em obra de ficção. Se ela precisa dessa espécie de asbesto que a preserve da malevolência pública, não está realizada. Em geral as explicações de encomenda são inúteis. Parece que solicitam a condescendência dos leitores, exagerando qualidades boas e escondendo defeitos. De algum modo são as cartas de recomendação aos críticos. A estes compete escarafunchar, interpretar, julgar, trabalho que o encarregado do introito não poderia decentemente fazer, por falta de independência". Ver: RAMOS, Graciliano. Justificação de voto. *Linhas tortas*: obra póstuma. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 143.

[65] SILVEIRA, Joel. Podia ser pior. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n. 156, p. 2, 6 jul. 1940.

Além de obras de literatura, a Editora Guaíra possuía um catálogo robusto de livros de Direito, área em que a empresa obteve relativo destaque. Os títulos de Direito foram agrupados em duas coleções: a Estante Jurídica; e a Coleção Estudos Sociais e Técnicos/Série Jurídica.[66] O autor mais frequente na primeira antologia, com oito dos dezenove títulos lançados, era De Plácido e Silva. O editor da Guaíra reuniu na coletânea alguns textos editados anteriormente e novas monografias, caso, por exemplo, de *Comentários ao código de Processo Civil*, que abriu a coleção. Em entrevista concedida a Silveira Peixoto, De Plácido e Silva relembrou que a ideia de escrever *Noções práticas de Direito Comercial* surgiu na época em que ele ocupava o cargo de professor na Escola de Comércio da Associação Curitibana dos Empregados do Comércio, função que assumiu em 1921.[67] Ao notar que não havia um "livro prático e adequado ao curso"[68], ele redigiu aquela que seria sua primeira obra jurídica. Os três mil exemplares da primeira edição, impressos às custas do autor, foram editados em papel jornal e publicados em janeiro de 1923. A segunda edição foi impressa em 1928. Em 1932, o jurista vendeu a terceira edição à Companhia Melhoramentos, de São Paulo. Com isso, a obra alcançou os dez mil exemplares de tiragem total. *Noções práticas de Direito Comercial* foi novamente impresso em 1944, pela Guaíra.

Os livros publicados na Estante Jurídica e na Coleção Estudos Sociais e Técnicos/Série Jurídica não possuíam uma linha temática. As propagandas[69] de alguns desses títulos ressaltam seu caráter pedagógico, sendo obras pensadas para o uso em escolas de

---

[66] Extensão das obras e os preços diferenciavam as duas coleções. Os títulos da Série Jurídica possuíam entre 100 e 150 páginas e custavam cerca de 8$000; na Estante Jurídica, por sua vez, foram lançados livros bem mais extensos e caros (na faixa de 30$000 a 50$000).

[67] De Plácido e Silva esteve ligado a essa instituição, fundada por seu irmão João Alfredo Silva e Avelino Lopes em 1920, até o seu falecimento, em 1963: primeiro como professor e, a partir de 1937, como diretor/ proprietário da instituição. Posteriormente, foi renomeada para Escola Técnica de Comércio de Plácido e Silva. Ver: CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado.* Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 89-93.

[68] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [Entrevista concedida a] SILVEIRA PEIXOTO, José Benedicto. *Falam os escritores*: segunda série. Curitiba: Guaíra, 1941. p. 289.

[69] Uma propaganda de *Noções de Finanças e Direito Fiscal*, veiculada na *Guaíra*, oferece um bom exemplo de como os títulos de De Plácido e Silva eram comercializados nas páginas da revista. O texto do anúncio apresentava o livro como "um compêndio útil e oportuníssimo", "útil ao Contador, ao Advogado, ao Funcionário fazendário, ao Estudante de Direito ou de Cursos Comerciais e ao próprio comerciante". *Guaíra*, Curitiba, n. 37, jun. 1952. Outro exemplo é o *Código Penal Brasileiro* – interpretado pelos tribunais, de Wilson Bussada. Na propaganda, é ressaltada a "linguagem precisa, clara e perfeitamente acessível" da obra. *Guaíra*, Curitiba, n. 60, fev. 1955. terceira capa.

comércio e de contabilidade, além de cursos de Direito.[70] Isso provavelmente garantia uma boa saída dos livros. Ao responder a uma pergunta de seu entrevistador sobre as tiragens de seus textos, De Plácido e Silva apontou que tinham "sido francamente compensadoras".

> [...] "Noções Práticas de Direito Comercial", já o disse, chegou aos dez mil exemplares. "Contas assinadas", aparecido em 1923 e esgotado, ficou nos três mil exemplares iniciais. "Caixas Econômicas e Operações Bancárias" alcançou duas edições, com quatro milheiros. [...] "Tratado do Mandato", editado em 1939, teve seus três mil exemplares esgotados.[71]

Comentários ao código de Processo Civil, por sua vez, havia obtido um êxito "estonteante", com a primeira edição esgotada em menos de dez meses.

> Forçado pela contínua procura do livro, que apareceu em março de 1940, em março deste ano [1941] lancei, bem aumentada, a segunda, em dois volumes. Já está no nono milheiro. Convem anotar: o livro não é dos baratos; a primeira edição foi cotada a cincoenta mil réis o exemplar, e a segunda está sendo vendida a noventa mil réis.[72]

Anos depois, em 1954, uma propaganda da Estante Jurídica veiculada na revista *Guaíra* informava que *Noções práticas de Direito Comercial* encontrava-se em sua sétima edição; *Comentários ao código de Processo Civil*, na terceira; *Tratado do Mandato*, em sua segunda edição, assim como *Noções de Finanças e Direito Fiscal* e *Técnica forense e prática processual*, ambos os títulos escritos por De Plácido e Silva. Além dos livros do diretor da Guaíra, *Direito Industrial Brasileiro*, de Adauto Fernandes, também havia sido reimpresso.[73] Pode-se dizer que De Plácido e Silva era uma espécie de best-seller de sua própria editora.

Interessante notar que o discurso de uma editora "voltada para os moços" não se restringia à produção ficcional. Em propaganda divulgada na revista *Dom Casmurro*, em dezembro de 1940, essa relação da Guaíra com os "moços juristas" era ressaltada:

OS ESTUDOS JURIDICOS E A MOCIDADE

---

[70] A principal obra escrita por De Plácido e Silva, *Vocabulário Jurídico*, publicado em 1961 pela Editora Forense – e fruto, ainda hoje, de sucessivas edições –, é o exemplo mais claro dessa busca do escritor por obras de caráter pedagógico, que servissem à consulta não apenas de especialistas, mas também de estudantes e outros interessados.

[71] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [Entrevista concedida a] SILVEIRA PEIXOTO, José Benedicto. *Falam os escritores*: segunda série. Curitiba: Guaíra, 1941. p. 292-293.

[72] *Ibidem*, p. 293.

[73] *Guaíra*, Curitiba, n. 56, p. 29, jun. 1954.

> Não eram unicamente os contistas ou romancistas que estavam abandonados. Sofriam do mesmo mal, sem apoio algum, os moços juristas, que se viam impossibilitados de se introduzir nas prateleiras dos escritorios de advogados, pois ninguem tinha fé na competencia e "inexperiencia" dos jovens, como se desconhecessem que CARVALHO SANTOS certa vez ainda jovem foi negado e hoje em dia é uma grande glória para o Brasil. A Guaíra abrirá as portas da fama para os jovens juristas. Iniciando essa campanha lançará nos próximos meses as obras "A MULHER E O DIVÓRCIO" da dra, Ilnah Secundino, cujo nome já figura nos anais literários, "INVESTIGAÇÃO DA PATERNIDADE" de Zicarelli Filho.[74]

A imagem pública de uma editora aberta aos jovens, divulgada em entrevistas e propagandas, esteve muito presente nos primeiros anos de funcionamento da Guaíra. Porém, aos poucos, essa característica deixou de ser evocada pela publicidade da empresa e falas concedidas por De Plácido e Silva.[75]

Em 1942, dois acontecimentos importantes marcaram a trajetória da editora: a mudança contratual que indicava a saída de Moacir Arcoverde da sociedade, com o aumento do capital da empresa para 40 contos de réis, e a participação da Guaíra na Grande Exposição de Curitiba. Planejada por mais de um ano, a exposição curitibana foi levada a cabo pela Associação Comercial do Paraná como uma forma de comemorar os dez anos de governo do interventor Manuel Ribas. Seguia o modelo das Exposições Universais, mas, em vez de mostrar curiosidades de lugares distantes do mundo e a primazia da industrialização europeia e estadunidense, a versão paranaense do evento tinha o propósito de apresentar a seus visitantes as riquezas do Paraná e os feitos de Ribas como interventor. A exposição foi inaugurada em 19 de abril, aniversário de Getúlio Vargas, que compareceu à cerimônia. Tanto a Empresa Graphica Paranaense quanto a Editora Guaíra montaram estandes no pavilhão industrial da exposição. A grande estrela do evento, contudo, foi uma tradicional *commodity* agrícola do Paraná: a erva-mate. Com o objetivo de difundir a erva nacional e internacionalmente, o Instituto Nacional do Mate patrocinou a montagem de um luxuoso pavilhão para a apresentação do produto, além de uma campanha de distribuição de mate gelado nos restaurantes da Estrada de Ferro Central do Brasil.[76] A participação da Guaíra na

---

[74] *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, p. 6, 20 dez. 1940.

[75] Em entrevista concedida à Silveira Peixoto e publicada na revista *Vamos Ler!*, De Plácido e Silva revelou os futuros lançamentos de sua editora e outros temas concernentes à produção livreira. Mas, ao longo da matéria, De Plácido e Silva não evocou essa imagem de uma editora aberta aos jovens. Essa tendência foi reforçada nas propagandas, como aquelas publicadas na revista *Guaíra*. Ver: DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [Entrevista concedida a] SILVEIRA PEIXOTO, José Benedicto. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, p. 37, 27 abr. 1944.

[76] O MATE e o trabalho para sua difusão. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 11, 21 abr. 1942.

Grande Exposição de Curitiba serviu como uma espécie de demonstração pública da relevância da empresa no cenário econômico do Paraná.

Aos poucos, a Guaíra também fincou seus pés no cenário cultural paranaense e brasileiro. Segundo Wilson Martins, Curitiba conheceu nos anos 1940 "uma pequena renascença literária". Esse renascimento literário teve como resultado a criação da Guaíra e do Grupo Editor Renascimento do Paraná (GERPA), editora fundada pelo jornalista Raul Gomes, em 1944. A Guaíra, apesar de ter editado diversos autores paranaenses, sustentou, durante quase todo seu período de funcionamento, um projeto "nacional", publicando escritores jovens e consagrados de diversas regiões do Brasil, além de livros traduzidos. Já o GERPA surgiu com o objetivo de editar autores paranaenses e promover a cultura local.

Natalia Romanovski aponta que o GERPA reuniu os escritores ligados ao Paranismo, movimento de caráter regionalista sistematizado, em meados dos anos 1920, pelo jornalista e historiador Romário Martins.[77] De forte presença nas artes plásticas e visuais, o Paranismo se caracterizou na literatura pelo uso da estética simbolista, tendo o poeta Emiliano Perneta como seu principal expoente. Segundo Marilda Samways, "o propósito do GERPA não foi compreendido pelos leitores da Província, ficando a tentativa de difusão do livro paranaense na frustação. Pessoas cultas e de poder aquisitivo, inexplicavelmente devolviam as obras que lhes eram enviadas".[78] Ainda assim, o GERPA só fechou suas portas em meados dos anos de 1950. Outro ponto que diferencia as duas editoras está no fato de a Guaíra editar "romances sociais"[79], numa época em que essas obras quase não eram publicadas.

---

[77] ROMANOVSKI, Natália. *Um grupo abstrato*: cultura, geração e ambições modernas na revista Joaquim. 2014. 238 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 47-49.

[78] SAMWAYS, Marilda Blinder. *Introdução à literatura paranaense*. Curitiba: HPV, 1988, *apud ibidem*, p. 48.

[79] Pegamos emprestado a expressão "romance social" de Edgard Carone. Em *O Marxismo no Brasil (das origens a 1964*), Carone divide a bibliografia arrolada sobre o marxismo em três partes: Teoria; Assuntos Vários; e Literatura Proletária. Sobre o uso do termo "literatura proletária", que é alternado ao longo do texto com a expressão "romance social", Carone adverte que a utiliza "no sentido comum, e não no que foi definido no decorrer de sua afirmação" na Rússia pós-revolucionária. Nesse sentido comum, "se incluem autores de antes e depois da revolução de 1917, russos e de outras nacionalidades, entre eles alguns brasileiros. A *Literatura Proletária* é aquela que se volta para o operariado e os deserdados, principalmente para os primeiros. Analisa-se o seu cotidiano, o seu trabalho e suas lutas. A produção literária russa e de outras nacionalidades é o produto daqueles que 'aprenderam a viver antes de aprender a escrever', numa feliz observação de um crítico. Daí o herói não ser mais o místico atormentado, nem o que se autodestrói, mas o que acaba percebendo o sentido positivo da vida e que identifica sua ação com a da classe operária". Na bibliografia, Carone aponta alguns romances sociais publicados pela Guaíra. São eles: *Sapé*, de Permínio Asfora (1940); *Huasipungo*, de Jorge Icaza (1941); *Dona Bárbara*, de Rómulo Gallegos (1940); *A esperança*, de André Malraux (1940); e os livros de John dos Passos, *Dinheiro Graúdo* (1945), *Paralelo 42* (1944), *1919* (1945) e *Três soldados* (1946). Ver: CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil:* das origens a 1964. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. p. 75-78.

Ao fazer um breve histórico do processo de fechamento e abertura do mercado editorial brasileiro aos livros marxistas, Edgard Carone aponta que,

> Com as medidas de exceção instituídas entre 1935 e 1936, com o Estado Novo a partir de 1937, a literatura marxista editada entre nós praticamente deixa de existir. Como vimos, as livrarias continuavam a importar, apesar da censura. Esta é inconsequente, permitindo a entrada de determinados lotes de livros, proibindo outros, conforme o censor. Por esta razão, até 1939 ou 1940, com certa dificuldade, são encontráveis livros estrangeiros nas grandes cidades brasileiras. Com a intensificação do conflito armado a partir de 1940, torna-se impraticável o comércio com a Europa, havendo a substituição gradativa pela importação de livros mexicanos e argentinos, os chilenos um pouco mais tarde.
> Depois de um silêncio editorial brasileiro quase total – onde aparecem unicamente um ou outro romance social – começam a surgir os primeiros sinais de recuperação. É a fase que denominamos de intermediária, abrangendo ao começo de 1945.[80]

Como pontuado por Carone, não só o livro de teoria marxista foi interditado após o levante militar de 1935 e, especialmente, após o Golpe do Estado Novo, em 1937. Escritores contrários ao regime, como Jorge Amado, e traduções de textos ficcionais de temática social e proletária passaram a ser alvos constantes da censura. A literatura russa foi a mais afetada. Bruno Barreto Gomide afirma que

> [...] os tempos se tornaram ingratos para os editores de literatura russa a partir de fins de 1937. Então, as edições de literatura russa praticamente desapareceram. 1938 é o *annus horribilis* da edição de literatura russa no Brasil, o primeiro ano, desde o começo da década, em que houve apenas uma edição de livros russo (*Alma de Criança*). No campo da ficção, foram apenas três livros publicados, de Dostoiévski e Tolstói, entre 1939 e fins de 1941.[81]

A entrada do Brasil na Guerra, em 1942, causaria uma mudança nessa recepção dos textos ficcionais russos (e de outros países). Com isso, "os textos russos seriam devorados como frutos suculentos", aponta Gomide.[82]

O que ocorreu para que os romances proletários traduzidos pela Guaíra nesse período escapassem da censura? Para responder a esse questionamento, devemos observar *quem* censurava. Segundo Natália Romanovski, após a emergência do Estado Novo, em 1937, a proibição das atividades culturais em Curitiba ficou concentrada na seção local da Delegacia

---

[80] *Ibidem*, p. 69-71.

[81] GOMIDE, Bruno Barreto. *Dostoiévski na Rua do Ouvidor.* A Literatura Russa e o Estado Novo. São Paulo: Edusp: FAPESP, 2018. p. 65. [Grifos do autor].

[82] GOMIDE, Bruno Barreto. *Dostoiévski na Rua do Ouvidor.* A Literatura Russa e o Estado Novo. São Paulo: Edusp: FAPESP, 2018. p. 72.

de Ordem Política e Social, o DOPS.[83] A chefia do DOPS local era exercida por Valfrido Pilotto. Pilotto, intelectual e colaborador da *Gazeta do Povo*, afirma Leilah Bufrem, "alertou De Plácido e Silva sobre o cunho ideológico de algumas de suas publicações ao que o editor teria reagido sem preocupação ou receio. Efetivamente não sofreu represálias".[84] Fica claro que havia uma relação entre o chefe da censura e o editor paranaense: além de colaborar com a *Gazeta do Povo*, Pilotto editara alguns de seus livros (*Rocha Pombo*, em 1934; *História e Historiógrafos*, em 1939; e *Páginas de casa*, em 1941) pela EGP. Essa ligação pode ter dado alguma proteção a De Plácido e Silva.

Ao longo da Segunda Guerra, o fantasma da escassez de papel assombrou a editora curitibana e outros empreendimentos do editor paranaense. Logo após o início do conflito, houve redução do número de páginas da *Gazeta do Povo* devido à impossibilidade de se importar papel de imprensa da Finlândia.[85] Segundo Carnasciali, o material utilizado pela Guaíra era trazido da Suécia pela T. Janér & Cia.,[86] empresa que, além de papel, importava celulose, motores, aço e produtos industriais e agrícolas do país escandinavo.[87] Em entrevista concedida à revista *Vamos Ler!*, em abril de 1944, De Plácido e Silva reclamou do aumento do preço do papel. Segundo o editor, "até bem pouco tempo, o papel era o que menos influía no preço de um livro. Hoje, tem de ser levado em maior conta que a própria mão de obra. Basta salientar que, de um cruzeiro e sessenta centavos, o papel subiu para dez cruzeiros o

---

[83] Romanovski mostra que, durante esse período, houve repressão, em especial, aos clubes ligados às comunidades estrangeiras. Com isso, "parte da vida cultural de Curitiba foi minada", uma vez que "os clubes eram responsáveis por diversos eventos culturais, especialmente no que dizia respeito a artes performáticas. Enquanto a literatura e as artes plásticas encontraram condições para um desenvolvimento mínimo em Curitiba, o teatro e a música sofriam com a falta de infraestrutura adequada". ROMANOVSKI, Natália. *Um grupo abstrato*: cultura, geração e ambições modernas na revista Joaquim. 2014. 238 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 38-39.

[84] BUFREM, Leilah Santiago. A Editora Guaíra: contribuições ao debate. *In*: SIMPÓSIO HISTÓRIA DA LITERATURA NO PALÁCIO: 1890/1900. PRÉ E PÓS-MODERNIDADE, 1., 1995, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Associação Cultural Avelino A. Vieira. p. 70.

[85] *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 1, 11 abr. 1940.

[86] Carnasciali afirma que "tudo deveria ser controlado, desde o que era gosto até o que era jogado fora, para o que era necessário manter estoques". CARNASCIALI, Juril, *apud* BUFREM, Leilah Santiago. A Editora Guaíra: contribuições ao debate. *In*: SIMPÓSIO HISTÓRIA DA LITERATURA NO PALÁCIO: 1890/1900. PRÉ E PÓS-MODERNIDADE, 1., 1995, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Associação Cultural Avelino A. Vieira. p. 70.

[87] *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 10, 2 out. 1942.

quilo".[88] Em certo ponto da conversa, De Plácido e Silva afirmou que a editora fizera "bem pouco" em 1943, por conta de "toda uma série de dificuldades" que atrasou "os planos".[89] É provável que essa queda no ritmo de publicações esteja relacionada ao alto custo e à escassez de papel. Talvez, uma solução de emergência ao problema do papel tenha sido a impressão de alguns livros da editora em gráficas paulistanas.[90] Essas "dificuldades" devem ter afetado a relação com os escritores: no "Fundo João Dornas Filho", há apenas uma correspondência enviada pela editora em 1943 – um recibo de pagamento, na verdade. Novos projetos não foram discutidos.

O lançamento de *Paralelo 42*, de John dos Passos, nos primeiros meses de 1944, marcou a retomada dos grandes projetos da editora. Traduzido por Silveira Peixoto, o livro de Dos Passos era o primeiro tomo da trilogia *U.S.A.* As obras *1919* e *Dinheiro Graúdo*, que completaram o trio, foram publicadas no ano seguinte. Além de colocar em circulação títulos há muito prometidos – *Paralelo 42*, por exemplo, havia sido anunciado dois anos antes –, houve o recebimento de novos projetos: Dornas Filho teve os originais do ensaio *Eça e Camilo* aprovados em setembro daquele ano. Com a correspondência em que informou a aprovação do livro, Arnaldo Carnasciali enviou:

> [...] os últimos livros lançados, a saber: "Paralelo 42", "Bilac – vida e obra", "Plásticos Amigos", "Americanos" e a "as cigarras emigram". Peço fazer um pouco de barulho na imprensa. De ora em diante irei mandar todos os livros novos que forem lançados. Verifiquei com surpresa que há tempos não eram mais enviados.[91]

A troca epistolar entre os representantes da Guaíra e o escritor mineiro continuou nos últimos meses de 1944 e durante o primeiro semestre de 1945. Após esse período, há um hiato

---

[88] Essa escassez é mencionada na carta enviada por Moacir Arcoverde a João Dornas Filho. Entre 1939 e 1945, período no qual se desenrolaram as ações da Segunda Guerra, havia uma evidente carência de papel. Com a falta de material, muitos editores se viram obrigados a utilizar em seus livros papel de má qualidade. Esse parece ser o caso da Guaíra. A disparidade entre um livro da editora impresso com papel de boa qualidade e outro produzido com papel de má qualidade fica mais evidente quando os exemplares já possuem mais de setenta anos de seu lançamento. Em alguns livros da editora, o papel sobreviveu às intempéries do tempo; em outros, não resiste a um simples manuseio.

[89] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. [Entrevista concedida a] SILVEIRA PEIXOTO, José Benedicto. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, p. 37, 27 abr. 1944.

[90] *Dinheiro Graúdo* e *1919*, ambos de John dos Passos, e alguns títulos da Coleção Estante do Pensamento Social foram impressos na Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul Ltda. Localizada na Rua Santo Antônio, na capital paulista, a Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul foi descrita pelo jornal *Correio Paulistano* como "um dos mais completos estabelecimentos no gênero". *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 8, 17 abr. 1945.

[91] CARNASCIALI, Arnaldo. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Curitiba, 25 set. 1944. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 4, doc. 359).

de alguns anos no arquivo de Dornas Filho. O envio de correspondências seria retomado somente em 1951.

No ano que marcou o fim da Segunda Guerra, a editora apresentou um ritmo forte de lançamentos e uma profunda mudança estrutural. Juril Carnasciali informa que, em 1945, o capital da Editora Guaíra chegou a "500 mil cruzeiros e a empresa passou a contar com mais dois associados: Acyr Guimarães e Benedito José Silveira Peixoto. Na ocasião ficou decidido que 200 mil cruzeiros seriam aplicados na Secção Editorial, 250 mil, na Secção Gráfica e 50 mil, na Secção de Livraria".[92] Certamente, existiu uma livraria vinculada à editora,[93] mas, infelizmente, há poucos registros dela nos jornais paranaenses. A existência da seção gráfica pode ser comprovada nos livros da editora: os títulos publicados a partir daquele ano indicam a seção gráfica da Editora Guaíra Limitada, e não mais a Empresa Graphica Paranaense, como o local de impressão.[94] Com a organização de seu próprio parque gráfico, a Guaíra passou a prestar serviços externos e, em suas oficinas, foram impressas as edições da revista *Joaquim*, idealizada e dirigida por Dalton Trevisan, lançada em abril de 1946.

Ainda em 1945, a Guaíra lançou um projeto editorial ousado, a Estante do Pensamento Social – coleção voltada especialmente (mas não somente) à publicação de livros de teoria marxista. O lançamento da Estante do Pensamento Social se deu justamente no momento de florescimento do livro marxista no Brasil, após o fim da Segunda Guerra. Na coleção da Guaíra, foram publicados alguns clássicos do pensamento socialista, como *O capitalismo de Estado e o imposto em espécie* e *O Estado e a revolução*, de Vladimir Lenin; *A origem do capital* e *Salários, preços e lucros*, de Karl Marx; *O cristianismo primitivo* e *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, de Friedrich Engels; *A nova mulher e a moral sexual*, de Alexandra Kolontai; além de uma coletânea de textos intitulada *O Marxismo*.[95] A editora publicou, inclusive, o título de um escritor que havia caído em desgraça na União Soviética stalinista, *ABC do Comunismo*, de Nikolai Bukharin, e outro que não fora escrito

---

[92] CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado.* Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 118.

[93] A livraria se localizava na Rua XV de Novembro, n. 287.

[94] É provável que a Guaíra tenha incorporado a Empresa Graphica Paranaense. Um indicativo disso é que, a partir de 1946, não há mais livros impressos pela EGP.

[95] Edgard Carnone informa que a primeira edição dessa antologia, composta por artigos de Karl Kautski, Vladimir Lenin, Gueorgui Plekhanov e Rosa Luxemburgo, foi lançada em 1934 pela Gráfica-Editora Unitas. O ano de lançamento mais provável da edição da Guaíra é 1946. Ver: CARONE, Edgard. *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xama, 2004. p. 87.

por um autor socialista, *A condição do trabalho*, de Henry George.[96] Todos os livros dessa coleção não apresentam a data de publicação, o que dificulta a localização temporal dos lançamentos. Entretanto, a editoração de livros na Estante do Pensamento Social se estendeu até, pelo menos, 1948, momento no qual as editoras ligadas direta ou indiretamente ao Partido Comunista do Brasil (PCB) já estavam estruturadas.[97] Uma característica marcante da Estante do Pensamento Social é a diversidade de escritores publicados na coleção, como mostram as publicações de Bukharin e Henry George. Sem qualquer indício de uma ligação entre De Plácido e Silva e a seção paranaense do PCB,[98] é possível inferir que a publicação dessas obras se dava por interesse comercial, pois havia um público leitor represado pelos anos de censura, e, talvez, pela vontade do editor da Guaíra em ver certos temas ligados ao "pensamento social" serem colocados em discussão.[99]

Na década de 1950, a Guaíra praticamente só imprimiu livros para terceiros, especialmente para escritores e pesquisadores locais e órgãos públicos do estado do Paraná. Dalton Trevisan, por exemplo, fez uso dos serviços gráficos prestados pela Guaíra na impressão de um conjunto de novelas intitulado *A morte dum Gordo*, de 1954, e, provavelmente, na produção de uma série de pequenos folhetos assemelhados a cordéis – *Guia histórico de Curitiba*, *A volta do filho pródigo*, *O dia de Marcos* e *Crônicas da Província de Curitiba*.[100] É possível que a queda no número de livros editados impulsionou

---

[96] Henry George (1839-1897) foi um economista estadunidense. Defensor da S*ingle Tax* (imposto único), ele foi o inspirador da ideologia econômica conhecida como *Georgism*.

[97] Edgard Carone aponta a existência de três "editoras comunistas": Leitura; Vitória; e Horizonte. Das três, apenas a última teve vida curta, sendo fechada em 1947. Leitura e Vitória sobreviveram até o Golpe Militar de 1964.

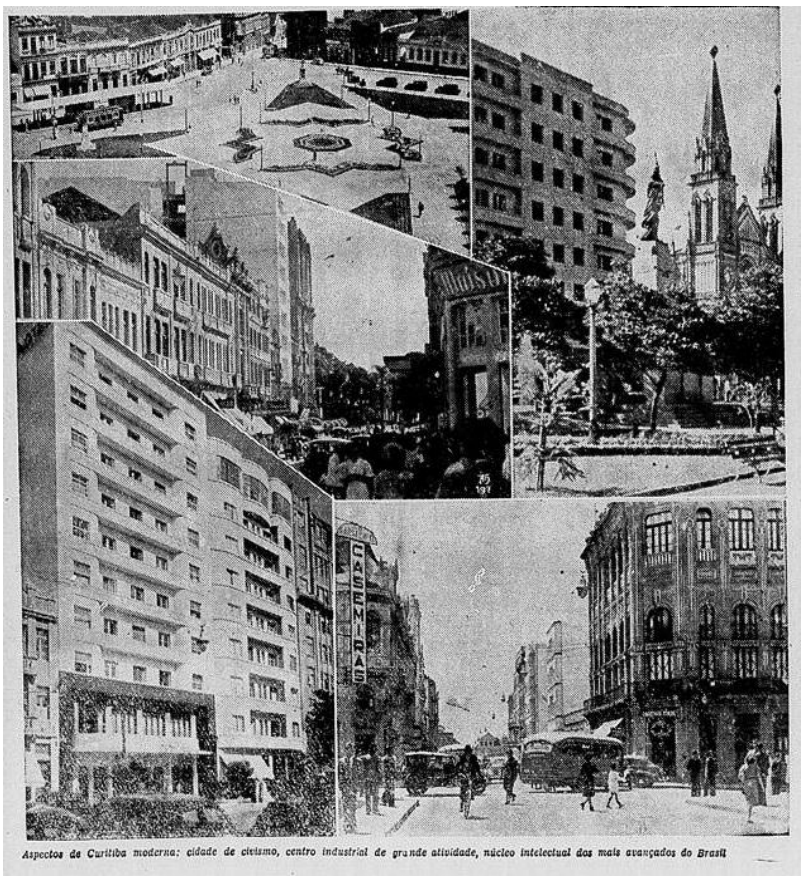
[98] CODATO, Adriano; KIELLER, Márcio. A elite dos comunistas e sua história no Paraná. *In*: CODATO, Adriano; KIELLER, Márcio (org.). *Velhos Vermelhos*. História e memórias dos dirigentes comunistas no Paraná. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 27-59.

[99] A abertura do primeiro título publicado na coleção – *O capitalismo de Estado e o imposto em espécie*, de Lenin – informava que "lançando a ESTANTE DO PENSAMENTO SOCIAL, visa a GUAÍRA, contribuir para o debate e esclarecimento de temas da mais palpitante atualidade e, assim, atender a um desejo evidente de nosso publico". LENIN, Vladimir. *O capitalismo de Estado e o imposto em espécie*. Curitiba: Guaíra, [1945?]. p. 7.

[100] Leilah Bufrem defende que esses livros faziam parte de uma coleção intitulada Cadernos de Cordel. Essas edições, contudo, não trazem o nome da editora e não foram anunciadas na revista *Guaíra*, importante meio de divulgação das obras da empresa. Além disso, os jornais que veicularam a publicação desses "cordéis" não chegaram a apontar a Guaíra como editora dos folhetos. Um dos livros que a pesquisadora indica como pertencente a essa coleção, *Os domingos ou o Armazém de Lucas*, foi impresso nas oficinas gráficas da Papelaria Requião. Parece-nos que a Coleção Cadernos de Cordel foi um empreendimento autoral, ou seja, não editorial. Para mais, ver BUFREM, Leilah Santiago. A Editora Guaíra: contribuições ao debate. *In*: SIMPÓSIO HISTÓRIA DA LITERATURA NO PALÁCIO: 1890/1900. PRÉ E PÓS-MODERNIDADE, 1., 1995, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Associação Cultural Avelino A. Vieira. p. 77.

uma mudança da política editorial da empresa. E a criação da revista *Guaíra*, em 1949, parece ser a materialização desses novos rumos.[101]

Imagem 2 – "O Paraná que eu vi" [102]



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

1.3 A revista *Guaíra* (1949-1955)

Lançada em fevereiro de 1949, a revista *Guaíra* foi dirigida por De Plácido e Silva e teve, em sua fundação, o jornalista José Cury como diretor-secretário.[103] A redação do periódico ficava localizada na Rua Dona Júlia da Costa, em um prédio construído poucos anos

---

[101] Infelizmente, De Plácido e Silva, em seus vários textos e entrevistas, não chegou a explicar por quais motivos houve o investimento na criação de uma revista e um gradual abandono do projeto editorial iniciado em 1939. Ficamos, portanto, no terreno das inferências.

[102] O texto assinado por Luís Gagliardi reportava aos leitores fluminenses do *A Manhã*, órgão oficial do Estado Novo, as comemorações do aniversário do Golpe de 1937, realizadas em novembro de 1941. As fotografias ajudavam a compor a imagem de uma Curitiba "moderna".

[103] Formado em Direito pela Universidade do Paraná, José Cury fundou, ainda nos tempos de faculdade, a revista literária *O Livro* (1939-1948). Sendo mais uma revista de variedades do que uma publicação estritamente literária, *O Livro* chegou a contar com a colaboração de Rubem Braga, Joel Silveira e Carlos Drummond de Andrade. Apesar de trocar várias vezes de posição, participou da *Guaíra* até o encerramento do periódico, em 1955. Posteriormente, participou da revista *Panorama*.

antes para ser a sede da gráfica e da editora.[104] Com tiragem inicial de seis mil exemplares por mês e o preço avulso de Cr$ 3,00, a publicação contou, logo em seu lançamento, com agentes de vendas em dezesseis estados. Em texto destinado ao leitor, José Cury defendeu que a

> GUAÍRA pretende ser uma revista moderna para o Brasil. O que equivale a dizer, uma revista em sincronia com o que vai pelo país e pelo mundo, refletindo em suas páginas as pulsações da hora que passa e cuja fixação em acontecimentos, homens e idéias representam típicos sinais dos tempos.[105]

Pouco tempo depois do lançamento, De Plácido e Silva escreveu um texto destinado aos leitores da revista, no qual apontou que,

> [...] de todas as iniciativas que temos tomado, porém, nenhuma nos surpreendeu tanto como a Guaíra. Lançada sem quaisquer veleidades, para que levasse pelo Brasil afora o pensamento local e por toda a parte divulgasse os encantos das regiões onde se eregem os régios pinheirais e onde cascateiam o Paraná e o Iguaçu[106], Guaíra tomou ioros de revista nacional, crescendo desde logo, de modo verdadeiramente alarmante, a sua tiragem [...].
> Mais uma vez, pois anula-se o tabú de que somente grandes capitais podem vencer em matéria editorial, porquanto já a Editora Guaíra havia demonstrado que em cidades provincianas de menores recursos, igualmente, se poderão manter atividades do gênero, a que se dedicou.[107]

A revista foi dividida em seções fixas. Entre elas, havia duas de acontecimentos políticos, econômicos e sociais; uma de temas internacionais, intitulada “Um Mundo Só”; e outra voltada aos temas locais, brasileiros e americanos, a seção “Um Mundo Só – América, Brasil e Curitiba”. Já a seção “De Rádio”, dirigida por Myrian de Castro Cordeiro, acompanhava o movimento radiofônico no Rio de Janeiro e em Curitiba e apresentava perfis de cantores, locutores e outros profissionais do meio de comunicação mais popular do Brasil dos anos de 1940. Por sua vez, a seção “Cinema” abordava, com muita frequência, filmes e atores estadunidenses. “Roteiro Literário” era utilizado como uma espécie de plataforma para a promoção de autores e livros lançados nos anos anteriores pela Guaíra; a seção era complementada pela publicação de uma miscelânea de notícias do mundo literário e editorial. Posteriormente, foram adicionadas as seções de “Moda” e “Feminina”. Dirigida por Juril

---

[104] CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o iluminado.* Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 118.

[105] CURY, José. Ao leitor. *Guaíra*, Curitiba, n. 1, p. 3, fev. 1949.

[106] De Plácido e Silva se refere ao Território Federal do Iguaçu, criado por Decreto-Lei de 1943 e extinto pela Constituição de 1946.

[107] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. Pensamentos provincianos. *Guaíra*, Curitiba, n. 8, p. 3, set. 1949.

Carnasciali, a parte "feminina" trazia, mensalmente, um conjunto de receitas e dicas para o bom funcionamento da vida doméstica. Nesse segmento do periódico, a mulher era construída como mãe e "rainha do lar".[108] De maneira geral, a *Guaíra* estava voltada para os temas e os problemas do dia-a-dia, deixando as discussões literárias em segundo plano.

Além das seções fixas, havia espaço para reportagens. Carregadas de forte teor social, algumas das matérias publicadas pela revista abordavam questões relevantes para a época: a vida dos pacientes internados no asilo para "loucos" de Curitiba;[109] as favelas do Rio de Janeiro;[110] a visita frustrada de Albert Camus ao terreiro de Joãozinho da Gomeia, em Duque de Caxias (RJ);[111] um roteiro da miséria do Nordeste;[112] e uma reportagem sobre as feiras livres daquela região.[113] Um dos livros publicados pela editora, o romance *Dona Bárbara*, de Rómulo Gallegos, foi segmentado e publicado em sucessivas edições, de agosto de 1949 a junho de 1951. Para essa edição de *Dona Bárbara*, foram acrescentados subtítulo ("a mulher indomável"), gravuras e resumo dos acontecimentos anteriormente publicados. O time de colaboradores da revista contava, entre outros, com Mário Sette, Permínio Asfora, Carlos Scliar, Rubem Braga, João Dornas Filho, e Dalton Trevisan – que publicou alguns contos na edição e foi listado como colaborador até o encerramento da publicação.

Apesar do nome de Dornas Filho estar elencado como um dos colaboradores fixos da revista *Guaíra* desde a primeira edição, há, nos arquivos do escritor, correspondências remetidas a partir de fevereiro de 1951, dois anos depois do lançamento do primeiro número. Nessa correspondência, Maria Alba Mendes Silva, organizadora da seção "Roteiro Literário", solicitava a Dornas Filho o envio de seus principais dados biográficos para a publicação de um novo tópico com a biografia do escritor.[114] Em novembro de 1952, Juril Carnasciali informava que todas as colaborações do autor já haviam sido publicadas e pedia para que ele

---

[108] Boa parte das capas da *Guaíra* exibia fotos de mulheres. Geralmente adultas, foram fotografadas, para as capas, modelos, atrizes e jovens da sociedade paranaense.

[109] COSTA, Samuel Guimarães da. Os loucos também são humanos. *Guaíra*, Curitiba, p. 31-35, maio 1949.

[110] *Idem*, Rio de Janeiro por dentro. *Guaíra*, Curitiba, p. 38-43, dez. 1949.

[111] FREITAS, Newton. Macumba. *Guaíra*, Curitiba, p. 43-47, set. 1949.

[112] RAMOS, José. A miséria no litoral (o roteiro da miséria no Nordeste). *Guaíra*, Curitiba, n. 50, p. 39-43, ago. 1953.

[113] *Idem*, Feiras do Nordeste. *Guaíra*, Curitiba, n. 52, p. 36-43, out. 1953.

[114] SILVA, Maria Alba Mendes. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Curitiba, 14 fev. 1951. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 9, doc. 823).

enviasse outros trabalhos.[115] A última carta disponível no arquivo de Dornas Filho foi remetida em abril de 1953. Era um agradecimento pelas "excelentes colaborações enviadas".[116] Os artigos de Dornas Filho, geralmente pequenos textos sobre grandes figuras históricas, foram publicados até o n. 58 da revista, de novembro de 1954.

No periódico, havia um espaço razoável para as propagandas: máquinas de costura e de escrever, panelas de pressão, aspiradores de pó e outros produtos eram anunciados em peças publicitárias destinadas ao público feminino. Eram retratados como equipamentos que poderiam ajudar as mulheres na administração do tempo de serviço doméstico e na sua inserção no mercado de trabalho (como costureiras e datilógrafas). Havia, ainda, propagandas de produtos destinados à beleza feminina, como pó de arroz, perfumes e cremes. Para os homens, existiam os tônicos, creme de barbear e polvilho antisséptico para os pés. Em várias oportunidades, os espaços de propaganda da revista foram utilizados para a promoção dos livros, das coleções e dos serviços gráficos prestados pela Editora Guaíra.[117] Em um desses anúncios, eram oferecidos serviços de impressão em geral, tipografia e *offset*, confecção de livros e serviços de clicheria, autotipia, traços e policromia.[118]

A partir de 1954, a revista perdeu sua periodicidade mensal. Aparentemente, não havia uma data certa para a publicação. Empresas de alcance nacional, como a Nestlé, deixaram de anunciar na revista, o que abriu espaço para informes de marcas locais. Temas nacionais perderam o lugar para reportagens que abordavam os assuntos paranaenses, como o novo prefeito de Curitiba, o porto de Paranaguá, um concurso de robustez infantil, os bailes de debutante da capital paranaense. Também ganharam mais espaço reportagens sobre as obras levadas a cabo pelo governo do Paraná. Nesse mesmo ano, a publicação começou a fazer a cobertura das ações do legislativo estadual e do legislativo curitibano. Houve, em suma, um processo de provincianização da revista.

Nas últimas três edições da *Guaíra*, houve uma visível queda do número de páginas da publicação, de 70 para em torno de 50 páginas. A última edição encontrada nos arquivos da

---

[115] CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Curitiba, 25 nov. 1952. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 10, doc. 997).

[116] CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. [*Correspondência*]. Destinatário: João Dornas Filho. Curitiba, 21 abr. 1953. Carta. 1 f. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (Série 3, Caixa 11, doc. 1018).

[117] Vários empreendimentos comerciais encampados por De Plácido e Silva foram anunciados na *Guaíra*: as informações sobre a venda de lotes em Guaratuba, litoral do Paraná, poderiam ser adquiridas com a gerência da editora. Outro negócio de destaque era a Escola Técnica de Comércio De Plácido e Silva, que chegou a ganhar propaganda de página inteira na revista.

[118] *Guaíra*, Curitiba, n. 29, p. 8, out. 1951.

Biblioteca Pública do Paraná, a de n. 64, foi publicada em novembro de 1955. Não houve carta de despedida ou qualquer informe que indicasse o fim da publicação. O projeto editorial que consumiu alguns anos da vida de De Plácido e Silva simplesmente havia chegado ao fim.

Imagem 3 – Capa da primeira edição da revista *Guaíra*, de fevereiro de 1949

Fonte: Biblioteca Pública do Paraná.

1.4 Tempos obscuros (1955-1961)

Em sua biografia sobre De Plácido e Silva, Juril Carnasciali relata o fim das atividades da Editora Guaíra. Segundo a jornalista, "em 1961, a editora amplamente instalada, à Rua Júlia da Costa, sofreu um curto circuito, sendo totalmente destruída por violento incêndio".[119] Esse incêndio foi noticiado com certo destaque pelos jornais curitibanos. Vejamos a reportagem do *Diário da Tarde*:

---

[119] CARNASCIALI, Juril. *De Plácido e Silva, o iluminado*. Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 121.

> CHAMAS DEVORADORAS
> Presa de incêndio a fábrica de Móveis "Vogue" – O prédio pertencia à Editora Guaira Limitada
> Violento incêndio destruiu, na tarde de ontem o prédio onde antigamente funcionou a Editora Guaíra Ltda., na rua Júlia da Costa 534, e que atualmente estava sendo ocupado pela Fábrica de Móveis Vogue Indústria e Comércio. O prédio de alvenaria foi completamente destruído chegando a desmoronar algumas paredes. Os prejuízos são de elevada monta, calculados em sete milhões de cruzeiros, estando tanto a fábrica de móveis, como o prédio, no seguro. [...] O fogo iniciou cêrca das 15 horas e foi somente exterminado as primeiras horas de hoje.[120]

Como é possível ler na matéria, quando o incêndio aconteceu, a gráfica e a editora já tinham encerrado suas atividades. O fogo, portanto, não consumiu a Editora Guaíra, mas o prédio onde ela havia funcionado. Afinal, quando a editora encerrou suas atividades? Infelizmente, não há, nos jornais e revistas, muitas informações sobre o fechamento da empresa. Em 1959, a revista carioca *Leitura*, em sua coluna "notícias de Curitiba", fez um histórico das "edições na província". Ao relembrar o papel da Guaíra, a reportagem informava que a editora estava "em vias de cerrar definitivamente as portas".[121] Ou seja, a empresa curitibana manteve suas atividades até pelo menos agosto de 1959.

Outra pergunta de difícil resolução se refere às atividades desenvolvidas pela editora nesses últimos anos. Foram localizados apenas dois títulos publicados nesse período, ambos de 1957: *O trabalho como fonte de cultura*, de Humberto Grande, que foi "editado sob a égide da Faculdade de Direito de Curitiba pelos nítidos tipos da Editora Guaíra", conforme anotou o *Diário da Tarde*;[122] e *Reminiscências... da minha vida*, um opúsculo de autoria de Bernardino Pereira Netto, antigo redator do *Diário do Comércio*, de Paranaguá.[123] Fica claro que, em ambos os casos, a Guaíra atuou como prestadora de serviços gráficos e não como um editora. Tudo leva a crer que, em 1957, o sonho de se criar uma editora paranaense de projeção nacional, acalentado durante tantos anos por De Plácido e Silva, havia chegado ao fim. Restava apenas a gráfica.

Pouco tempo depois do incêndio que destruiu a antiga sede da editora, em maio de 1961, o jornal paranaense *Última Hora* noticiou:

> MARX A 20 CRUZEIROS: FEIRA LIQUIDA O ESPOLIO DA GUAIRA

---

[120] CHAMAS devoradoras. *Diário da Tarde*, Curitiba, p. 5, 16 fev. 1961.

[121] PUGLIELLI, Hélio de Freitas. Edições na Província. *Leitura*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 49, ago. 1959.

[122] HUMBERTO Grande. *Diário da Tarde*, Curitiba, p. 6, 25 fev. 1958.

[123] REMINISCENCIAS... Da minha vida. *Diário da Tarde*, Curitiba, p. 9, 21 ago. 1957.

> Vendendo Marx, Engels e Freuerbach a Cr$ 20,00 uma feira na Avenida João Pessoa está liquidando o espolio da extinta Editora Guaíra. Os livros mais vendidos, desde a sua abertura, anteontem, são os pertencentes à chamada Coleção Estante do Pensamento Social, que inclui, entre outros, "O Marxismo", com colaborações de Engels, Marx e Plekhanov; "Cristianismo Primitivo", de Engels; "As Origens da Religião", de Lucien Henri; a "A Condição do Trabalho e a Condição do Operário", de Henry Georges e Leão XII (este o mais procurado pelo publico).
> No primeiro dia da feira, somente a obra "A Tormenta, Prudente de Morais Venceu", de Silveira Peixoto, chegou a quase 100 o numero de exemplares vendidos. Sem citar as obras didáticas de nível universitário, como "Instituições de Direito Publico e Teoria Geral do Estado", de Jose Nicolau dos Santos (atualmente esgotado nas livrarias da cidade), a feira pôs à venda vários livros de John dos Passos, como "Três Soldados", "Manhattan Transfer", "Dinheiro Graudo" e "Aventuras de um Comunista", cuja procura tambem é das mais elevadas, motivada exatamente pelo preço (Cr$ 20,00), baixíssimo.
> PUBLICO E AUTORES
> Inumeros autores nacionais e estrangeiros, Georges Duhamel, Luís Martins, Perminio Asfora, Romulo Gallegos, Telmo Vergara, Roger Bastide, Raimundo Sousa Dantas, Elsie Lessa, Henrique Schaeffer, têm obtido a preferencia do publico, que está comprando em grande quantidade os livros da feira. A obra de estreia do escritor paranaense Dalton Trevisan (que recentemente lançou "Lamentações de Curitiba") publicada em 1945, "Sonata ao Luar", atrai as atenções dos seus atuais leitores, "Musica do Brasil", de Mario de Andrade, é outra obra do escritor brasileiro bastante vendida.[124]

A venda de parte do espólio editorial acumulado ao longo de vinte anos era o ato final da empresa criada por De Plácido e Silva nos últimos meses de 1939.[125] Em seu período de existência, a Editora Guaíra acumulou um catálogo respeitável de autores brasileiros e estrangeiros, escritores jovens e intelectuais consagrados do pensamento de esquerda. Marcou profundamente o cenário cultural local (e brasileiro), ao estabelecer uma parceria duradoura com o jovem Dalton Trevisan e com outros escritores paranaenses, além de lançar uma revista que fez frente durante alguns anos às prestigiadas *Revista do Globo* e *O Cruzeiro*, deixando uma importante marca na história editorial do Paraná.

Os dois próximos capítulos desta pesquisa são dedicados ao estudo de duas coleções de grande importância para a editora curitibana: a Estante Americana e a Caderno Azul. Ambas surgiram dos diálogos mantidos por De Plácido e Silva e os representantes da editora com importantes escritores dos anos 1940, no caso, Jorge Amado, na Estante Americana; e Sérgio Milliet e Luís Martins, na Caderno Azul. Espera-se, com isso, a construção de uma visão mais ampla do papel da Editora Guaíra no mercado brasileiro de livros.

---

[124] MARX a 20 Cruzeiros. *Última Hora*, Curitiba, p. 3, 5 maio 1961.

[125] Chama a atenção, na reportagem, a grande saída dos livros da Coleção Estante do Pensamento Social. Publicados na segunda metade da década de 1940, esses livros maturaram por mais de quinze anos nos estoques da Guaíra até que fossem adquiridos. Havia, portanto, um público leitor interessado nos títulos lançados pela editora.

CAPÍTULO 2 – JORGE AMADO, EDITORA GUAÍRA E AS ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO DE ROMANCES HISPANO-AMERICANOS NO BRASIL (1937-1945)[1]

Quando fundamos a Editora Guaíra, tínhamos sempre em mente torná-la, si possível, uma editora profundamente brasileira e sinceramente americana.
Oscar Joseph de Plácido e Silva[2]

Em junho de 1974, o *Jornal do Brasil* publicou, no caderno "Livro", um artigo assinado por Jorge Amado acerca do relançamento da tradução do romance venezuelano *Dona Bárbara*, de Rómulo Gallegos.[3] O texto propunha um balanço geral das diferenças de recepção da ficção hispano-americana no mercado editorial brasileiro entre o fim dos anos 30, época do lançamento de *Dona Bárbara* pela Editora Guaíra, e meados dos anos 70, momento no qual a obra de Gallegos foi tirada do fundo da gaveta pela Editora Record, do Rio de Janeiro. Amado relatou as dificuldades em fazer a primeira edição de *Dona Bárbara* ser publicada no Brasil, apesar da recepção calorosa que a obra tivera tanto na Europa quanto no continente americano:

> [...] de 1938 a 1941, andei de ceca em meca empunhando os originais da tradução de *Dona Bárbara* em busca de editor brasileiro disposto a apresentar ao público nacional o grande mestre do romance venezuelano. [...] Só uma pequena editora do Paraná se interessou pelo assunto, publicou a tradução de *Dona Bárbara* e mandou traduzir alguns outros títulos por mim recomendados, tentando uma coleção – a primeira – de escritores dos países vizinhos. Quando Alfredo Machado traz novamente o grande Rómulo Gallegos às livrarias brasileiras vale a pena recordar e

---

[1] Algumas conclusões deste capítulo foram publicadas em forma de artigo na Revista *Amoxtli*. Segue a referência completa: REFULIA, Rodrigo. Uma "arqueologia do boom" na Estante Americana, da Guaíra: romances hispano-americanos publicados por Jorge Amado e De Plácido e Silva. *Amoxtli*, Santiago, ano 1, n. 2, p. 1-17, 1. sem. 2019.

[2] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. Prefácio. *In*: ICAZA, Jorge. *Huasipungo*. Curitiba: Guaíra, 1941. p. 9.

[3] Rómulo Gallegos (1884-1969), escritor venezuelano. Foi professor em sua juventude, fundou e dirigiu revistas. Durante a ditadura de Juan Vicente Gómez, exilou-se na Espanha. Em seu regresso, foi eleito parlamentar e, em 1948, presidente da República. Como governante, sustentou uma plataforma nacionalista e foi derrubado por um golpe militar seis meses após assumir o cargo. Em seus romances, Gallegos desenvolveu uma forma mais bem-acabada de literatura "criollista", entendida como exame histórico, social e geográfico de um país. Menos escritor do que homem político, Gallegos abriu o canal do moderno romance latino-americano. Ver: AIRA, César. *Diccionario de autores latinoamericanos*. Buenos Aires: Emecé, 2001. p. 223-224.

> louvar o esforço naquele então único da Editora Guaíra, dirigida pelo jurista Plácido e Silva.[4]

O artigo de Amado mistura experiência pessoal – a viagem realizada em 1937 pelo continente americano – e análise da conjuntura de recepção dos escritores do continente no auge do *boom* da literatura hispano-americana.[5] Se, na década de 1940, as editoras brasileiras evitavam publicar os autores de língua castelhana do continente – por "preconceito feroz, arraigado, inabalável"[6] –, nos anos de 1960 e 1970, o florescimento da literatura hispano-americana fez com que as casas editoriais buscassem atualizar seus catálogos com obras de ficção redigidas por escritores do continente, especialmente os romances. Nesse contexto, vários textos ficcionais publicados esporadicamente entre as décadas de 1940 e 1960 foram revisitados por editores ávidos em preencher seus catálogos.

O objetivo deste capítulo é analisar a coleção da qual a primeira edição brasileira de *Dona Bárbara* fazia parte. Essa coletânea, chamada de Estante Americana, foi inaugurada em 1940 com a publicação do romance venezuelano e representou uma das primeiras tentativas de divulgar no Brasil uma antologia de escritores hispano-americanos e estadunidenses. Antes de abordar a coleção propriamente dita, vamos estudar a viagem citada por Amado em seu artigo do *Jornal do Brasil*. Ao retornar ao Brasil, o escritor baiano trazia consigo uma edição do livro de Gallegos e a vontade de o traduzir e o publicar. Esse anseio levou Amado a Oscar Joseph de Plácido e Silva, proprietário da recém-fundada Editora Guaíra, e resultou na criação do selo, cujo propósito era apresentar ao público leitor brasileiro "as grandes conquistas do pensamento americano".[7] Ao longo deste capítulo, a interação entre esses dois intermediários da literatura[8] é abordada de maneira mais detalhada: Amado, tradutor e conhecedor dos

---

[4] AMADO, Jorge. Rómulo Gallegos, há algo de comum entre os romancistas da América? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 54, 15 jun. 1974. Livro: Guia quinzenal de idéias e publicações, p. 7.

[5] Entre os anos de 1960 e 1970, a busca dos editores brasileiros não se restringiu somente aos ficcionistas hispano-americanos, mas também às obras que pensavam a América Latina, seja pelo empenho dos pesquisadores, seja pela ampliação dos programas de Pós-Graduação. Para mais, ver: SOARES, Gabriela Pellegrino; PINTO, Júlio Pimentel. A América Latina no universo das edições brasileiras. *Diálogos*, Maringá, v. 8, n. 2, p. 133-151, 2004.

[6] AMADO, Jorge, *op. cit.*, p. 7.

[7] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. Prefácio. *In*: ICAZA, Jorge. *Huasipungo*. Curitiba: Guaíra, 1941. p. 10.

[8] Robert Darnton, no ensaio "O que é a história dos livros?", defende que "o historiador de hoje precisa trabalhar com uma concepção mais ampla de literatura, que leve em conta os homens e as mulheres em todas as atividades que tenham contato com as palavras". Ao longo deste capítulo, buscamos focar a análise na relação entre tradutor (e diretor informal da coleção) e editor. DARNTON, Robert. "O que é a história dos

mercados e livros hispano-americanos e estadunidenses; e De Plácido e Silva, proprietário de uma editora que buscava se firmar no mercado brasileiro de livros. Posteriormente, os títulos de origem hispano-americana publicados na coleção, bem como alguns trabalhos não publicados, são analisados em seus contextos de produção e recepção no Brasil. É esperada, portanto, a compreensão de uma iniciativa que antecedeu, em muitos anos, o *boom* latino-americano e que visava promover os romances hispano-americanos no Brasil.

2.1 A construção de um projeto editorial: a viagem de Jorge Amado pelas Américas

No início de 1937, Jorge Amado e Matilde Garcia Rosa, sua primeira esposa, empreenderam uma viagem pelo Brasil e pelo continente americano. Algumas das anotações elaboradas pelo escritor ao longo da viagem foram retrabalhadas e transformadas em uma série de artigos publicados, no ano seguinte, na revista *Dom Casmurro*, importante periódico literário que circulou entre o fim dos anos 30 e meados dos anos 40 na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1939, Amado publicou um texto sobre o México no "Suplemento Literário" da revista *Diretrizes*. No início dos anos 2000, esses artigos foram estabelecidos por Raúl Antelo no livro *A ronda das Américas*, lançado pela editora da Fundação Casa de Jorge Amado.[9] Usamos a edição de Antelo na composição desta pesquisa.

Os artigos escritos por Amado podem ser divididos em dois grandes eixos temáticos: os relatos de viagem; e as análises e comentários sobre os mercados editoriais dos países do continente. No primeiro grupo, há uma clara intensão do escritor em fixar o olhar do leitor nos aspectos singulares dos países e as experiências vividas por ele e sua esposa ao longo da viagem. Além disso, Amado não se atentou às datas e aos nomes de escritores e artistas internacionais com quem teve contato. Contudo, ao fazer as análises dos mercados editoriais, Amado citou os nomes de alguns de seus pares da América Hispânica e fez uma exposição

---

livros? *In*: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 150.

[9] Antelo informa, na introdução ao texto, a ordem de publicação dos textos de Amado: "[...] o primeiro capítulo de *A ronda das Américas*, 'Ainda Brasil', foi estampado a 17, 24 e 31 de março de 1938; o segundo, 'Uruguai', saiu em 7 de abril; o terceiro capítulo, 'Argentina', em 14 e 21 de abril; o quarto, 'Cordilheira dos Andes', em 28 de abril; o quinto, 'Chile', sai em três fragmentos, a 12 e 21 de maio e ainda, 2 de junho; por último, o sexto capítulo, 'Peru', é impresso em 9 de junho de 1938". O "Suplemento Literário" da revista *Diretrizes* (n. 2, nov. 1939) publicou mais um pequeno fragmento, "México todo pitoresco", acompanhando uma reportagem gráfica sobre "a pintura mural e seus expoentes na América". ANTELO, Raúl, Textos à ronda. *In*: AMADO, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Raúl Antelo. Salvador: FCJA, 2001. p. 11.

mais detalhada da questão dos preços dos livros e da relação entre autores e editores, em especial nos maiores mercados dessa porção do continente, isto é, Argentina, Chile e México.

Antes de escrever sobre a viagem, é preciso percorrer alguns pontos da biografia e da formação política de Jorge Amado. Nascido em 1912, na cidade de Itabuna, Amado se mudou ainda jovem, nos primeiros meses de 1930, para a cidade do Rio de Janeiro, a fim de concluir os estudos secundários e se preparar para o ingresso no curso de Direito. Logo após se estabelecer na Capital Federal, começou a trabalhar para os jornais *O Paiz* e *A Crítica*, empastelados após a Revolução de 1930. Em setembro de 1931, chegou às livrarias seu primeiro livro, *O país do Carnaval*, publicado pela editora Livraria Schmidt. Nesse mesmo ano, incentivado por Rachel de Queiroz, aderiu ao Partido Comunista do Brasil. Pouco tempo depois, teve contato com a obra de Graciliano Ramos, de quem se aproximou.

Sua militância de esquerda se fez presente nas temáticas dos livros subsequentes: *Cacau* (1933) e *Suor* (1934), ambos publicados pela Ariel Editora; *Jubiabá* (1935); e *Mar morto* (1936), publicados pela Livraria José Olympio Editora, na qual assumiu o cargo de gerente de propaganda. O sucesso comercial de seus romances foi acompanhado por casos de censura. *Cacau*, por exemplo, foi recolhido das livrarias devido ao excesso de palavrões. Em novembro de 1935, houve um levante militar liderado por Luís Carlos Prestes com a participação de militares ligados à Aliança Nacional Libertadora e ao Partido Comunista. A chamada Intentona Comunista, cujo objetivo era derrubar o governo de Getúlio Vargas, foi derrotada em poucos dias. A perseguição que se seguiu ao levante obrigou Amado a deixar o cargo de assistente de Anísio Teixeira, secretário-geral de Educação e Cultura do Distrito Federal.[10] O escritor acabou sendo preso em abril de 1936.

Pouco tempo após ser liberado, Amado partiu com sua esposa e filha para Estância, no Sergipe, com o objetivo de escapar da vigilância das autoridades da Capital Federal. Mesmo afastado do Rio de Janeiro, o escritor baiano manteve seu cargo na José Olympio, usando as viagens pela região para estudar as vendas dos livros da editora carioca. Durante esse período de "vagabundagem lírica", Amado visitou pequenas cidades dos estados da Bahia e do Sergipe e teve a oportunidade de observar "as crianças abandonadas, que nas cidades de Salvador e Aracaju vivem do furto e de assaltos, iguais a homens".[11] Essas imagens foram

---

[10] Para mais, ver: AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado*: uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018. Em especial, os capítulos 3, 4 e 5. Ver também: TAVARES, Paulo. *O baiano Jorge Amado e a sua obra*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

[11] AMADO, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Raúl Antelo. Salvador: FCJA, 2001. p. 15.

utilizadas na composição de um novo romance, inicialmente intitulado *Bahia* e que foi renomeado mais tarde para *Capitães da Areia*. Durante esse período de "autoexílio", o escritor, além de trabalhar nos originais de seu livro, organizou uma jornada pelo continente americano. Deixou Estância no começo de 1937, levando consigo os primeiros capítulos do romance.

Com a viagem organizada, o escritor e sua esposa embarcaram no "romântico e poeirento" trem da Leste Brasileiro em direção à cidade de Salvador.[12] Permaneceram nove dias na capital baiana e, de lá, partiram de avião rumo ao Rio de Janeiro. Após "dias de correria" na Capital Federal, seguiram de navio com destino ao Rio Grande do Sul. Desembarcaram e pernoitaram em Rio Grande, cidade de "tristes casas de jogos e cafés quase desertos",[13] e seguiram, no dia seguinte, para Pelotas. Chegaram a Porto Alegre vindos de Pelotas e foram recebidos no aeroporto pelos escritores Erico Verissimo e Telmo Vergara. Amado e sua esposa ficaram na capital gaúcha por cerca de vinte dias. Pouco antes de seguir viagem, Amado foi homenageado em um jantar que contou com a presença de Verissimo, Angelo Guido, Nelson Boeira, Nilo Ruschel e "outras figuras representativas da cultura e da arte do Rio Grande do Sul", como anotou o jornal *A Federação*.[14] Após deixar a cidade, na segunda quinzena de abril, Verissimo enviou a José Olympio uma correspondência "desinteressada", em que relatou a passagem de Amado pela cidade:

> [...] Jorge Amado ha três dias partiu para o Uruguai; deve estar hoje em Montevideu. Esteve conosco mais de vinte e dias e nossas conversas giraram durante esse tempo quasi que exclusivamente em tôrno de livros, autores e editores. V. tem nele não só um admirador mas um grande amigo que não perde oportunidade para falar no seu nome , para elogiar a sua atuação , etc... Ás vezes êle e eu nos púnhamos a discutir como si fossemos dois editores rivais postos frente a frente. Os abacaxis vinham à tona. E a conversa acabava numa cordial descompostura [...].[15]

Os encontros e os "chás" com os escritores gaúchos, muitos deles ligados à Livraria do Globo, serviram de inspiração a alguns dos artigos publicados por Amado no *Dom Casmurro*.

---

[12] AMADO, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Raúl Antelo. Salvador: FCJA, 2001. p. 15.

[13] *Ibidem*, p. 26.

[14] JORGE Amado foi homenageado ontem. *A Federação*, Porto Alegre, p. 5, 13 abr. 1937.

[15] VERISSIMO, Erico. [*Correspondência*]. Destinatário: José Olympio Pereira Filho. Porto Alegre, 22 abr. 1937. Carta. 1 f. *In*: SORÁ, Gustavo. *Brasilianas*: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2010. p. 379.

Em um desses textos, o escritor tentou explicar os motivos pelos quais o Nordeste era "uma terra de romancistas" e o Sul, de "amáveis poetas e ensaístas".[16] Para sustentar essa afirmação, Amado levantou hipóteses, elencou argumentos e apontou as diferenças sociais e políticas entre as duas regiões do Brasil. Os desequilíbrios entre Nordeste e Sul não interferiam apenas na criatividade dos escritores, mas também na formação do público leitor. Devido ao processo migratório, motivo do processo de deslocamento dos homens, havia uma grande população feminina no Nordeste. Poucas mulheres se casavam e as muitas que permaneciam solteiras se dedicavam "a bordar toalhas para as igrejas, a comentar o que se passa na casa do vizinho". Por isso,

> [...] a moça nordestina (e a nortista também), envelhece lendo Deily [*sic*] e Ardel, executando valsas ao piano, fazendo tricô e rendas, esperando um noivo que nunca chega. Quando atinge certa idade e desespera, se dedica à igreja. No Sul, a situação, felizmente, já não é a mesma. A moça é hoje educada para trabalhar, para ganhar pão, a preocupação de arranjar marido já não é tão essencial. Os escritórios se enchem de moças que trabalham, lêem bons livros, conversam sobre qualquer assunto sem malícia, não vivem com o pensamento fito num possível noivo.[17]

Enquanto as mulheres pequeno-burguesas do Nordeste, presas aos afazeres domésticos, envelheciam lendo os livros de Henri Ardel e M. Delly,[18] autores de romances sentimentais frequentes na Biblioteca das Moças, da Companhia Editora Nacional, as mulheres no Rio Grande Sul tinham acesso não apenas ao mercado de trabalho, como também aos bons livros. Amado relatou, com certa surpresa, que descobrira no Sul "uma verdadeira legião de leitoras" de seus livros.[19] O turista, o escritor e o agente do mercado editorial não se dissociaram durante a viagem. É possível perceber o movimento de tentar transformar as experiências adquiridas ao longo do trajeto em material literário, em insumo às suas inquietações intelectuais e em estratégias para a inserção da José Olympio em novos nichos editoriais.

De Porto Alegre, o casal seguiu de trem em direção a Santa Maria e, posteriormente, rumo às cidades fronteiriças de Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai. A transposição da fronteira marcou o início da fase internacional de sua viagem. Eles

---

[16] AMADO, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Raúl Antelo. Salvador: FCJA, 2001. p. 37.

[17] *Ibidem*, p. 41.

[18] Henri Ardel era o pseudônimo da escritora Berthe Palmyre Victorine Marie Abraham. Já M. Delly era pseudônimo do casal de irmãos Frédéric Henri e Jeanne Marie Henriette Petitjean de la Rosiére.

[19] AMADO, Jorge, *op. cit.*, p. 40.

atravessaram, ainda de trem, os campos uruguaios e chegaram à cidade de Montevidéu, cidade de "boas livrarias",[20] como relatou Jorge Amado. Nessas livrarias, havia um claro domínio dos livros impressos na Argentina, Chile e Espanha. Segundo o escritor, ao contrário do que acontecia nas livrarias do Rio de Janeiro, não havia, nas casas de livros montevideanas, um balcão separado para as edições francesas.[21] Andando por uma "perdida rua" da cidade, Amado descobriu uma espécie de submundo da economia do livro de Montevidéu:

> E só aqui em Montevidéu, encontrei quem me oferecesse no escuro de uma esquina, livros de poses imorais. No Rio muitas vezes os vi nos jornaleiros, embrulhados em papel celofane. Mas jamais ninguém se aproximou de mim para oferecer essa espécie de literatura tão simpática aos jovens ginasianos. Mas numa perdida rua de Montevidéu vários homens vendem esses folhetos pornográficos.[22]

Além das livrarias e dos vendedores de folhetos pornográficos, as praias, os morros e o orgulho dos montevideanos não passaram despercebidos aos olhos do escritor em sua breve estadia. Acompanhado da esposa, deixou Montevidéu em direção à Colônia do Sacramento. De lá, atravessaram de barca rumo a Buenos Aires, a vibrante capital argentina.

Amado e Matilde Rosa desembarcaram numa Buenos Aires em pleno processo de remodelação do centro urbano, com a demolição de antigos imóveis para a construção da Avenida 9 de Julho. Na primeira viagem de Amado à cidade, em 1935, a capital argentina tinha "uma fisionomia" que ele podia "descrever". Em seu retorno, o escritor notou que uma nova cidade surgia: a grande Avenida Diagonal Norte e o Obelisco já estavam prontos, e os cinemas, como o Metro e o Ópera, cheios de uma "multidão sadia".[23]

Durante sua permanência em Buenos Aires, Amado conversou com escritores locais, "gente simpática", e foi convidado por alguns deles a assistir a uma peça teatral. Nas palavras do romancista baiano, aquela foi:

> [...] uma das mais curiosas realizações de teatro que conheço. Uma ótima companhia, formada com atores de nome, originais de escritores novos de sucesso. E discussões sobre a peça levada, a platéia pedindo, depois do espetáculo, explicações, aprovando ou desaprovando. O espetáculo que assisti constava de

---

[20] AMADO, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Raúl Antelo. Salvador: FCJA, 2001. p. 67.

[21] *Ibidem*, p. 67.

[22] *Ibidem*, p. 68.

[23] *Ibidem*, p. 79.

> uma peça contra a guerra *O senhor não está em casa* e era curiosíssima. Uma peça cheia de humor mas com momentos de intensa dramaticidade e emoção. A companhia magnífica. E o mais importante: o teatro totalmente lotado, um público numerosíssimo.[24]

Encenada pela Compañía Argentina de Teatro Livre, no Teatro Moderno, e dirigida por Orestes Caviglia,[25] importante ator e diretor antifascista, a peça *El señor Dios no está en casa*, de Román Gómez Masía, era uma sátira política que mostrava os negócios do céu sendo realizados por santos durante a ausência de Deus.[26] Apesar de ter sido escrita em 1932, o espetáculo só teve sua exibição autorizada em 1937, após um considerável processo de reescrita.[27] Ainda na capital argentina, Amado foi convidado para um jantar organizado por escritores locais conhecedores de seus dois livros traduzidos para o espanhol por editoras portenhas, *Cacau*, pela Claridad, e *Jubiabá*, pela Iman. Infelizmente, Amado não citou os nomes de seus colegas, mas supõe-se quem no jantar, estivessem presentes intelectuais ligados ao grupo de Boedo, associação informal de escritores de pensamento de esquerda que se reuniam na rua que dava nome ao grupo e onde se localizava a Editorial Claridad, braço editor do movimento. Entre os principais nomes ligados ao Boedo estavam Leónidas Barletta, Enrique Amorim e Antonio Zamora, proprietário da Claridad. Nessa passagem por Buenos Aires, Amado vendeu à Claridad os direitos de *Mar Morto*, romance publicado pela editora de Zamora em 1938.

De Buenos Aires, o casal seguiu de carro rumo à vila Punta de Vacas, na província de Mendoza, próxima à fronteira com o Chile, e embarcou no Ferrocarril Transandino Los Andes-Mendoza com destino à cidade de Santiago. Em sua rápida estadia na capital do país, Amado vendeu à Editorial Ercilla os direitos de *Suor*; garantia, assim, o suporte financeiro para o prosseguimento da viagem. De Santiago, Amado e Matilde Rosa partiram para Valparaíso, onde embarcam no japonês Rakuyo Maru e cumpriram o itinerário do navio – Santo Antonio, Tocopilla, Coquimbo, La Serena e Iquique, no Chile; Callao, Chancay e Lima, no Peru; e Guayaquil e Manta, no Equador. Contudo, em seus textos, o escritor ignorou a passagem pelo Equador e Colômbia. Em carta endereçada a Anísio Teixeira, que estava afastado de suas atividades políticas após a levante comunista de 1935, Amado compartilhou

---

[24] AMADO, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Raúl Antelo. Salvador: FCJA, 2001. p. 103.

[25] TEATRO. *Verbum*, Buenos Aires, v. 30, n. 86, p. 114-116, 1937.

[26] JONES, Willis Knapp. *Behind Spanish American Footlights*. Austin: University of Texas Press, 1966. p. 179.

[27] *Ibidem*, p. 179.

com o colega suas impressões de viagem. Ademais, ele comunicou que, com a correspondência, enviara alguns livros publicados pelo Ministério da Educação do México e deu informações importantes sobre a publicação de *Capitães da Areia*, cuja redação terminara durante a viagem de navio. Segue a transcrição da carta:

> Mexico , D. F. , 26 de julho de 1937.
> Dr. Anisio: um abraço saudoso.
> Por um cartão que lhe enviei da costa do Perú o sr. deve ter sabido que ando através estas Americas. Há um mez e meio que estou no Mexico. Daqui subo para os Estados Unidos, desço para a America Central, antes de voltar para o Brasil, coisa que se dará nos ultimos mezes deste ano.
> Hoje boto no correio para o sr. algumas publicações do Ministerio da Educação daqui. Vão alguns livros que creio lhe interessarão sobre a organisação da educação mexicana. Estou encantado com o Mexico. Muito diverso de toda a dor e suprema pobreza que encontrei no Chile, Perú, Equador e Colombia. Pelo menos há alegria no rosto do povo. E a visão do campo mexicano e das escolas ruraes é qualquer coisa que me encanta. Endereço esta carta e estes livros para Caiteté se bem não saiba se o sr, ainda está aí.
> No fim do mez que vem deve sair no Rio o ultimo dos seis romances sobre a Bahia: "Capitães da Areia", romance que trata da vida das creanças abandonadas nas ruas da capital do nosso Estado e que comecei em Sergipe e acabei aqui. Enviei o livro ha coisa de 15 dias para o nosso editor, o querido José Olympio. Tomei a liberdade de dedicar este romance ao sr. em sinal de admiração, amizade e gratidão. Sei bem que mesmo que o romance seja fraco o sr. saberá amar e compreender estas creanças abandonadas a quem falta tudo e cuja vida na Bahia me espantou de tal maneira que abandonei dois planos de romances que tinha para fazer este. O sr. é um homem para quem o grande amor e a unica ambição teem sido as creanças do Brasil. Por isso e pelo muito que me ensinou nos mezes que trabalhamos juntos aceite a dedicatoria destes "Capitães da Areia". Para mim é um orgulho poder dedicar um livro ao sr.[28]

Na passagem pelo México, Amado conheceu o psicólogo e ensaísta argentino Aníbal Ponce, os pintores e muralistas Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros e José Orozco, e o poeta e ensaísta Miguel Bustos Cerecedo.[29] Possivelmente, tratava-se de uma rede de contatos costurada por meio de sua filiação ideológica ao Partido Comunista. Após visitarem o México, Jorge Amado e Matilde Garcia Rosa seguiram para os Estados Unidos. Em setembro, permaneceram dez dias em Nova York, destino final da viagem. Na cidade, Amado encontrou pela primeira vez John dos Passos, um dos autores mais lidos em sua juventude e que se tornou o nome mais frequente na Estante Americana, provavelmente por indicação do escritor

---

[28] AMADO, Jorge. [*Correspondência*]. Destinatário: Anísio Teixeira. Cidade do México, 26 jul. 1937. Carta. 1 f. FGV CPDOC, Arquivo Anísio Teixeira. (Classificação AT C 1937.07.26). Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=AT_Corresp&pasta=AT%20c%201937.07.26. Acesso em: 21 nov. 2018.

[29] TAVARES, Paulo. *O baiano Jorge Amado e a sua obra*. Rio de Janeiro: Record, 1982. p. 32.

baiano.[30] Saindo dos Estados Unidos, embarcaram em um navio rumo ao Brasil e adentraram no país pelo Belém do Pará. Na capital paraense, Amado soube que estava sendo perseguido pelas autoridades do recém-instaurado Estado Novo. Com isso, decidiu mandar Matilde para o Rio de Janeiro e traçar uma rota de fuga.[31] Amado conseguiu, com o cônsul da Colômbia, uma autorização para a entrada como turista naquele país. Contudo, acabou sendo preso em Manaus, episódio que é abordado na seção 2.3.5, sobre as tratativas da venda dos direitos de *Sinhô Badaró* e *São Jorge dos Ilhéus* para a Guaíra.

* * *

Ao longo da sua viagem, Jorge Amado estabeleceu conversas com escritores e intelectuais hispano-americanos e estadunidenses e, como pode ser observado na correspondência enviada a Teixeira, o autor buscou se colocar como uma espécie de semeador das ideias dos intelectuais do continente entre seus pares brasileiros.[32] Em seu retorno ao Brasil, ostentou com orgulho não só as teias de relações alinhavadas durante a jornada, mas também os resquícios materiais dela, como podem ser observados nos quadros presenteados por Diego Rivera e expostos em sua residência, localizada no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro.[33]

Com base nas informações recolhidas com os escritores e editores do continente, Amado escreveu um pequeno artigo intitulado "O problema do livro nas Américas", parte integrante de seus textos publicados no *Dom Casmurro*. Dividido em quatro partes, o artigo tratou do problema do livro no Brasil e nas Américas. O romancista abordou o livro no Brasil sob o prisma da falta de profissionalização do escritor no país, causado, segundo ele, pelos

---

[30] Segundo Joselia Aguiar, Jorge Amado teve seu primeiro contato com a obra de Dos Passos ainda em sua fase de formação e dele absorveu algumas técnicas literárias. Tentou fazer com que a Editora Ariel traduzisse a obra do romancista estadunidense, mas não obteve sucesso. AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado*: uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018. p. 66-78; 160-173.

[31] *Ibidem*, p. 126.

[32] Cabe pontuar que essa viagem não pode ser colocada como marco inicial do contato de Jorge Amado com a produção literária da América Latina. Joselia Aguiar ressalta que, após 1932, Amado "não devorava só brasileiros. A Livraria Espanhola, situada no Pelourinho, o abastecia de autores *hispanohablantes* nas suas visitas ao seu 'pessoal' na Cidade da Bahia. [...] Conhecia o romântico Jorge Isaacs, do *María*, e passou a ler outro colombiano, Vargas Vila, e ainda o ítalo-argentino Jogé Ingenieros e o uruguaio José Enrique Rodó". *Ibidem*, p. 66.

[33] COM JORGE Amado em Vila Isabel. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 15 jun. 1939.

seguintes fatores: pequeno número de leitores;[34] relação entre o preço do livro e a escassez de papel; falta de uma política pública que gerenciasse de maneira adequada a cobrança de impostos; relação escritor-editor; e, por fim, o problema dos livreiros.[35]

Em sua análise sobre o problema do livro nas Américas, Jorge Amado citou alguns dos sucessos editoriais da América Hispânica: *Huasipungo* e *En las calles*, de Jorge Icaza; *Canal zone*, de Demetrio Aguilera-Malta[36]; *Doña Barbara*, de Rómulo Gallegos; e *El indio*, de Gregorio López y Fuentes. Contudo, o escritor não se aprofundou nem nas obras, nem nas temáticas adotadas pelos intelectuais da região. O ficcionista baiano retomou a discussão sobre a intelectualidade do continente no artigo "Um romancista sul-americano", publicado no periódico *Dom Casmurro*, de 30 de dezembro de 1939.[37] No pequeno texto, Amado relatou que havia acabado de traduzir *Dona Bárbara* para a Editora Guaíra e relembrou que o primeiro contato com a obra acontecera no México, quando a recebeu das mãos de Miguel Bustos Cerecedo. O escritor informou, ainda, que a Guaíra perguntou a ele quais títulos deveriam compor uma futura coleção da casa, intitulada Estante Americana. Amado levou a consulta da editora até o embaixador de Cuba no Brasil, Alfonso Hernandez Catá. O embaixador:

> [...] citou imediatamente o "DONA BÁRBARA" como o livro que deveria abrir a coleção, para a qual depois viriam Jorge Icaza, Aguilera Marta [sic], José de la

---

[34] Escreveu Jorge Amado: "O escritor europeu ou norte-americano é um cavalheiro que se dedica exclusivamente a seus livros e artigos e deles tira o que viver, não só com comodidade e conforto, como até com bastante luxo. No Brasil o escritor é um cavalheiro funcionário público, bancário, médico ou advogado, que nas horas vagas deixa de ir ao cinema para trabalhar às pressas no seu romance ou no seu ensaio. Como produzir obras-primas nestas condições? Não existe a profissão de escritor no Brasil porque não existe público grande, suficiente para esgotar uma edição que deixe uma percentagem razoável ao escritor". AMADO, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Raúl Antelo. Salvador: FCJA, 2001. p. 83-84.

[35] Na obra de Jorge Amado, a discussão sobre o livro no Brasil não se restringiu aos artigos expostos nesse texto. Anos depois, em maio de 1956, foi lançada a revista cultural *Para todos*, fundada por Álvaro Moreyra e dirigida pelo próprio Jorge Amado. Em seu número de estreia, a revista iniciou uma série de reportagens-depoimentos sobre os "problemas do livro e da indústria editorial brasileira". Para essa série, que perdurou até a quarta edição da revista (primeira quinzena de julho) foram entrevistados editores – José Barros Martins, da Martins Editor, e Ênio Silveira, da Civilização Brasileira –, escritores – Orígenes Lessa e Edgar Cavalheiro (que à época era presidente da Câmara Brasileira do livro) –, um livreiro-editor – Carlos Ribeiro, da Lavraria São José – e até um "leitor comum". Nessas reportagens, vários temas ligados à produção, circulação, venda e consumo de livros foram abordados. Além das reportagens-depoimentos, havia na quarta edição uma matéria de página inteira sobre o Instituto Nacional do Livro, que pode ser considerada parte integrante desse panóptico sobre o livro no Brasil. Ver: *Para todos*, São Paulo; Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 10 maio/23 maio 1956; n. 2, 1. quinz. jun. 1956; n. 3, 2. quinz. jun. 1956; n. 4, 1. quinz. jul. 1956.

[36] Erroneamente, a autoria de *Canal Zone* é creditada a "Aguilar Maya". Não é possível saber se tal equívoco foi de Jorge Amado, autor do texto, ou um erro tipográfico.

[37] Esse texto foi, posteriormente, reproduzido como prefácio à primeira edição de *Dona Bárbara*.

> Cuadra, José Fernandes, do Equador todos eles, Rivera, o fabuloso Rivera de "La Voraigine", romance da Amazônia colombiana, Juan Marin, do Chile, o próprio Catá e Carlo Montenegro, de Cuba, Lopos y Fuentes e Azuela, do México, Herman Robleto, da Nicaragua, César Valejo, do Perú, alem dos norte-americanos.[38]

Conforme é possível observar, as experiências vivenciadas durante sua viagem continental, bem como os contatos com vários intelectuais hispano-americanos e estadunidenses, acabaram se refletindo na lista organizada por ele e entregue à editora, além de posicionar Amado como um mediador e disseminador da produção literária continental.

Como pontuado ao longo do primeiro capítulo, a Guaíra era uma editora nova, criada em fins de 1939. A fundação da empresa respeitava o desejo de seu fundador, De Plácido e Silva, de criar uma editora de certa expressão nacional, com a publicação de escritores consagrados, como Luís Martins, além de tentar construir uma imagem pública de uma casa editorial de aberta aos escritores jovens. A manutenção de um projeto editorial estava relacionada às vendas e, nesse sentido, a tradução de *Dona Bárbara* e o lançamento da Coleção Estante Americana pareciam promissores: a menção ao nome de Jorge Amado como tradutor do romance e selecionador de outros títulos da coleção funcionava como uma espécie de selo de qualidade, o que poderia dar o impulso de vendas que a editora precisava para se inserir no mercado de tradução de grandes romances contemporâneos escritos em língua estrangeira.

2.2 Os momentos da ficção hispano-americana no Brasil e a Coleção Estante Americana

Antes de fazer uma análise dos livros publicados na Coleção Estante Americana, é necessário percorrer a trajetória da ficção de origem hispano-americana no Brasil com o objetivo de situar a coletânea da Editora Guaíra nesse processo. Essa apreciação mais geral depende da conformação de uma espécie de catálogo dos títulos publicados no Brasil ao longo da primeira metade do século XX.[39] O Quadro 1 apresenta os títulos de literatura hispano-

---

[38] AMADO, Jorge. Um romancista sul-americano. *In*: GALLEGOS, Rómulo. *Dona Bárbara*. Curitiba: Guaíra, 1940. p. 8.

[39] A elaboração dessa tabela foi realizada em três momentos: um primeiro, de pesquisa nos acervos de bibliotecas, em especial nas bibliotecas das principais universidades do país, e no vasto acervo da Hemeroteca Digital Brasileira; em um segundo momento, o cotejo com os dados apresentados por Sérgio Bandeira Karam em sua dissertação de Mestrado; e, finalmente, uma nova pesquisa no acervo da Hemeroteca em busca de algumas indicações realizadas por Karam. Para mais, ver: KARAM, Sérgio Bandeira. *A tradução de literatura hispano-americana no Brasil*: um capítulo da História da Literatura Brasileira. 2016. 268 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

americana publicados no país entre 1894, momento em que o romance *Maria*, do colombiano Jorge Isaacs, começou a ser enviado como brinde aos novos assinantes do jornal gaúcho *A Federação*, e 1950, período no qual os projetos de promoção da literatura dos países de língua espanhola já haviam chegado ao fim. Cabe pontuar que durante o Estado Novo, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) lançou dois empreendimentos culturais que visavam dar projeção à literatura hispano-americana e estadunidense no Brasil: o suplemento "Pensamento da América", parte integrante do jornal *A Manhã*, e a coluna "Literatura Pan-americana", da revista *Cultura Política*. Esses projetos tinham como objetivo posicionar ideologicamente o Brasil no contexto da Política de Boa Vizinhança, adotada durante o governo de Franklin D. Roosevelt (1933-1945).[40] É provável que os projetos executados pelo DIP nos anos 1940, especialmente o "Pensamento da América", tenham reverberado de alguma maneira no mercado editorial.[41] Após a queda de Vargas, em 1945, os projetos sob tutela do Estado saíram de pauta. Ainda assim, até o fim da década de 1940, a literatura hispano-americana continuou a ser publicada, situação que se inverteu na década de 1950, quando poucos livros foram editados.[42] Por motivo de continuidade, foi feita a opção pelo recorte até o ano de 1950.

---

[40] Além dos empreendimentos do DIP, o Ministério das Relações Exteriores, por meio de sua Divisão Cultural, lançou a Coleção Brasileira de Autores Argentinos. Entre 1938 e 1952, foram publicados dez títulos de escritores do país vizinho, sendo boa parte deles ensaios de teor político e biografias. Em contrapartida, o Ministerio de Justicia e Instrucción Pública da República Argentina publicou a Biblioteca de Autores Brasileños Tracucidos al Castellano. Foram editados *Síntese da história da civilização Argentina* (1938), de Ricardo Lavene; *De Caseros ao 11 de setembro* (1939), de Ramón Cárcano; *Orações seletas* (1940), de Bartolomé Mitre; *Bases e pontos de partida para a organização política da República Argentina* (1941), de Juan B. Alberdi; *Vidas argentinas* (1942), de Octavio R. Amadeo; *Seis figuras do Prata* (1946), de Juan Pablo Echagüe; *O santo da espada* (1948), de Ricardo Rojas; *Mitre* – uma década de sua vida política (1950), de Rodolfo Rivarola; *Recordações da província* (1952), de Domingo F. Sarmiento; e, por fim, a novela *Dom Segundo Sombra* (1952), de Ricardo Güiraldes. Para mais detalhes sobre essas coleções, ver: PAGANO, Adriana Silvana. Políticas de interação cultural na América Latina: a tradução no diálogo Brasil-Argentina. *In*: MACIEL, Maria Esther; OLIVEIRA, Paulo Motta; ÁVILA, Myriam (org.). *América em movimento*: ensaios sobre literatura latino-americana do século XX. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. p. 15-32.

[41] De Plácido e Silva, por exemplo, tinha contatos com a direção do *A Manhã*: visitou a redação do jornal poucos dias após sua abertura, em agosto de 1941. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 11, 20 ago. 1941. Além disso, o editor da Guaíra chegou a traduzir, para o suplemento "Pensamento da América", um texto de autoria do boliviano Jesus Lara – "Lirismo no altiplano quéchua". BERABA, Ana Luísa, *América aracnídea*: teias culturais interamericanas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 221.

[42] Segundo os dados levantados por Sérgio Karam, na década de 1950, as editoras brasileiras perderam o interesse pela literatura de língua espanhola. Uma das poucas exceções foi a editora Prometeu, que seguiu publicando as obras de José María Vargas Vila. Ao todo, até 1956, foram lançados doze títulos. Além dos livros do escritor colombiano, foram editadas apenas duas outras obras de ficção: *O senhor presidente*, de Miguel Ángel Asturias, pela Edições Zumbi, em 1957; e uma reunião de contos, intitulada *Maravilhas do conto hispano-americano*, da Editora Cultrix, de São Paulo, lançada no ano seguinte. É provável que, sem as instâncias de legitimação criadas pelo Estado, as editoras se desinteressaram, aos poucos, pelos escritores hispano-americanos.

Quadro 1 – Difusão da literatura hispano-americana em formato de livro (1894-1950)

(continua)

Autor(a)	Título	Tradutor(a)	Editora	Local	Ano	País de origem
ISAACS, Jorge	*María*	João Maia	A Federação	Porto Alegre	1892-94	Colômbia
LARRETA, Enrique	*A glória de D. Ramiro*	J. M. Goulart de Andrade	Francisco Alves	Rio de Janeiro	1914	Argentina
GÁLVEZ, Manuel	*Mal Metaphysico*	Cláudio de Souza	Livraria Editora Braz Lauria	Rio de Janeiro	1920	Argentina
SARMIENTO, Domingo	*Facundo*	Carlos Maul	Monteiro Lobato & Cia.	São Paulo	1923	Argentina
GÁLVEZ, Manuel	*Nacha Regules*	–	Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato	São Paulo	1924	Argentina
GUTIERREZ, Eduardo	*Juan Moreira*	Carlos Maul	Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato	São Paulo	1924	Argentina
ISAACS, Jorge	*María*	Murilla Torres	Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato	São Paulo	1925	Colômbia
OLIVARI, Nicolás	*Maria Luiza, Ave Venus Physica:* Novella Realista	Francisco Pati	Empresa Editora Rochea	São Paulo	1925	Argentina
WAST, Hugo	*Flor de pessegueiro*	Almáchio Cirne	Globo	Porto Alegre	1930	Argentina
WAST, Hugo	*Deserto de Pedra*	Almáchio Cirne	Globo	Porto Alegre	1930	Argentina
WAST, Hugo	*A casa dos corvos*	Almáchio Cirne	Globo	Porto Alegre	1930	Argentina
WAST, Hugo	*Fonte selada*	Almáchio Cirne	Globo	Porto Alegre	1930	Argentina
WAST, Hugo	*Valle Negro*	Almáchio Cirne	Globo	Porto Alegre	1930	Argentina
QUIROGA, Horácio	*O papagaio depenado*	Haydée N. Isac Lima	Empresa Editora Brasileira	São Paulo	[193-?]	Uruguai/ Argentina
GÁLVEZ, Manuel	*Jornadas de Agonia*	Gonçalo Muniz	Galdino Loureiro	Salvador	1931	Argentina
WAST, Hugo	*A que não perdoou*	Almáchio Cirne	Globo	Porto Alegre	1932	Argentina
WAST, Hugo	*Dom Bosco e seu tempo*	Almáchio Cirne	Globo	Porto Alegre	1933	Argentina
AZUELA, Mariano	*Os rebelados*	Aurélio Pinheiro	Machado & Ninitch	Rio de Janeiro	1934	México
CÁRCANO, Ramón	*Juan Facundo Quiroga*	J. Paulo de Medeiros	Inst. Argentino-Brasileiro de Cultura	Rio de Janeiro	1935	Argentina
SARMIENTO, Domingo	*Facundo*	Carlos Maul	Imprensa Nacional (Biblioteca Militar)	Rio de Janeiro	1938	Argentina
VIGIL, Constancio C.	*Terra virgem*	Eduardo Tourinho	Melhoramentos	São Paulo	1938	Uruguai/ Argentina
WAST, Hugo	*Pessegueiros em flor*	Almáchio Cirne	Globo	Porto Alegre	1938	Argentina
WAST, Hugo	*Lucia Miranda*	Almáchio Cirne	Globo	Porto Alegre	1938	Argentina
VIGIL, Constancio C.	*Educação dos filhos*		Melhoramentos	São Paulo	[193-?]	Uruguai/ Argentina

Quadro 1 – Difusão da literatura hispano-americana em formato de livro (1894-1950)

(continuação)

Autor(a)	Título	Tradutor(a)	Editora	Local	Ano	País de origem
GALLEGOS, Rómulo	*Dona Bárbara*	Jorge Amado	Guaíra	Curitiba	1940	Venezuela
MARTÍ, José	*Páginas escolhidas*	Silvio Júlio de Albuquerque Lima	Alba	Rio de Janeiro	1940	Cuba
ICAZA, Jorge	*Huasipungo*	De Plácido e Silva	Guaíra	Curitiba	1941	Equador
ALEGRIA, Ciro	*Grande e estranho é o mundo*	Amadeu Amaral Jr.	José Olympio	Rio de Janeiro	1944	Peru
CHAVES, Maria Concepción L. De	*Tava'i (Vilarejo)*	J. Machado	Clube do Livro	São Paulo	1944	Paraguai
GÜIRALDES, Ricardo	*Dom Segundo Sombra*	Augusto Meyer	Imprensa Nacional	Rio de Janeiro	1944	Argentina
VARGAS VILA, José Maria	*Ibis*	Galvão de Queiroz	Prometeu	São Paulo	1944	Colômbia
ISAACS, Jorge	*Maria*	Maria Eugênia de Souza Pacheco	Flama	São Paulo	1945	Colômbia
RIOSECO, Arturo Torres	*Poesias*	Vários	Globo	Porto Alegre	1945	Chile
RIVERA, José Eustasio	*A voragem*	José César Borba	Cia. Editora Leitura	Rio de Janeiro	1945	Colômbia
VARGAS VILA, José Maria	*Rosas da tarde*	–	Prometeu	São Paulo	1945	Colômbia
VIGIL, Constancio C.	*A formiguinha viageira*	Guilherme de Almeida	Melhoramentos	São Paulo	1945	Uruguai/ Argentina
AMORIM, Enrique	*O cavalo e a sombra dele*	J. B. Silveira Peixoto (revisão)	Guaíra	Curitiba	1946	Uruguai
DICKMANN, Max	*Esta geração perdida*	Clarita M. Becker; Idel Becker	Cia. Editora Nacional	São Paulo	1946	Argentina
NERUDA, Pablo	*20 poemas de amor e uma canção desesperada*	Domingos Carvalho da Silva	Martins Livreiro	São Paulo	1946	Chile
LARA, Jesús	*Surúmi*: novela quíchua	Arlindo de Salvo	Empresa Gazeta de Limeira	Limeira (SP)	1946	Bolívia
ROCUANT, Miguel Luis	*Jardim de Epicuro*	João de Souza Ferraz	Empresa Gazeta de Limeira	Limeira (SP)	1946	Chile
Vv. Aa.	*Os mais belos contos hispano-americanos dos mais famosos autores*	Vários	Editora Vecchi	Rio de Janeiro	1946	
VARGAS VILA, José Maria	*A loucura de Job*	–	Prometeu	São Paulo	1946	Colômbia
VIGIL, Constancio C.	*Reflexões Cristãs*	Eduardo Tourinho	Melhoramentos	São Paulo	1946	Uruguai/ Argentina
LANGE, Norah	*Cardenos de Infância*	Lídia Bosouchet	Instituto Progresso	São Paulo	1947	Argentina
VARGAS VILA, José Maria	*A semente*: romance	Líbero Rangel de Andrade	Prometeu	São Paulo	1947	Colômbia

Quadro 1 – Difusão da literatura hispano-americana em formato de livro (1894-1950)

(conclusão)

Autor(a)	Título	Tradutor(a)	Editora	Local	Ano	País de origem
VIGIL, Constancio C.	*Sinhá Zefa*	–	Instituto Progresso	São Paulo	1947	Uruguai/ Argentina
VARGAS VILA, José Maria	*Lírio vermelho*	–	Prometeu	São Paulo	1947	Colômbia
VARGAS VILA, José Maria	*Lírio negro*	–	Prometeu	São Paulo	1947	Colômbia
VIGIL, Constancio C.	*O bosque azul*	Francisco Marins	Melhoramentos	São Paulo	1947	Uruguai/ Argentina
ISAACS, Jorge	*Maria*	–	Clube do Livro	São Paulo	1948	Colômbia
GAMBOA, Federico	*Santa (o destino de uma pecadora)*	–	Vecchi	Rio de Janeiro	1948	México
SÁBATO, Ernesto	*O Túnel*	–	Civilização Brasileira	Rio de Janeiro	1948	Argentina
ROJAS, Ricardo	*O santo da espada* – San Martín	Lauro Escorel	Imprensa Nacional	Rio de Janeiro	1948	Argentina
SAN MARTIN, Juan Zorilla de	*Tabaré*	Manoelito de Ornellas	Globo	Porto Alegre	1948	Uruguai
AGUILERA MALTA, Demétrio; JONES, Willis Knap	*Sangue azul* – comédia em três atos (Teatro)	–	União Pan Americana	–	1948	Equador/ Estados Unidos
VARGAS VILA, José Maria	*Lírio branco*	–	Prometeu	São Paulo	1948	Colômbia
MALLEA, Eduardo	*Todo verdor perecerá*	José Lins do Rego e Henrique Simas	Globo	Porto Alegre	1949	Argentina
BOMBAL, Maria Luisa	*Entre a vida e sonho*	Carlos Lacerda	Pongetti	Rio de Janeiro	1949	Chile
VIGIL, Constancio C.	*Amar é viver*	–	Melhoramentos	São Paulo	[194-?]	Uruguai/ Argentina
VIGIL, Constancio C.	*Os ensinamentos de Jesus*	–	Melhoramentos	São Paulo	[194-?]	Uruguai/ Argentina
VIGIL, Constancio C.	*Os besouros e a moeda de ouro*	–	Melhoramentos	São Paulo	[194-?]	Uruguai/ Argentina
VIGIL, Constancio C.	*Vida espiritual I, II e III*	–	Melhoramentos	São Paulo	[194-?]	Uruguai/ Argentina
VIGIL, Constancio C.	*Marta e Jorge*	Guilherme de Almeida	Melhoramentos	São Paulo	[194-?]	Uruguai/ Argentina
BARRIOS, Eduardo	*Fidalgo e Conquistador*	–	Brasiliense	São Paulo	1950	Chile
VARGAS VILA, José Maria	*A conquista de Bizâncio*		Prometeu	São Paulo	1950	Colômbia
VARGAS VILA, José Maria	*O caminho do triunfo*		Prometeu	São Paulo	1950	Colômbia

Fonte: elaboração própria.

O primeiro contato do público leitor brasileiro com textos ficcionais escritos por autores hispano-americanos se deu na segunda metade do século XIX, por meio dos folhetins.

Nesse espaço, foram publicados quatro títulos de três autores sul-americanos. *Amalia*, romance de autoria do político e escritor argentino José Mármol, foi lançado pelo periódico carioca *A Nação* entre julho de 1874 e fevereiro de 1876. A novela *A Vingança*, do chileno Alberto Blest Gana, foi publicada pelo jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, ao longo do mês de fevereiro de 1877. Poucos anos depois, entre 1880 e 1881, outro periódico pôs em circulação um texto de Blest Gana: *O Lábaro*, de Porto Alegre, publicou uma "versão" de Azevedo Junior, intitulada *Um drama social*, do romance cujo título original era *El pago de las deudas*. Por fim, em agosto de 1892, o jornal *A Federação*, do Rio Grande do Sul, iniciou a publicação de uma das mais famosas narrativas hispano-americanas, *María*, do colombiano Jorge Isaacs. Ao que tudo indica, o lançamento de *María* em folhetim alcançou alguma repercussão, pois, a partir de fevereiro de 1894, *A Federação* começou a oferecer o livro de brinde aos leitores que fizessem sua assinatura anual, o que fez com que a obra de Isaacs fosse o primeiro romance hispano-americano publicado em formato de livro do Brasil. De certa maneira, *María* é um dos últimos atos da literatura de língua espanhola no espaço dos folhetins e, certamente, o primeiro no formato de livro. Isso talvez explique o caráter "extemporâneo" dessa publicação. Já *A glória de D. Ramiro*, de Enrique Larreta, publicada em 1914, foi a primeira obra hispano-americana a ser pensada para o formato de livro – e não como um desdobramento de um folhetim bem aceito pelo público leitor.

O Quadro 1 expõe dois momentos distintos da edição de livros de literatura hispano-americana no Brasil: em um primeiro momento, entre 1914 e 1939, praticamente todos os autores hispano-americanos publicados no país eram de origem argentina – sendo o católico conservador Hugo Wast o escritor com mais títulos lançados no período –, e tiveram os exemplares editados pela Livraria do Globo. As obras que conseguiram romper a sequência de publicações argentinas foram *María*, de Jorge Isaacs, e *Os rebelados*, do mexicano Mariano Azuela.[43]

Nesse primeiro período, a figura de Monteiro Lobato teve grande destaque. O escritor taubateano foi, no início dos anos 20, o primeiro editor de livros a impulsionar a literatura hispano-americana. Em texto publicado na *Revista do Brasil*, Lobato defendeu a criação de

---

[43] Escrito em primeira pessoa e com forte teor sentimental, *María* conta, em retrospectiva, o amor não realizado entre a personagem que dá título ao livro e Efraín, seu primo. Logo após seu lançamento, em 1867, e durante boa parte do século XIX e início do XX, *María* reinou como uma das narrativas mais populares e referenciadas da América Latina. Foi traduzida para o português por João Maia e, como apontado, publicada no formato de folhetim pelo jornal gaúcho *A Federação* entre agosto de 1892 e fevereiro de 1894. Já o romance *Los de abajo*, de Mariano Azuela, foi publicado, originalmente, em 1916, em meio ao processo revolucionário mexicano. Reconhecido como uma das principais narrativas sobre a Revolução Mexicana, o romance foi lançado no Brasil, em 1934, por uma pequena editora do Rio de Janeiro, a Machado & Ninicht.

uma coleção, a Biblioteca Sul-americana, cujo objetivo seria difundir "obras-primas de profundíssimo cunho nacional":

> A casa Monteiro Lobato & Cia. vae também cooperar na tarefa. Lançará a "Biblioteca Sul-americana", abrindo-a com o "Facundo", de Sarmiento, obra de gênio, que está para a Argentina como "Sertões", de Euclides, estão para nós.
> Dará em seguida obras de Galvez, Ingenieros, Quiroga, Eduardo Barrios, Cancela, Capdevilla, Hugo Wast, Salaverri e tantos outros, além de livros capitaes de cada uma das republicas irmãs, a começar pelo México.
> Todas as republicas sul-americanas possuem a sua "Innocencia", o seu "Guarany", o seu "Sertões", isto é, uma ou duas obras-primas de profundíssimo cunho nacional, e nosso publico não pode, como até hoje, viver no absoluto desconhecimento dessas supremas florações da mentalidade sul-americana.[44]

A coleção almejada por Lobato não deu os frutos esperados. Segundo Heloísa Netto, apesar de lançar alguns títulos, apenas *Facundo*, de Sarmiento, foi publicado pela Biblioteca Sul-americana. *Nacha Regules*, de Manuel Gálvez, e *Juan Moreira*, de Eduardo Gutierrez saíram pela Coleção Popular.[45]

Em um segundo momento, entre 1940 e 1950, o mercado editorial brasileiro esteve aberto a uma impressionante diversidade de títulos: foram editados escritores da Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, Bolívia, Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Cuba e México. Dois autores tiveram grande destaque nesse período: o colombiano José Maria Vargas Vila, com 21 títulos publicados pela Editora Prometeu entre os anos de 1944 e 1956; e o uruguaio radicado na Argentina Constancio C. Vigil, autor de mais de uma dezena de livros lançados pela Editora Melhoramentos e figura constante nas revistas e nos jornais destinados ao público infantojuvenil. A publicação de *Dona Bárbara* marca esse ponto de virada e de abertura do mercado brasileiro às obras de outros países hispano-americanos. Esse relativo pioneirismo da Guaíra foi possível porque havia condições culturais e políticas que tornaram viáveis as publicações de *Dona Bárbara*, *Huasipungo* e *O cavalo e a sombra dele*.[46]

---

[44] MONTEIRO LOBATO, José Bento. Inquérito literário sul-americano. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, v. XXIII, n. 91, p. 204-205, jul. 1923.

[45] PINTO NETTO, Heloísa Sousa. Monteiro Lobato e o intercâmbio literário com sul-americanos: correspondências com Manuel Gálvez e Horacio Quiroga. *In*: REGAZZONI, Susana; CACERE, Fabíola (org.). *America*: il racconto di um continente. Veneza: Edizioni Ca'Foscari, 2019. v. 1. p.176-177.

[46] SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil*: una antropología de la circulación internacional de ideas. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003. p. 24.

Do ponto de vista cultural, vale ressaltar que o sistema literário[47] do período nutria forte apreço pelo romance social, muitas vezes de temática regionalista, convencionalmente chamado de "romance de 30". Esse tipo de produção, segundo Sergio Miceli, conciliou procedimentos romanescos de autores russos (Tolstói, Dostoiévski, Gogol) e estadunidenses (Sinclair Lewis, Theodore Dreiser, Ernest Hemingway e John dos Passos, este último autor de maior frequência na Estante Americana) na construção de "sagas regionais que relatavam a história do declínio material e político das oligarquias".[48]

Ao longo da década de 1940, foram publicados dez títulos na Estante Americana. Como mostra o Quadro 2, boa parte dos livros publicados era de autoria do escritor estadunidense John dos Passos:

Quadro 2 – Títulos publicados na Coleção Estante Americana

Autor	**Título**	**Tradução**	**Pág.**	**Ano**	**Capa**
GALLEGOS, Romulo	*Dona Bárbara*	Jorge Amado	492 p.	1940	Não creditada
ICAZA, Jorge	*Huasipungo*	Oscar Joseph de Plácido e Silva	204 p.	1941	Não creditada
DOS PASSOS, John	*Paralelo 42*	J. B. Silveira Peixoto	408 p.	1944	Carlos Klanke
DOS PASSOS, John	*1919*	Miroel Silveira; Isa Silveira Leal	460 p.	1945	Carlos Klanke
DOS PASSOS, John	*Dinheiro Graúdo*	J. B. Silveira Peixoto; Zenha Machado	576 p.	1945	Carlos Klanke
AMORIM, Enrique	*O cavalo e a sombra dele*	J. B. Silveira Peixoto (revisão)	220 p.	1946	Carlos Klanke
DOS PASSOS, John	*3 soldados*	Eneas Camargo	480 p.	1946	Não creditada
LIEBMAN, Joshua Loth	*Paz de Espírito*	Hylário Corrêa	220 p.	c. 1949	Não creditada
DOS PASSOS, John	*Manhattan transfer*	Eneas Camargo	426 p.	c. 1949	Não creditada
DOS PASSOS, John	*Aventuras de um comunista*	Eneas Camargo	476 p.	c. 1950	Faria Júnior[49]

Fonte: elaboração própria.

---

[47] Antonio Candido define sistema literário como "a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: *obras* produzidas por *autores* formando um conjunto virtual, e veículos que permitem o seu relacionamento, definindo uma "vida literária"; *públicos*, restritos ou amplos, capazes de ler ou ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; *tradição*, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar". CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2015. p. 16. [Grifos do autor].

[48] MICELI, Sergio. *Sonhos da Periferia*. São Paulo: Todavia, 2018. p. 90-93.

[49] MACHADO, Ubiratan. *A capa do livro brasileiro*: 1820-1950. São Paulo: SESI-SP Editora; Cotia: Ateliê Editorial, 2017. p. 554.

2.3 Trajetórias dos romances hispano-americanos e dos projetos editoriais da Coleção Estante Americana

Os livros publicados na Estante Americana passaram pela apreciação de Jorge Amado e De Plácido e Silva, além de outros agentes culturais do campo de produção e circulação de livros. O escritor baiano e o diretor da Guaíra estavam dispostos a oferecer aos leitores brasileiros títulos que haviam passado pelo crivo da crítica de seus respectivos países, estabelecendo, por meio da tradução, um diálogo com culturas alheias. Segundo Adriana Pagano, a tradução

> [...] reatualiza um texto oriundo de um momento histórico-cultural determinado e o insere num novo contexto, num movimento não apenas unidirecional de transplante de texto original para a cultura receptora, mas, sobretudo, bidirecional, devolvendo à cultura do texto original uma leitura renovada do mesmo. Em sua seleção de textos, a tradução, também, legitima os textos originais escolhidos, uma vez que os reafirma enquanto representativos de uma cultura com a qual se está dialogando.[50]

Ao se observar a interação entre agentes que muitas vezes compartilhavam afinidades, torna-se viável examinar as estratégias utilizadas no traslado de um texto de uma cultura para outra e, em última análise, como um material escrito em determinado campo de produção passa a dialogar com diferentes relações culturais.

Nesse sentido, Pierre Bourdieu aponta que "o sentido e a função de uma obra estrangeira é determinado tanto ou mais pelo campo de chegada quanto pelo campo de origem. Em primeiro lugar porque o sentido e a função no campo de origem são muitas vezes completamente ignorados". A transferência de uma obra do campo originário ao campo de recepção, prossegue Bourdieu, acontece por meio de uma série de operações sociais. Entre essas operações, destacam-se:

> Uma operação de seleção (O que é traduzido? O que é que se pública? Quem traduz? Quem pública?); uma operação de mercado (de um produto previamente "*dégriffé*") através da editora, a coleção, o tradutor e o prologuista (que apresenta a obra apropriando-se dela e imprimindo sua própria visão e - em todo caso - uma problemática inscrita no campo da recepção, que não faz mais do que, muito raramente, o trabalho de reconstrução do campo de origem, em primeiro lugar, porque é muito mais difícil); uma operação de leitura, por último, na qual os leitores

---

[50] PAGANO, Adriana Silvana. Políticas de interação cultural na América Latina: a tradução no diálogo Brasil-Argentina. *In*: MACIEL, Maria Esther; OLIVEIRA, Paulo Motta; ÁVILA, Myriam (org.). *América em movimento*: ensaios sobre literatura latino-americana do século XX. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. p. 17.

> aplicam à obra categorias de percepção e problemáticas que são o produto de um campo de produção diferente.[51]

Os títulos sugeridos por Jorge Amado e publicados por De Plácido e Silva colocaram em circulação obras que tinham certos recortes temáticos e ideológicos, como a discussão sobre a interferência da modernidade capitalista no campo ou o papel da industrialização nas relações humanas. Escritor e editor trabalharam juntos para fornecer um delineamento da literatura de cunho social da América. Esses títulos tinham capacidade de formar um leitor crítico diante de problemas não só do continente americano, mas também do Brasil: as desventuras de personagens, como Santos Luzardo, nos lhanos venezuelanos;[52] a tragédia de Andrés Chiliquinga, nos Andes; e a disputa entre os irmãos Azara, nos pampas uruguaios, apresentavam aos leitores brasileiros o estado da arte do romance social no continente, ao passo que tornaram as obras regionalistas produzidas aqui parte de um repertório internacional de produção cultural.

Nos romances hispano-americanos traduzidos pela Guaíra, havia semelhanças temáticas e ideológicas com as obras escritas pelos autores da "geração de 30".[53] Em ambos, ganhava relevo um ator comum: o chão americano.[54] Esse interesse pelo chão americano é o fio condutor das análises que são realizadas ao longo deste capítulo. Por esse motivo, os títulos de autores estadunidenses publicados na Estante Americana não são analisados, apesar

---

[51] BOURDIEU, Pierre. Las condiciones sociales de la circulación de las ideas. *In*: BOURDIEU, Pierre. *Intelectuales, política y poder*. Tradução de Alicia Gutiérrez. Buenos Aires: Eudeba, 1999. p. 162. [Tradução nossa].

[52] Áreas de planícies cobertas de savanas situadas na região próxima ao rio Orenoco, entre a Colômbia e a Venezuela.

[53] Antonio Candido aponta que o "traço interessante ligado às condições do decênio de 1930 foi a extensão das literaturas regionais e sua transformação em modalidades expressivas cujo âmbito e significado se tornaram nacionais, como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira". Candido complementa: "É o caso do 'romance do Nordeste', considerado naquela altura pela média da opinião como *o* romance por excelência. A sua voga provém em parte do fato de radicar na linha da ficção regional (embora não 'regionalista', no sentido pitoresco), feita agora com uma liberdade de narração e linguagem antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o país ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura". De maneira semelhante, a literatura hispano-americana editada pela Guaíra era fortemente marcada pela sua temática e pelo uso de um linguajar "regional", assim como por uma abordagem crítica sobre as questões que envolviam conflitos de terra. CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. *In*: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017. p. 226.

[54] A construção de um sistema literário baseado na canonização de romances de teor social e regionalista pode ter impedido a tradução de obras de temática "universalista", como aquelas escritas pelos argentinos Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. Borges foi traduzido na década de 70 pela Livraria do Globo, ao passo que Bioy Casares apenas ganhou impulso no campo das traduções mais recentemente, entre os anos 80 e 2000.

de comporem parte importante da coleção. Foram editados sete títulos de escritores daquele país na coleção – o best-seller *Paz de espírito* e seis romances escritos por John dos Passos. São eles: *Paralelo 42*, *1919* e *Dinheiro Graúdo*, que juntos compõem a trilogia *U.S.A.*; *3 soldados*; *Manhattan transfer;* e o sugestivo *Aventuras de um comunista*, primeiro título da trilogia *District of Columbia* e publicado nos Estados Unidos sob o título de *Adventures of a young man*. Contudo, a despeito do recorte social e crítico, os romances de Dos Passos editados pela Guaíra não tocavam no problema central das narrativas hispano-americanas publicadas na coleção, ou seja, os conflitos agrários e as disputas de terras. Eram, em suma, romances de temática social e urbana. Já *Paz de Espírito*, conjunto de sermões elaborados pelo rabino do Templo Israelita de Boston, Joshua Loth Liebman, foi publicado no Brasil devido ao sucesso comercial que havia obtido nos EUA.[55] Esperamos, a partir desse recorte, conseguir observar as especificidades dos romances hispano-americanos editados na coleção, além de construir um processo de entendimento dos contextos de publicação em seus respectivos países e a recepção dessas traduções no Brasil.

2.3.1 *Dona Bárbara*

Doña Barbara narra a história de Santos Luzardo, um jovem advogado que, após se graduar em Direito em Caracas, regressa à fazenda Altamira, de propriedade de sua família e localizada na região dos lhanos venezuelanos. Lá, Luzardo é confrontado por Dona Bárbara, "a trágica mulher" que conseguiu montar um latifúndio após ter tomado a propriedade de Lorenço Barquero, com quem teve uma filha rejeitada, Marisela.[56] Dona Bárbara conta com a

---

[55] Esse argumento, inclusive, é utilizado por Hylário Corrêa, tradutor da obra, no texto de abertura do livro. Escreve Corrêa: "'PAZ DE ESPÍRITO', que hoje surge em português, vem mantendo sólido e honroso lugar entre os 'best-sellers' dos Estados Unidos. E, longe de decair, à medida que passa o tempo, mais aumenta a sua expansão, com novas e crescidas tiragens. Depois de figurar praticamente em todas as bibliotecas particulares e oficiais de língua inglesa, vai estendendo-se a numerosos países civilizados, através de traduções para os mais importantes idiomas do mundo". CORRÊA, Hylário. [Sem título]. *In*: LIEBMAN, Joshua Loth. *Paz de Espírito*. Curitiba: Guaíra, [c. 1949]. p. 9.

[56] Gallegos descreve Dona Bárbara como "fruto creado pela violência do branco aventureiro, na sombria sensualidade da índia". Ainda muito jovem, Bárbara foi violada por um grupo de barqueiros que, além disso, assassinaram seu primeiro amor, Asdrúbal. Salva por um velho indígena, Eustáquio, Bárbara acaba conhecendo, na comunidade para onde ela rumou, os "malefícios do Camajay-Minare – sinistra divindade da selva oriquenha". Após deixar a comunidade de Eustáquio, Bárbara fez de Lorenço Barquero a "primeira vítima dessa horrível mescla de paixões": seduziu o terratenente e tomou posse de sua fazenda, La Barquereña, ao usar como subterfúgio uma venda simulada. Posteriormente, a fazenda foi renomeada para El Miedo. Com isso, Barquero e a filha que tivera com Dona Bárbara, Marisela, acabaram sendo expulsos de sua antiga propriedade. GALLEGOS, Rómulo. *Dona Bárbara*. Curitiba: Guaíra, 1940. p. 41-50.

anuência da justiça local para estabelecer um regime de corrupção e medo e, assim, expandir suas terras.[57]

Ao longo do romance, Dona Bárbara ganha um aliado insólito. Guilherme Danger, ou Mister Danger, estadunidense de origem incerta, aparece apenas no último capítulo da primeira parte do romance.[58] Não se sabe se esse é seu nome verdadeiro ou se faz uso da tradução, "Senhor Perigo", para intimidar a população local. Após ser cúmplice de um crime cometido por Dona Bárbara, Danger, em troca de seu silêncio, é transformado em fazendeiro de gado – justamente nas terras onde Lorenço Barquero se refugiou após ser expulso de sua antiga propriedade.[59] Dessa maneira, Danger estabelece uma espécie de tutela sobre Barquero e Marisela, sustentando o vício em álcool do antigo proprietário da terra.

A chegada de Santos Luzardo provoca uma profunda mudança do estado de coisas naquela região: Luzardo usa as leis para obrigar Mister Danger a cercar sua fazenda, tenta recuperar o gado que havia sido roubado de suas terras e retira do estrangeiro a tutela que ele impunha a Lorenzo Barquero e Marisela. Com isso, pai e filha passam a viver em Altamira. Além disso, Luzardo cuida da educação de Marisela. De maneira geral, a mensagem que o romance tenta passar é que somente uma elite local ilustrada pode levar ao campo as luzes da razão e expulsar tanto a barbárie quanto a dominação estrangeira. A vitória de Santos Luzardo[60] representaria a vitória da civilização sobre a barbárie interna e a dominação

---

[57] Dona Bárbara conta com o descuido da família de Luzardo com a fazenda Altamira para, com a ajuda de "administradores facilmente subordináveis", estabelecer litígios e expandir em léguas e léguas os limites de El Miedo. Nesse processo, ela se aproveita da "deliberada imprecisão e obscuridade dos termos em que os juízes, comprados, redigiam suas sentenças". GALLEGOS, Rómulo. *Dona Bárbara*. Curitiba: Guaíra, 1940. p. 55.

[58] O escritor venezuelano não economizou tinta na descrição de Mister Danger: "Era uma grande massa de músculos sob a pele avermelhada, com um par de olhos muito azues, e uns cabelos cor de palha". Mais adiante, prosseguiu: "Tinha aparecido por alí há alguns anos com o rifle ao ombro, caçador de tigres e jacarés. Gostou da região porque era bárbara como sua alma, terra boa para conquistar, habitada por gente que ele considerava de raças inferiores, por não terem cabelo claro e olhos azues. Apesar do rifle, acreditou-se que ele vinha fundar algum sítio e, trazendo idéias novas, colocaram nele as suas esperanças e o acolheram com simpatia. Mas ele se limitou a colocar quatro estacas, num terreno alheio sem pedir permissão, construiu sobre elas um telhado de folhas de palmeira, e uma vez pronta esta cabana, apanhou o seu albornoz e seu rifle, meteu-se nela, acendeu um cachimbo, estirou os braços, destendendo os portentos músculos, e exclamou: – All Right! Já estou em casa". *Ibidem*, p. 165.

[59] "Em troca do seu silêncio, transformou em casa a miserável cabana, e construiu currais em terras da Barquereña e, de caçador de jacarés transformou-se em fazendeiro de gado, ou melhor dito, em caçador de gado, pois eram reses alheias, altamirenas ou miedenas, que ele proclamava como de sua propriedade [...]". *Ibidem*, p. 170.

[60] A vitória de Santos Luzardo foi possível após uma espécie de tomada de consciência de sua rival. Ao longo da narrativa, Dona Bárbara nutre por Luzardo paixão amorosa e desejos de vingança. Após descobrir que o protagonista estava se relacionando com sua filha rejeitada, Dona Bárbara direciona sua raiva para Marisela. Sem ser vista, dirige-se até a propriedade de Luzardo e encontra o casal reunido após o jantar: "Dona Bárbara

externa.[61]

O romance venezuelano teve rápida acolhida entre críticos e editores: em abril de 1929, recebeu sua primeira resenha, escrita por Pedro Sotillo e publicada nas páginas do jornal venezuelano *El Universal*. Em julho do mesmo ano, o ensaísta cubano Jorge Meñach deu o primeiro respaldo hispano-americano ao título na influente revista costarriquenha *Repertorio Americano*.[62] E, em setembro de 1929, o romance foi agraciado em Madrid com o prêmio de melhor livro do mês, o que sem dúvida ajudou na repercussão da obra tanto na Europa quanto nas Américas.[63] Em 1930, foi lançada em Barcelona uma segunda (e reformulada) edição do romance, com 40 páginas de material novo e um vocabulário de "venezolanismos".[64] Sua primeira edição na Venezuela, pela Editorial Elite, apareceu no mesmo ano. A versão definitiva da obra foi publicada somente em 1954, enquanto Gallegos residia no México como exilado político.[65]

Durante suas viagens pelo continente americano, Jorge Amado se inteirou da recepção positiva que o livro obteve, bem como do projeto político anti-imperialista que ensejou. O romance de Gallegos não possui uma extensa fortuna crítica no Brasil. Não obstante as

---

avançou até ao alcance de um tiro de revólver. Parou o cavalo. Calmamente e com uma decisão assassina, sacou o revólver da capa que trazia à cintura, e apontou para o peito da filha que formava um ótimo alvo sob a luz da lâmpada". Após algum tempo, Dona Bárbara vê na filha a sua própria imagem e isso desperta em seu corpo "uma emoção maternal desconhecida para seu coração" e, por fim, a leva à desistência – "É teu. Que te faça feliz". Dona Bárbara se joga contra o pântano e desaparece. Mister Danger, sem o apoio de sua parceira, deixa a região, marcando a vitória final de Luzardo. GALLEGOS, Rómulo. *Dona Bárbara*. Curitiba: Guaíra, 1940. p. 479.

[61] De acordo com Doris Sommer, o romance está assentado em um conjunto de temas abstratos e binários que acabam por dar sentido à narrativa: civilização (Santos Luzardo) *versus* barbárie (Dona Bárbara), respeito à lei em oposição ao personalismo; a educação como meio fundador da soberania democrática em contraposição à ignorância servil; e, finalmente, a modernização da industrial nacional como meio de substituição dos métodos tradicionais e da dependência da indústria estrangeira. SOMMER, Doris. *Ficções de Fundação*: os romances nacionais da América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 335.

[62] Escreve Meñach: "*Doña Bárbara* es una magnífica novela de color americano. Envidiémosela a Venezuela, que tan vividamente retratada en ella su entraña llanera. Y alcémosla en alto, para que toda América – y toda Europa – la mire y la aplauda". MEÑACH, Jorge. Una gran novela americana. *Repertorio Americano*, San José, tomo XIX, n. 4, p. 63, 27 jul. 1929.

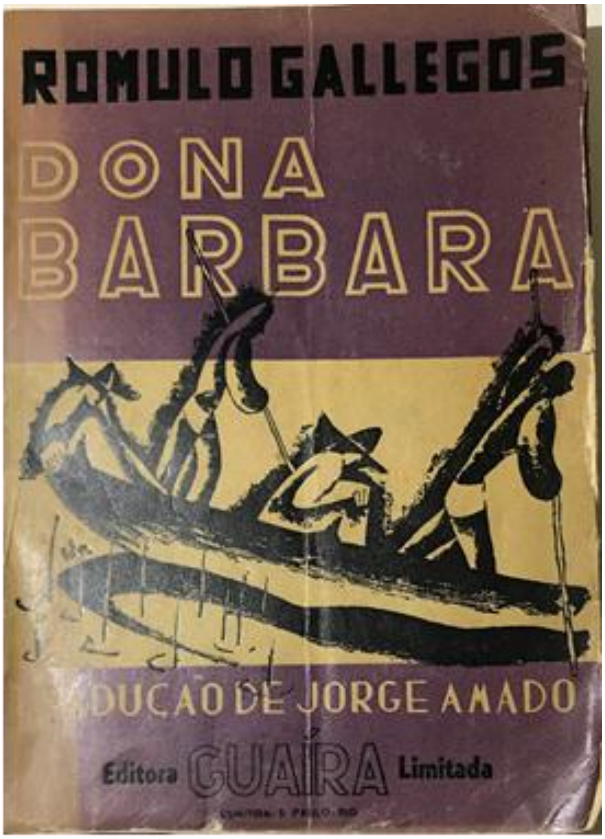
[63] Existe certa dificuldade para dimensionar o papel exercido por Gallegos na literatura hispano-americana dos anos 30. O registro de Gabriela Mistral, após ser laureada com o Prêmio Nobel de Literatura, ajuda a perceber o respeito que a figura de Gallegos ensejava: "Recebo-o como uma vitória americana. Há tantos que mereciam mais do que eu. É o caso, entre outros, de Rômulo Gallegos. A Venezuela ia apresentar seu nome mas deixou de fazê-lo, a vista da minha candidatura. Este é que é o sentido dessa vitória: uma vitória da América, não minha, somente". *Diretrizes*, Rio de Janeiro, p. 16, 17 nov. 1945.

[64] RATCLIFF, Dillwyn. Doña Barbara. *In*: BERMÚDEZ, Manuel (org.). *Doña Barbara ante la crítica*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1991. p. 51.

[65] Informações relativas à obra foram retiradas da edição venezuelana de *Doña Barbara*, publicada pela Fundación Biblioteca Ayacucho, em Caracas, no ano de 1985.

homenagens esporádicas nas páginas dos jornais e duas pequenas críticas publicadas no *Dom Casmurro*, o romance não teve o mesmo impacto aqui quando comparado a outros países do continente, em especial os de língua espanhola. Antonio Candido, em breve mas contundente crítica, associou *Dona Bárbara* ao paternalismo e apontou que o romance é "uma espécie de apoteose do bom patrão".[66] Já Brito Broca, no artigo "Uma tragédia política nas selvas", publicado originalmente em 30 de outubro de 1949 no jornal *A Manhã*, tentou relacionar as desventuras do escritor e político venezuelano Rufino Blanco-Fombona como governador do Território de Amazonas às aventuras de Santos Luzardo, herói principal do romance de Gallegos.[67]

Imagem 4 – Capa da edição brasileira de *Donã Barbara*



Fonte: acervo pessoal.

---

[66] CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *In*: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 159.

[67] "Ao chegar à capital do Território, depois de uma viagem cheia de peripécias, o novo governador defronta um ambiente muito semelhante ao que envolveu Santos Luzardo, no romance de Rómulo Gallegos: 'Dona Bárbara'. Era essa personagem simbólica que ali predominava. Nem leis, nem regulamentos, nem direitos. O pleno domínio do caciquismo. Os governadores viam-se logo absortos por meia dúzia de aventureiros, senhores da situação. Como agir contra eles?". BROCA, Brito. *Americanos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 61-66.

2.3.2 *Huasipungo*

Huasipungo, escrito por Jorge Icaza[68] e lançado em 1934 pela Imprenta Nacional do Equador, narra a interferência do latifundiário Dom Alfonso Pereira no universo rural indígena da região andina equatoriana. Obrigado a deixar a capital do país, Quito, em razão do acúmulo de dívidas e por causa da desonra causada pela gravidez de sua filha solteira, Dom Alfonso retorna à sua propriedade ao lado do povoado de Tomachi com o objetivo de destituir os *huasipungos*, terrenos indígenas adjacentes às *haciendas*, e, dessa maneira, abrir caminho para a construção de uma estrada e para a instalação de uma empresa petrolífera estadunidense. É criada uma disputa pelas terras que coloca, de um lado, grandes latifundiários, membros do Estado e representantes do clero, e, de outro, os indígenas, consubstanciados na figura de Andrés Chiliquinga, líder da resistência indígena durante as expulsões.

Huasipungo faz parte de uma tradição de narrativas indigenistas iniciada pela escritora peruana Clorinda Matto de Turner e que usou a crítica social como forma de discutir a situação das populações indígenas habitantes das zonas rurais. Essas histórias possuíam um conhecimento mais profundo dos costumes desses povos e um foco mais compreensivo sobre suas vidas do que os escritos de conteúdo edificante e nacional escritos no século XIX, que representaram esses povos como símbolos do modelo do bom selvagem rousseauniano.[69] O romance indigenista e regional de Icaza retratou de maneira realista não apenas a situação dos indígenas, como também o problema agrário e a falta de divisão justa das terras produtivas no Equador – em um cenário semelhante ao de vários países da América Latina, inclusive o Brasil.

As fortes críticas sociais não escaparam aos olhos de Jorge Amado, que recomendou a obra, e aos de De Plácido e Silva, que editou e traduziu o romance. No prefácio à edição da Guaíra, escrito em junho de 1941, De Plácido e Silva refaz o caminho editorial do livro, do seu lançamento até a edição que prefaciou:

---

[68] Jorge Icaza (1906-1978), escritor equatoriano. Iniciou sua carreira literária em 1933, com o livro de contos *Barco de la Sierra*, obra que, apesar de pronunciar seu estilo, não chamou atenção. O reconhecimento veio com seu trabalho seguinte, *Huasipungo*. Nos romances que escreveu posteriormente, Icaza se manteve fiel à temática e ao tratamento de seu primeiro êxito, mas nenhum voltou a ter a mesma ressonância. Ver: AIRA, César. *Diccionario de autores latinoamericanos*. Buenos Aires: Emecé, 2001. p. 207.

[69] PIETRO, René. The literature of Indigenismo. *In*: ECHEVARRÍA, Roberto González; PUPO-WALKER, Enrique (ed.). *The Cambridge history of Latin American literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. v. 2: The Twentieth Century. p. 138-148.

> Seu primeiro romance foi o HUASIPUNGO, publicado em 1.ª edição em 1934, em Quito. [...]
> Já em 1935, no Uruguai, saía a segunda edição de Huasipungo, e logo outra, a 3.ª, na Argentina, mais a 4.ª tambem em Buenos Aires e a quinta, novamente em Quito, Equador, depois a sexta e uma edição infantil pela Editorial Laud, em volumosa tiragem. E todas elas, em menos de cinco anos, somavam uma tiragem maravilhosa de cerca de quarenta mil exemplares.[70]

Com esse prefácio, o tradutor tenta mostrar a trajetória editorial do livro e a importância da obra para um público pouco acostumado às literaturas dos países hispano-americanos. A capa da edição brasileira é uma adaptação da capa da versão argentina de 1935, da portenha Editorial Avance, o que indica a edição-fonte utilizada na tradução. O livro não teve a mesma fortuna crítica de *Dona Bárbara*, não obstante alguns elogios e breves análises de seu conteúdo.[71] Posteriormente, o suplemento "Pensamento da América" publicou, em forma de conto, um pequeno fragmento do romance, intitulado *A morte de Cunshi*. Pizarro Drummond foi o encarregado da tradução. Em janeiro de 1943, a revista *Vamos Ler!* republicou o conto, acompanhado de um belo desenho de J. Ribeiro. Anos depois dessa primeira recepção, em 1949, o *Jornal do Comércio*, de Manaus, publicou uma resenha de *Huasipungo* assinada por Jurandyr Salles. Ao longo de seu texto, Salles compara o enredo do livro de Icaza ao romance escrito pelo médico e escritor amazonense Ramayana de Chevalier, *No circo sem teto da Amazônia*, e outros romances já consagrados que tinham como foco a terra e o homem:

> Foi a primeira vez que lemos alguma cousa de equatoriano e sobretudo de Jorge Icaza. E ficamos imensamente satisfeitos com o cerne do livro, com a vastidão do drama, do âmago, efim. Movimentado tão bem que focaliza imagens rodando à nossa frente. Falando daquêles instantes fortes e horripilantes vividos por Ramavana [sic] em seu "No Circo sem Teto da Amazônia", que nos pertence, oferece-nos Icaza festas das misérias da sua terra e da sua gente. O feitiço da borracha e da lenha que contagiou de domínio o "coronel" Gazela do escritor fulgurante do Amazonas, tem a ganância da estrada de dom Afonso no Huasipungo do sr. Icaza. [...] É um retrato perfeito da vida no Equador do sr. Icaza, onde o índio é um elemento de trabalho e uma espécie de máquina de exploração. É um dêsses livros que traz a vida do pobre, do sem-pão, do sem-terra. A tragédia do huasipungo parace-se com a da borracha

---

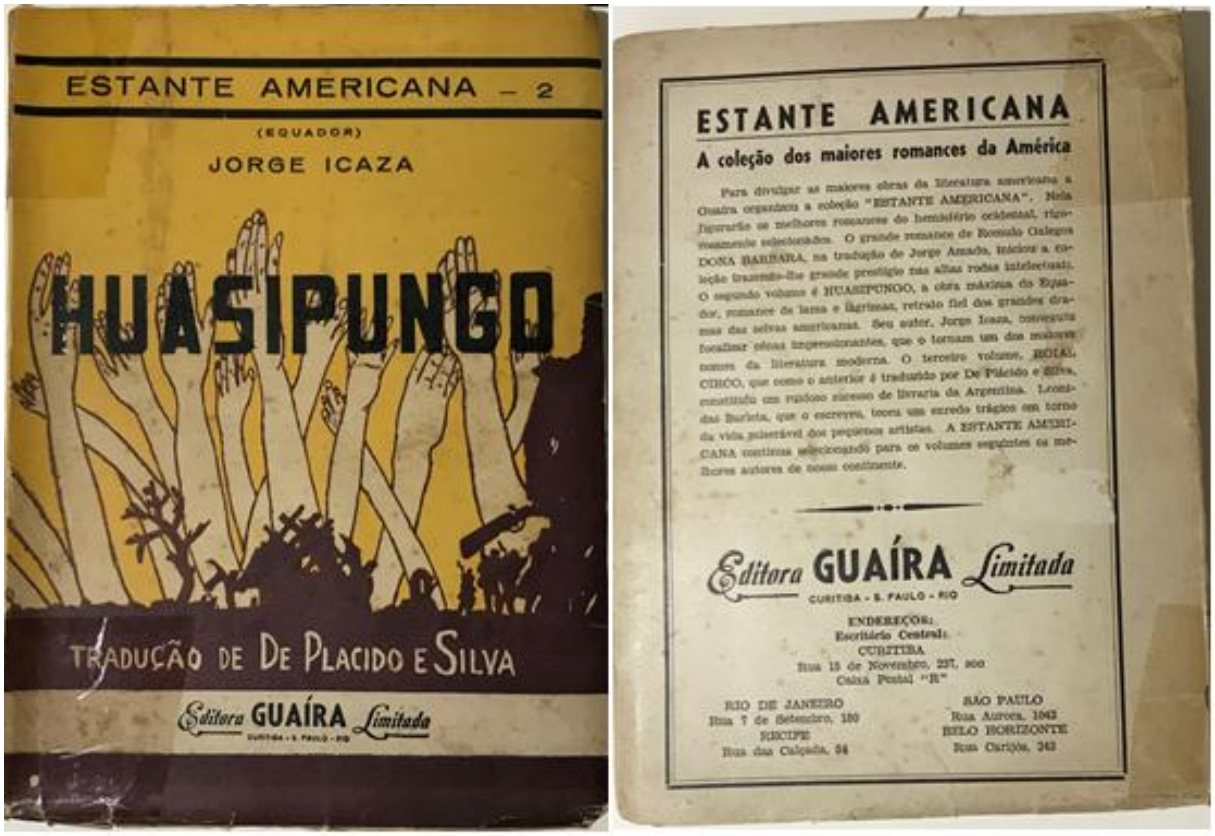
[70] DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph. Prefácio. *In*: ICAZA, Jorge. *Huasipungo*. Curitiba: Guaíra, 1941. p. 14-15.

[71] Anos depois, Antonio Candido analisaria a obra. Segundo o crítico, o desmascaramento social da obra de Icaza faz pressentir a passagem da "consciência de país novo" à "consciência de país subdesenvolvido". Candido ressalta, em *Huasipungo*, "certo emprego diminutivo das palavras, do ritmo de pranto na fala, da redução ao nível animal; tudo encarna uma espécie de diminuição do homem, sua redução às funções elementares, que se associa ao balbucio linguístico para simbolizar a privação". CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *In*: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 159-160.

> aqui, conosco; com a vida inquieta da "Bagaceira"; com a predestinação áspera da geografia do "Quinze".[72]

Huasipungo, assim com *Dona Bárbara*, seria recuperado durante o *boom* das literaturas hispano-americanas, quando foi apresentado a uma gama de novos e antigos leitores interessados na produção ficcional dos escritores hispano-americanos.

Imagem 5 – Capa e contracapa da edição brasileira de *Huasipungo*



Fonte: acervo pessoal.

2.3.3 *O cavalo e a sombra dele*

O último romance de língua espanhola da coleção estava assentado nos pampas uruguaios.[73] *O cavalo e a sombra dele*, escrito por Enrique Amorim[74] e publicado em 1941

---

[72] SALLES, Jurandyr. Huasipungo. *Jornal do Comércio*, Manaus, 15 maio 1949. Segunda Secção: Suplemento Literário, p. 9.

[73] Boa parte das obras de Enrique Amorim e alguns textos de recepção estão disponíveis na *Biblioteca Digital de Autores Uruguayos*. A página inicial informa os autores e o objetivo do site: "El Seminario de Fundamentos Lingüísticos de la Comunicación, Facultad de Información y Comunicación, Universidad de la República se ha propuesto habilitar este Archivo de prensa. Biblioteca digital de autores uruguayos con el fin de difundir textos e imágenes, entrevistas, testimonios, ensayos periodísticos y obras literarias del pasado

pela Editorial Amigos del Libro de América Latina, de Buenos Aires, narra a tentativa do latifundiário Nicolás Azara de manter o velho modo de vida *gaucho* ante a chegada de imigrantes expulsos da Europa. Três dos Azara, dona Micaela, seu filho Nicolás e a esposa deste, Adelita, vivem na estância "El Palenque", quando chega Marcelo, outro filho de dona Micaela, vindo de Montevidéu. A relação de inimizade entre Marcelo e Nicolás e deste com os imigrantes é a força motriz que faz a narrativa caminhar para seu desfecho trágico. Esse romance, assim como o restante da obra de Amorim, mostra um profundo conhecimento da vida campesina e dos hábitos rurais expressados no modo de falar e na construção dos personagens, especialmente os secundários. O semanário *Marcha* publicou, ainda em 1941, uma resenha escrita por Enrique Mallea Abarca sobre o romance de Amorim. Segundo o texto,

> […] en una visión actual del campo uruguayo – con sus hombres de hoy, con sus problemas de hoy – enraíza Amorim su última novela EL CABALLO Y SU SOMBRA. [...] Lo social aquí, no es, pues, lo excluyente, lo primordial. Es sólo la causa profunda que, en un momento dado, enfrenta a los seres como un grito irresistible de la tierra, de los hombres y de la época. Una de las muchas excelencias de este libro, es que su línea novelística no corra por el cauce absorbente de ese problema, y se escamotee la novela propiamente dicha, como ocurre tantas veces.[75]

Apesar de ser bem recepcionado por um dos principais semanários de literatura da América do Sul, o romance parece não ter tido a mesma recepção das outras duas narrativas publicadas pela editora curitibana.[76] Vale lembrar que, após adquirir os direitos da obra em 1943 e lançá-la no início de 1944, a Editorial Losada, de Buenos Aires, só publicou uma nova edição da obra em 1957 na Coleção Biblioteca Contemporânea, o que indica que o romance não teve a mesma repercussão de *La Carreta*, considerada a *magnum opus* do autor. De certa

---

uruguayo que, hasta ahora, no fueron de fácil acceso ni reciben frecuente atención". UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. *Biblioteca Digital de Autores Uruguayos*. Montevidéu, 2004. Disponível em: http://www.archivodeprensa.edu.uy/template/index.html. Acesso em: 21 nov. 2018.

[74] Enrique Amorim (1900-1960) foi um dos mais profícuos escritores uruguaios entre as décadas de 1920 e 1960. Escreveu poemas, contos e romances, além de peças de teatro e roteiros cinematográficos. Seu livro de estreia, *Veinte años* (poemas), saiu do prelo em 1920, mas foi apenas em 1932 que iniciou sua carreira de romancista com o lançamento de *La Carreta*, considerada pela crítica sua principal obra e fruto de sucessivas traduções, reedições e comentários críticos. GALEANO, Eduardo. Enrique Amorim. *In*: OREGGIONI, Alberto (org.). *Novo diccionario de literatura uruguaya*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 2001. p. 37-38.

[75] ABARCA, Enrique Mallea. El caballo y su sombra. *Marcha*, n. 120, p. 19, 19 dez. 1941.

[76] Apesar de o campo ser o espaço vital dos dois romances e ambos mostrarem a crise de um antigo modelo de sociedade, uma questão geracional separa as duas obras: como já destacado, *Dona Bárbara* representa a tentativa de se expressar uma forma desejada de nação, ao passo que *O cavalo e a sombra dele* faz parte de uma tradição regionalista que, em última análise, nega os pressupostos nacionalistas e universais do tipo de narrativa escrita por Gallegos.

maneira, *O cavalo e a sombra dele* permaneceu como um tesouro escondido da literatura uruguaia, ao qual os leitores da coleção da Guaíra tiveram acesso.

Imagem 6 – Capa da edição brasileira de *El caballo y su sombra*

Fonte: acervo pessoal.

2.3.4 *Royal Circo*

Royal Circo, romance escrito pelo argentino Leónidas Barletta,[77] pode ser considerado a história de um projeto editorial que não resultou, de fato, em uma publicação. Em anúncio pago no *Dom Casmurro*, de 17 de maio de 1941, a Editora Guaíra listou os livros publicados nas coleções Caderno Azul, Jurídica e Estante Americana. Abaixo de cada título, apareceu uma pequena sinopse da obra. Nesse espaço surgiu, entre os livros que seriam publicados a seguir, a primeira referência ao livro de Barletta: "nesse romance o escritor Leónidas Barletta descreve-nos a vida dramática dos artistas pobres".[78]

---

[77] Leónidas Barletta (1902-1975), escritor e teatrólogo argentino.

[78] *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, p. 21, 17 maio 1941.

Na folha de guarda de *Huasipungo*, cujo prefácio fora escrito em junho de 1941, foram anunciados os títulos que seriam publicados futuramente pelo selo. Na lista, estava incluído o livro de Barletta. E, na contracapa do exemplar de Jorge Icaza, foram passadas informações adicionais sobre *Royal Circo*:

> O terceiro volume, ROIAL CIRCO, que como o anterior é traduzido por De Plácido e Silva, constituiu um ruidoso sucesso de livraria da Argentina. Leonidas Barleta, que o escreveu, teceu um enredo trágico em torno da vida miserável dos pequenos artistas.[79]

Apesar dos sucessivos anúncios, não foram encontradas referências ao livro em si, sejam críticas ou, em aspectos práticos, vestígios de sua circulação nos catálogos virtuais de bibliotecas públicas,[80] ou em sites e portais de sebos. Na biografia escrita pela filha de De Plácido e Silva, Juril Carnasciali, não há menção à obra *Royal Circo* como um dos trabalhos traduzidos pelo jurista,[81] ao passo que a biografia de Wilson Bóia indica a existência do título, mas não oferece informações catalográficas do exemplar (como ano de lançamento e número de páginas).[82] Na edição de 1º de agosto de 1941 da revista literária *Nuestra Novela*, fundada e dirigida por Alberto Insúa, foi publicada a novela *Sobreviventes*, de Barletta. Antes do texto propriamente dito, apareceu a seguinte informação biográfica: "'Royal Circo' ha sido traducido por De Plácido y Silva al portugués para la Editorial Guayra del Brasil".[83] Essa informação indica que havia a intenção da editora em publicá-lo e, além disso, é possível supor a existência de algum tipo de contato entre a editora e autor.[84] Contudo, devido à falta de indícios da "sobrevivência" de *Royal Circo* nos espaços que guardam não apenas o livro enquanto objeto, mas nos espaços onde estão salvaguardadas sua memória, chega-se à conclusão de que o romance foi um projeto, mas não um feito editorial. Apesar disso, é

---

[79] ICAZA, Jorge. *Huasipungo*. Curitiba: Guaíra, 1941. contracapa.

[80] Foram consultados o Sistema de Bibliotecas da Universidade de São Paulo, o *Dedalus*; o Sistema de Bibliotecas da Unicamp; o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná; o sistema análogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense; além do catálogo virtual da Biblioteca Pública do Paraná e a Rede Virtual de Bibliotecas – Congresso Nacional – RVBI (coordenada pela Biblioteca do Senado Federal).

[81] CARNASCIALI, Juril. *De Plácido e Silva, o iluminado*. Curitiba: Oficina de Letras, 2000. p. 114-115.

[82] BÓIA, Wilson. *Ensaio De Plácido e Silva*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2002. p. 115.

[83] *Nuestra Novela*, Buenos Aires, ano 1, n. 9, p. 4, 1º ago. 1941.

[84] Essa suposição se dá pelo costume de os próprios escritores escreverem suas biografias de início de livro ou fornecerem material para que um terceiro o faça. O que chama atenção é que a biografia do autor indica que a obra já havia sido escrita, o que não condiz com as datas de publicação da editora.

necessário fazer uma breve análise das temáticas abordadas em *Royal Circo* para que, assim, possamos entender melhor as intenções de seus editores.

Um dos mais engajados nomes da literatura social argentina, Leónidas Barletta foi um dos fundadores da Editorial Claridad e pertencente ao chamado grupo de Boedo. Barletta publicou, em 1926, o romance *Royal Circo* e fundou, em 1930, o Teatro del Pueblo, momento no qual expressou sua dedicação artística ao gênero dramático.[85] Em 1950, escreveu aquela que é considerada pela crítica literária sua obra-prima, *Historia de perros*.

Romance de temática suburbana e social, *Royal Circo* apresenta a vida circense de Buenos Aires. Os artistas do circo são representados como proletários e seu local de trabalho é analisado pelo ponto de vista das coxias, longe, portanto, do público que olha o palco. Luis Emilio Soto defende que "*Royal Circo* descubre lo que no sospecha el ingenuo auditorio, vale decir, las acrobacias ocultas de los héroes de la pista, a quienes separan pequeñas miserias y envidias, celos por el triunfo ajeno y egoísmos propios de la decadencia profesional".[86] Beatriz Sarlo faz uma breve, mas contundente análise da identificação do público leitor com esse romance:

> Um público médio e de bairro encontrava, nessas narrações, níveis variados de identificação: o primado dos afetos no desfecho, depois da regulação pela fome do restante da trama; a presença de personagens próximos por suas carências, mas ao mesmo tempo possuidores de um exotismo apreciável; uma sociedade romanesca formada por atores de diversas origens nacionais que, por sua mistura, pareciam verossímeis, familiares, próximos da experiência de um habitante de Buenos Aires: ou seja, um vagão de segunda classe em que as línguas e as culturas podiam se comunicar, sem que um centro linguístico impusesse sua hegemonia sobre os estrangeiros.[87]

Ao longo de sua análise, Sarlo defende que, em *Royal Circo,* foi elaborada uma construção narrativa muito próxima aos romances sentimentais, que tanto sucesso faziam na Argentina dos anos 20, aliada a uma abordagem social típica de escritos de teor socialista.[88] Em que pese não estar alicerçado na abordagem regionalista, como os outros títulos hispano-

---

[85] AIRA, César. *Diccionario de autores latinoamericanos*. Buenos Aires: Emecé, 2001. p. 70.

[86] SOTO, Luis Emilio. Leónidas Barletta, narrador. *In*: BARLETTA, Leónidas. *Royal Circo*. Buenos Aires: Deucalion, 1956. p. 9.

[87] SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica*: Buenos Aires 1920 e 1930. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 363-364.

[88] *Ibidem*, p. 364.

americanos da coleção, o livro de Barletta, devido à sua ancoragem crítica e defesa dos desfavorecidos, assemelhava-se aos outros romances sul-americanos publicados na coletânea.

2.3.5 *Sinhô Badaró* e *São Jorge dos Ilhéus*: a história de uma relação esquecida

Entre julho de 1937 e abril de 1943, datas de lançamento dos livros *Capitães da Areia* e *Terras do sem-fim*, Jorge Amado enfrentou uma forte censura do Estado Novo. Nesse período, o escritor publicou *A estrada do mar*, *ABC de Castro Alves* e *O Cavaleiro da Esperança*, obras marcadas por convicções políticas e pela forte perseguição imposta pelo governo de Getúlio Vargas. Preso no início de novembro de 1937 na cidade de Manaus, logo após encerrada sua viagem continental, o escritor foi enviado ao Rio de Janeiro, onde foi encarcerado. Porém, após intervenção de José Olympio, seu editor, Amado foi liberado. Em bilhete escrito anos depois, em 1986, José Olympio relembrou o episódio:

> [...] Quero aproveitar para contar a vocês certa curiosidade. [...] Jorge é preso como comunista. Vou à Chefatura para tentar soltá-lo. Mando entregar ao capitão Miranda Correia, delegado da Ordem Política e Social, pelo seu chefe de gabinete, meu cartão. Manda entrar. Era um homem alto, forte, bonitão até. Porém, com cara de poucos amigos. Disse-lhe ao capitão Miranda Correia ao que ira. "Mas o senhor vem aqui a seco, sem uma apresentação, para um assunto tão grave?". Eu lhe respondi, "Capitão, o senhor me diga o que senhor está fazendo sentado aí à frente de sua escrivaninha". Eu acrescentei, sem esperar a resposta dele: "O senhor está a serviço do Brasil, como estou eu na minha sala, na editora". "Mas o senhor afirma que esse tal de Jorge Amado não é comunista. Afinal, é ou não é?". "Afirmo-lhe que não é. Socialista ele pode ser" (eu estava cansado de saber que o Jorge era comunista, mas eu estava lá, tinha ido lá, para soltá-lo). Ser comuna, naquele tempo, era um ato de coragem. Conheço bem todas essas histórias [...].[89]

Pouco antes de sua soltura, Amado foi alvo de um escandaloso caso de censura: em 19 de novembro, por ordem do recém-nomeado interventor da Bahia, Antônio Fernandes Dantas, a "comissão de buscas e apreensões de livros" mandou apreender 808 exemplares do recém-lançado *Capitães da Areia*, 223 de *Mar Morto*, 89 de *Cacau*, 93 de *Suor*, 267 de *Jubiabá* e 214 de *País do Carnaval* nas livrarias Editora Baiana, Catilina e Souza.[90] As obras apreendidas foram colocadas em frente à Escola de Aprendizes de Marinheiros, em Salvador,

---

[89] PEREIRA FILHO, José Olympio. *In*: SORÁ, Gustavo. *Brasilianas*: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2010. p. 219-220.

[90] Além dos livros de Amado, foram apreendidos 15 exemplares de *Doidinho*, 26 de *Pureza*, 13 de *Banguê*, 4 de *Moleque Ricardo*, 14 de *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego; 23 de *Educação para Democracia*, de Anísio Teixeira; 6 de *Ídolos Tombados*, de Prado Ribeiro; 2 de *Idéias, Homens e Factos*, de Padre Senna Freitas; 25 de *Dr. Geraldo*; 4 do *Nacional Socialismo Germano;* e 1 exemplar de *A visão da Miséria atravez da Polícia*, de Kosciuszko Leão. *O Combate*, São Luís, p. 4, 22 dez. 1937.

e incineradas em praça pública. Essa apreensão fazia parte de uma ação específica do Estado Novo, a chamada "defesa da mocidade contra o comunismo". Um comunicado veiculado nos veículos de imprensa pelo serviço de divulgação do gabinete do chefe de polícia do Distrito Federal, instituição comandada por Filinto Müller, alertava para as ações tomadas a fim de debelar os perigos causados pelo livro:

> Tivemos a opportunidade de assignalar os graves perigos que o livro, – como arma insidiosa do communismo – apresenta para os jovens estudantes brasileiros, mais perigoso justamente por que se dirige á mentalidade moça que, naturalmente, admitte a boa fé como principio natural e logico de toda a defesa de um pretenso "ideal", acreditando, por consequencia, nelle, e construindo, assim, uma base falsa para raciocínios futuros.
> Moscou ficou surpreendido com a offensiva poderosa desencadeada contra os seus agentes pelo actual governo brasileiro [...].
> O meio mais empregado pelo agente do Komintern é o livro. Como já dissemos, a geração nova quer ler. O livro, portanto, toma papel decisivo na vida de um moço de hoje, que ainda não sabe selecionar o bom do pernicioso. A juventude actual lê tudo, indistinctamente, absorvendo, sem saber, as idéias subversivas que destroem o espirito. E, envenenando o espírito, fácil seria, ao comunismo, desfechar o golpe final, empolgando a alma joven e inexperiente dos estudantes do Brasil. Por isso, amplamente se justifica, – merecendo os maiores encomios, – a campanha declarada pelo presidente Vargas á literatura subversiva, campanha que deve generalizar-se o mais possível em todo o território nacional.[91]

Um dos principais alvos dos primeiros expurgos estado-novistas, Jorge Amado deixou a seção de publicidade da José Olympio em janeiro de 1938 e partiu, em junho do mesmo ano, para um novo autoexílio em Estância, Sergipe, onde fez imprimir poucas cópias do opúsculo *Estrada do Mar*. Três meses depois, anunciou na revista *Vamos Ler!* que estava trabalhando em um novo romance, inicialmente intitulado *Sinhô Badaró*. Além disso, explicou sua saída da José Olympio:

> Lembro-me que fui diretor daquela casa e que literatos que hoje falam mal de mim pelos jornais, naqueles tempos ainda proximos, eram curvaturas e elogios. E que eu vivia a pedir a José Olympio que editasse os livros deles. Deixei tudo isso e hoje apenas escrevo romances em Estancia.

Adiante, complementou:

> Com José Olympio sou responsavel pela existencia intelectual de muita gente. Era cotejado, adulado, solicitado. Depois meus livros foram perseguidos, muitos queimados. Já ha mais de um ano, na editora José Olympio, eu era apenas um

---

[91] DEFESA da mocidade contra o comunismo. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 23 nov. 1937.

> protetor de escritores. Realmente, não mais trabalhava na casa, meu título era decorativo, só fazia pedir pelos outros.[92]

A saída da José Olympio aparentemente não impediu o escritor de manter contato com sua antiga casa editorial: em junho de 1938, o *Jornal do Brasil* informou a venda dos direitos de *Sinhô Badaró* à editora[93]; pouco depois, o título foi anunciado na orelha de *Espelhos de Casados*, de José Vieira.[94]

Após esse tempo no Nordeste, Amado retornou ao Rio de Janeiro em junho de 1939 e estabeleceu-se na casa de seu pai, na Vila Isabel. Logo após sua chegada, concedeu uma entrevista ao jornalista Joel Silveira, publicada na mesma *Vamos Ler!*. Na conversa, o autor fez um balanço geral de sua carreira literária e manteve a narrativa amarga sobre o período em que foi funcionário da José Olympio.[95] Dois meses após seu estabelecimento na então Capital Federal, assumiu o cargo de redator-chefe do periódico *Dom Casmurro*. Em sua breve trajetória no periódico, publicou alguns trechos dos poemas presentes em *Estrada do Mar* e anunciou a tradução e futuro lançamento do romance de *Dona Bárbara*. Convidado pela revista *Carioca* a produzir um artigo sobre "Ilhéus, a cidade do cacau", Amado escreveu sobre as temáticas que pretendia abordar em *Sinhô Badaró*:

> Ilhéus é o exemplo da tenacidade do homem nordestino. Antes era a terra de ninguem. Com o cacau vieram os sergipanos e os sertanejos, estrangeiros tambem, e cultivaram a terra. Muito sangue a adubou, cadavares inumeros serviram de estrume para a terra. Ficou lendária a coragem dos conquistadores da terra. [...]
> Um dia que escrever em "Sinhô Badaró" a historia desses homens que conquistaram a terra e construiram as cidades e os povoados e as fazendas de cacau. É uma das mais belas épocas do Brasil. Ela tornou possivel a existencia de uma cidade como Ilhéus, bela e rica.[96]

---

92 AMADO, Jorge. Escrevo um romance. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, p. 19, 29 set. 1938.

93 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 10, 22 jun. 1938.

94 BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 464.

95 COM JORGE Amado em Vila Isabel. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 15 jun. 1939.

96 AMADO, Jorge. Ilhéus, a cidade do cacau. *Carioca*, Rio de Janeiro, p. 5, 19 ago. 1939.

A partir de setembro daquele ano, José Olympio começou a difundir o romance intitulado *Agonia da Noite*. No início de 1940, alguns detalhes do romance foram divulgados.[97]

Dona Bárbara foi lançado pela Guaíra nos primeiros meses de 1940. Na mesma época do lançamento, a revista *Diretrizes* imprimiu, em capítulos, *ABC de Castro Alves*, uma biografia do poeta abolicionista. Iniciada em fevereiro, a publicação se estendeu até outubro do mesmo ano, quando foi bruscamente interrompida, provavelmente por pressão da censura. Envolvido em três projetos ao mesmo tempo, dois romances (*Sinhô Badaró* e *Agonia da Noite*) e uma biografia (*ABC de Castro Alves*), Amado deixou a direção de *Dom Casmurro* em maio de 1940.[98] Entre setembro e outubro do mesmo ano, esses dois periódicos, próximos a Jorge Amado, noticiaram a assinatura de um contrato de cessão de direitos entre o escritor e a Editora Guaíra para a publicação de *Sinhô Badaró*. O *Dom Casmurro*, inclusive, chegou a fornecer valores contratuais e o local de finalização da obra:

> SINHÔ BADARÓ – Jorge Amado acaba de seguir para Ilhéos de avião afim de terminar o seu romance "Sinhô Badaró", já vendido à Guaíra por 7 contos. Para os que tiveram oportunidade de lêr os trechos já escritos do romance esse é o livro mais forte de Jorge seja pela expressão verbal que nele atinge ao auge como pela força dos personagens. "Sinhô Badaró" é a história da conquista do sul da Baía, com o drama dos pioneiros; o cacau, a vida amarga dos trabalhadores.[99]

Em entrevista para o mensário *Aspectos*, De Plácido e Silva afirmou que o romance seria publicado no início de 1941, com uma tiragem inicial de dez mil exemplares.[100] Essa informação foi reforçada no balanço geral do ano editorial da Guaíra, publicado no natal de 1940.[101] Em março de 1941, *Diretrizes* explicou, em nota, os motivos pelos quais a publicação de *ABC de Castro Alves* fora paralisada meses antes. O texto justificava que a

---

[97] "[...] Jorge Amado, depois de dois anos de silêncio, publicará logo no início do ano o "Agonia da Noite", romance com seis personagens apenas e que se passa em doze horas todo ele". *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, p. 9, 20 jan. 1940.

[98] "Jorge Amado, por muitos afazeres, preparando dois grandes romances – 'Agonia da Noite' e 'Sinhô Badaró', e uma magnífica biografia – 'A. B. C. de Castro Alves' –, além de grandes compromissos particulares que assumiu, não podia continuar à frente de nossa redação. Foi-se embora, deixando saudades e a amizade de nós todos, pelo muito que deu de seu esfôrço e de seu grande talento a DOM CASMURRO!". *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, p. 1, 18 maio 1940.

[99] *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, p. 11, 28 set. 1940.

[100] O PROGRAMA da Guaíra para 1941. *Aspectos*: mensário de letras, artes, sciencias, política. Rio de Janeiro, n. 30, p. 23, 1940.

[101] A EDITORA 'Guaíra' Ltda., e a Literatura Nacional. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, p. 6, 28 dez. 1940.

razão seria a assinatura de um contrato de exclusividade para a publicação da obra entre o escritor e a Livraria Martins, de São Paulo.[102] O livro deveria ter sido lançado em primeira edição no início de 1941, quando Amado se encontrava na Argentina por motivos políticos. Tão logo ficou pronta, a biografia teve sua vendagem e exibição nas livrarias proibidas pela polícia. Entretanto, após uma série de interpelações e recursos, a obra foi liberada em agosto do mesmo ano; a exibição e os comentários públicos sobre o título permaneceram proibidos.[103] O escritor utilizou esse período de exílio na Argentina para finalizar *Sinhô Badaró* e publicar, no país vizinho, uma biografia de Luís Carlos Prestes, o "cavaleiro da esperança".

Após o lançamento de *ABC de Castro Alves*, a Editora Guaíra deixou de difundir *Sinhô Badaró* e passou a divulgar *São Jorge dos Ilhéus* como futura publicação. Tal qual *Royal Circo*, o livro de Jorge Amado foi anunciado na folha de guarda de *Huasipungo* e em propagandas pagas em veículos de imprensa do Rio de Janeiro.[104] Ao contrário de *Sinhô Badaró*, divulgado como uma publicação avulsa, *São Jorge dos Ilhéus* apareceu como parte integrante da Coleção Estante Americana. Contudo, após julho de 1941, não é mais possível encontrar qualquer referência a uma colaboração entre a editora paranaense e o escritor baiano.

Agradecido pelo empenho da Livraria Martins em fazer com que seu *ABC de Castro Alves* fosse lançado, Jorge Amado acabou cedendo os direitos de publicação de todos os seus livros à editora paulistana,[105] onde permaneceu como principal autor da casa até o fechamento da empresa, em 1974. Gustavo Sorá ressalta que,

> Apoiado por Martins, para Jorge Amado as bases de legitimação e as condições para voltar a se fazer ouvir como opositor já eram outras, no final de 1943. Mas, antes de retornar á arena política, nesse ano o autor teve sua revanche literária com a publicação de *Terras do Sem Fim*, outro romance, sete anos depois de *Capitães de Areia*. Restrito a uma narrativa literária, programado e lançado num projeto editorial abrangente, a primeira edição de dez mil exemplares se esgotou em poucas semanas. De imediato, Martins soltou uma segunda de vinte mil, e a terceira já estava esgotada no final de 1944. À consagração comercial acrescentou-se a valorização crítica de *Terras do Sem Fim* como obra-prima.[106]

---

[102] ABC de Castro Alves. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, p. 14, 13 mar. 1941.

[103] SORÁ, Gustavo. *Brasilianas*: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2010. p. 384.

[104] *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, p. 21, 17 maio 1941.

[105] SORÁ, Gustavo, *op. cit.*, p. 384.

[106] *Ibidem*, p. 387.

Ao se desligar da José Olympio, o escritor baiano ficou sem a proteção do guarda-chuva do importante editor e livreiro. Parece natural, portanto, que Amado tentasse se realocar e, para tal, era necessária a figura de um editor que não apenas publicasse seus trabalhos, mas desse o suporte necessário no enfrentamento político e ideológico com as autoridades do Estado Novo. Portanto, Amado fez com que seus livros deixassem de ser publicados na Capital Federal para que fizessem parte do acervo de uma grande editora do principal reduto oposicionista ao governo Vargas. Em algum momento dessa transferência de "capital cultural", a Editora Guaíra chegou a ser cogitada como uma possível casa para a obra do escritor nordestino. Provavelmente, *Sinhô Badaró* e *São Jorge dos Ilhéus* sejam nomes distintos do romance que Jorge Amado vinha trabalhando. Ele mantinha a editora paranaense informada sobre o andamento da obra, o que indica a existência de uma negociação. O texto foi definitivamente terminado em 1942, enquanto o escritor residia em Montevidéu. Recebeu o nome de *Terras do sem-fim* e teve sua continuação em *São Jorge dos Ilhéus*, compondo uma história das lutas pela conquista das ricas terras do sul da Bahia, área de plantio do cacau, tema principal de ambos os livros. Assim como as obras hispano-americanas publicadas na Estante Americana, era uma investigação sobre o chão americano.

* * *

Em meio às suas querelas com o regime varguista, Jorge Amado organizou e executou, ao lado de sua esposa, uma jornada pelo continente americano. Entre abril e outubro de 1937, "viajou muitos países: chegou a Buenos-Aires, atravessou as montanhas, costeou o Pacífico, caíu na América do Norte e voltou pelo Atlântico, depois de ver e ouvir pessoas e coisas diferentes do que há na ladeira do Pelourinho", escreveu Graciliano Ramos. Segundo o escritor alagoano, Amado

> alcançou a pátria carregado de sonhos e idéias, mas surgiram-lhe alguns desgostos sérios, aborreceu os homens, especialmente os literatos, e, magoado com ingratidões e malentendidos, foi esconder-se em Estância, que é uma cidade, pouco mais ou menos uma cidade, em Sergipe.[107]

É provável que Amado tenha traduzido o romance de Gallegos durante esse segundo período de esconderijo em Estância. Ao retornar ao Rio de Janeiro, andou por "Ceca e Meca"

---

[107] RAMOS, Graciliano. Baía de Todos-os-Santos. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 97, 1939.

com a tradução de *Dona Bárbara*, recusada pelas grandes editoras daquela época. Conseguiu publicar o livro por uma recém-fundada editora do Paraná, comandada por um jurista alagoano radicado em Curitiba, De Plácido e Silva. Desse encontro, surgiu a ideia de criar a Coleção Estante Americana.

A coletânea da Editora Guaíra foi uma referência importante na circulação de autores hispano-americanos no Brasil, sendo uma espécie de marco na reabertura das trocas literárias entre os países de língua espanhola do continente e o Brasil. Essas trocas, ainda que nem sempre vigorosas, foram mantidas pelos anos seguintes. No fim da década de 1960, quando a literatura hispano-americana se tornou um produto interessante aos editores brasileiros, devido à consagração internacional da geração do *boom*, alguns dos títulos citados ao longo deste capítulo foram revisitados e tiveram novas edições, marcando uma nova era da ficção hispano-americana no Brasil.

CAPÍTULO 3 – TUDO, MENOS POESIA: A COLEÇÃO CADERNO AZUL

Reunião de diversos gêneros – ensaios, estudos, novelas e contos –, a Coleção Caderno Azul foi dirigida por De Plácido e Silva e dois importantes escritores ligados ao movimento modernista, Sérgio Milliet[1] e Luís Martins.[2] Foram publicados 31 "cadernos" que tinham como objetivo "colecionar os mais belos trabalhos produzidos pelos escritores do Brasil" e reunir "tudo o que de mais significativo existe na cultura brasileira do presente".[3] Nos "cadernos azuis" editados, é possível encontrar escritos de Mário de Andrade – que abriu a série com *Música do Brasil* –, Mário Neme, João Dornas Filho, Brito Broca, Donald Pierson, entre outros. No prefácio da reedição de *Poetas do Brasil*, do influente sociólogo francês Roger Bastide, Antonio Candido fornece algumas informações a respeito da coleção. De acordo com Candido,

> Este livro foi publicado sem data nos anos de 1940 na Coleção Caderno Azul, dirigida por Sérgio Milliet, De Plácido e Silva e Luís Martins para uma editora paranaense, Guaíra, que editou muitos textos interessantes. Mas, como era frequente no tempo, com pouca exigência de fatura, desde o papel de má qualidade e falta de índice até a péssima revisão. Antes deste, Roger Bastide publicara na mesma coleção *Psicanálise do Cafuné*, em que se encontram alguns dos seus escritos mais importantes, como "O Mito do Aleijadinho" e "Sociologia do Barroco no Brasil".[4]

Em entrevista concedida à revista *Vamos Lêr!*, Martins afirmou que fora o primeiro a pensar na iniciativa. Segundo ele,

---

[1] Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966) foi escritor, crítico de arte, sociólogo, professor, tradutor e pintor. Ainda jovem, migrou para a Suíça, onde completou seus estudos, e, posteriormente, trabalhou como dançarino profissional e arquivista da Sociedade das Nações. Retornou ao Brasil e participou da Semana de Arte Moderna de 1922, aderindo à plataforma modernista de Mário de Andrade. Após idas e vindas, fixou-se no Brasil e atuou como professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo entre 1937 e 1944. Assumiu a direção da Biblioteca Municipal de São Paulo, em 1943, e lá promoveu uma série de atividades culturais e mesas-redondas. Sua obra máxima é a monumental tradução dos *Ensaios*, de Michel de Montaigne. ERMAKOFF, George (org.). *Dicionário biográfico ilustrado de personalidades da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Editorial, 2012. p. 861-862.

[2] Luís Martins (1907-1981) foi poeta, romancista, crítico de arte e cronista. Nascido e criado no Rio de Janeiro, iniciou, na então Capital Federal, sua trajetória literária ao colaborar com jornais e revistas. Na década de 1930, publicou seus primeiros romances: *Lapa*, em 1936; e *A terra come tudo*, em 1937. Denunciado por Carlos Maul como comunista, foi preso pela polícia política do Estado Novo. Deixou o Rio de Janeiro e mudou-se para São Paulo em 1937. Permaneceu o restante de sua vida na capital paulista, onde se notabilizou como cronista d'*O Estado de S. Paulo*, ocupação que exerceu por mais de vinte anos. Para mais, ver: MARTINS, Luís. *Um bom sujeito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983.

[3] ANDRADE, Mário de. *Música do Brasil*. Curitiba: Guaíra, 1941. primeira orelha.

[4] BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo: Edusp: Duas Cidades, 1997. (Coleção Críticas Poéticas, 5). p. 11.

> Essa idéia nasceu da necessidade de se proporcionar, aos leitores, livros baratos e de pequeno porte, facilmente lidos e a preços mais sensíveis. Isso quanto ao interesse público. Quanto ao dos escritores, você sabe muito bem que todos nós temos sempre na gaveta um pequeno ensaio, ou uma rápida novela, ou uma coleção de contos, ou um estudo qualquer, que, não dando propriamente para um livro, ultrapassam as dimensões comuns das publicações na imprensa.[5]

Martins ressaltou que "tudo pode entrar na coleção, desde que não ultrapasse o pequeno formato e o número de páginas de nossos volumes. Esse número variará entre um mínimo de 60 páginas e um máximo de 120". Informações como essas foram usadas na divulgação dos "cadernos": uma nota presente no jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, indicava que o objetivo da coleção era dar "publicidade [a] trabalhos produzidos pelos nossos escritores e que demasiado extensos para a divulgação pela imprensa também não dariam o suficiente para um livro de proporções normais".[6] O pequeno formato e a rapidez de leitura, além dos preços "popularíssimos",[7] entre 3$000 e 4$000, foram utilizados na promoção da coleção.[8]

O ensaio era, segundo Martins, "o que melhor se adapta[va] ao espírito da coleção", mas todos os gêneros poderiam ser editados, "menos... poesia". A transcrição da revista, com a presença de reticências, indicava uma hesitação do escritor-diretor em tornar pública tal informação. Posteriormente, arrematava que a restrição não se dava devido à "má vontade com o verso", mas por uma "contingência meramente comercial".[9]

O intento de apresentar livros de pequeno formato e com número reduzido de páginas fez com que muitos títulos fossem compostos por reunião de artigos já publicados em outros

---

[5] MARTINS, Luís. Luiz Martins fala de uma idéia feliz. [Entrevista concedida à] *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, n. 303, p. 34, 21 maio 1942.

[6] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 2, 27 jun. 1944.

[7] MARTINS, Luís, *op. cit.*, p. 34.

[8] Colocados ao lado de outros títulos editados pela Guaíra, os livros publicados na coleção estavam realmente abaixo dos preços praticados pela editora. Os títulos de ficção lançados pela casa entre 1940 e 1941 tinham preços que variavam, de maneira geral, entre 6$000 e 12$000. Na primeira faixa de preços, entre 6$000 e 7$000, estavam livros de contos, peças de teatro e poesias com cerca de 100-180 páginas, casos de *Rua Alegre, 12*, de Marques Rebelo (108 p.); *Neblina*, de José Carlos Cavalcanti Borges (149 p.); *Bagana apagada*, de João Dornas Filho (187 p.); *Roteiro de Margarida*, de Joel Silveira (169 p.). Na faixa de preços de 8$000, estavam romances com cerca de 180-300 páginas, como *Um homem dentro do mundo*, de Oswaldo Alves (245 p.); *Sapé*, de Permínio Asfora (289 p.); *Fazenda*, de Luís Martins (221 p.); *Huasipungo*, de Jorge Icaza (201 p.). Já romances de 300-500 páginas eram vendidos por 12$000, casos de *Dona Bárbara*, de Rómulo Gallegos (488 p.), e *Bolsos vazios*, de Allyrio Wanderley (347 p.). Apenas um título de ficção excedeu esse valor: *A Esperança*, de André Malraux, um calhamaço de 541 páginas, era comercializado por 18$000.

[9] MARTINS, Luís, *op. cit.*, p. 34.

meios, como foram os casos dos títulos de Mário de Andrade, Brito Broca (*Americanos*) e Edgard Cavalheiro (*Biografias e biógrafos*). Esse formato reduzido também privilegiou a publicação de contos e novelas, como nas obras de, entre outros, Mário Neme, com *Donana Sofredora*; Elsie Lessa e sua *Enfermaria de 3ª*, e Sérgio Milliet, autor de *Duas cartas no meu destino*. Contudo, foram os ensaios e estudos breves – *O Homem e a Técnica*, de Ciro T. de Pádua; *Psicanálise do cafuné*, de Roger Bastide; *O candomblé da Baía*, de Donald Pierson; *Arte e polêmica*, de Luís Martins; e *A influência social do negro brasileiro*, de João Dornas Filho – que reuniram o maior número de títulos publicados.

A coleção foi idealizada por Luís Martins algum tempo depois de sua mudança do Rio de Janeiro para São Paulo. Vale lembrar que, em 1937, Martins havia sido denunciado e, posteriormente, preso por uma suposta atividade comunista. Ao ser liberado da prisão, Martins decidiu sair da Capital Federal. Em São Paulo, ele foi convidado por Tarsila do Amaral, com quem mantinha relacionamento, a passar algum tempo na Fazenda Santa Teresa do Alto, em Itupeva, interior do estado. Essa experiência foi usada como inspiração na redação de *Fazenda*, cujo subtítulo, *Drama da decadência do café*, dá um bom indício da temática abordada. Considerado um "escritor maldito" após a sua prisão, Martins teve dificuldades em encontrar uma editora disposta a publicar o romance. Por intermédio de Joel Silveira, jovem jornalista, o autor foi apresentado a De Plácido e Silva, que se dispôs a publicar os originais, distribuídos às livrarias no fim de 1940. Em seu livro de memórias, *Um bom sujeito*, Martins fez um apanhado sobre os impulsos que fizeram com que Milliet e ele concebessem a coleção e como o nome da Guaíra foi aventado como uma opção:

> Em nossas longas conversas, quase diárias a partir de 1939, ou seja, desde quando nos conhecemos, Sérgio Milliet e eu falávamos de tudo e, em se tratando de dois homens de letras, é natural que o problema do escritor em face dos editores fosse constantemente abordado. O meu ideal, inspirado no exemplo de Monteiro Lobato, era ter uma editora própria. [...] O diabo é que nunca tive o mínimo jeito para negócios; e, na ocasião, o que mais me faltava era capital. Na qualidade de forasteiro em São Paulo, não conhecia ninguém em condições de m'o fornecer por empréstimo, ou, então, participar da aventura como sócio comanditário.
> [...] O que se poderia tentar, segundo ele [Milliet], era propor a uma editora já existente a organização de uma coleção, por nós dirigida, mediante remuneração adequada pelo nosso trabalho, ou então participação de tantos por cento sobre as tiragens de cada obra publicada. Como a Guaíra acabara de editar meu romance *Fazenda* e eu mantinha, por isso, uma ativa correspondência com De Plácido e Silva, seu proprietário, resolvi escrever-lhe, propondo o negócio.[10]

---

[10] MARTINS, Luís. *Um bom sujeito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983. p. 90-91.

De Plácido e Silva aceitou de imediato, mas fez algumas ressalvas: nada poderia pagar aos envolvidos no negócio e exigiu que seu nome aparecesse como um dos diretores da coleção. Os escritores aceitaram as condições do proprietário da Guaíra e começaram a trabalhar na Coleção Caderno Azul, nome sugerido por Milliet. Dirigentes de fato do projeto, Martins e Milliet desejavam que ela fosse inaugurada com um título de Mário de Andrade.[11] Felizmente, há um sólido conjunto de correspondências entre os diretores e o autor de *Macunaíma* e que podem nos ajudar a entender alguns dos objetivos que permearam boa parte das publicações seguintes.[12] Em um segundo momento, utilizamos um conjunto de cartas trocadas entre Luís Martins, um dos diretores da coleção, e os representantes da editora para compreender como os cadernos azuis foram constituídos.[13] Essas correspondências fazem parte do espólio literário de Martins. Com isso, temos, quase sempre, as reações dos representantes da Guaíra às ideias (e reclamações) do escritor. Concentremo-nos, neste momento, nas redes de contato alinhavadas por Milliet e Martins e que resultaram na publicação de *Música do Brasil*, título do livro de Mário.[14]

---

[11] MARTINS, Luís. *Um bom sujeito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983. p. 91.

[12] As cartas foram transcritas seguindo um método conservador: correspondências escritas à mão ou interferências feitas à mão em cartas datilografadas serão reproduzidas em *itálico*; trechos retificados pelos autores aparecerão tachados, bem como os fragmentos sublinhados. Eventuais erros gramaticais e ortográficos foram mantidos.

[13] As cartas, documentos de suma importância nos estudos das redes intelectuais, possuem certas características que as diferenciam de outros documentos/monumentos. Tzvetan Todorov aponta algumas delas: "[...] a carta se situa a meio caminho entre o puramente íntimo e o público, dirigindo-se então a outra pessoa para quem aquele que escreve se caracteriza e se analisa, mas esse outrem é um indivíduo conhecido, não uma massa impessoal. As cartas manifestam sempre uma faceta do autor – sem ser, por isso mesmo, uma janela que se abre sobre sua identidade. A experiência aí atravessa não apenas o filtro da linguagem, mas também aquele se impõe ao olhar do destinatário, interiorizado pelo autor. Porém, em regra geral, ela não conhece um terceiro, a testemunha estrangeira que seria o destinatário verdadeiro da escrita; apenas a indiscrição nos permite hoje nos instruir como leitores anônimos dessas cartas, reveladas originalmente aos olhos de uma só pessoa". TODOROV, Tzvetan. *A beleza salvará o mundo*. Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros. Rio de Janeiro: Difel, 2011. p. 20-21.

[14] Foi feita a opção pelo uso do nome de batismo. Entre os anos de 1930 e meados dos anos de 1940, a literatura brasileira foi dominada por três *Andrade*: Mário; Oswald; e Drummond. Para que sejam evitados mal-entendidos, doravante seguiremos tratando Mário de Andrade simplesmente como *Mário*.

3.1 Uma obra em "exílio": Mário de Andrade e sua *Música do Brasil*

Após "démarches"[15] realizadas por Luís Martins e a promessa de Mário de Andrade em contribuir para o projeto, Sérgio Milliet, então secretário da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*[16], enviou, em 3 de setembro de 1940, correspondência ao escritor paulistano, na qual foi relembrado sobre o compromisso firmado anteriormente e as regras de publicação dos cadernos azuis:

> Mario.
> Antes de mais nada preciso, em meu nome e do Luis Martins, cobrar a sua promessa de uma [ilegível] para a uma coleção "Caderno Azul", que desejariamos abrir com o seu respeitabilissimo nome. Já esta tudo combinado. Você pode mandar o que quiser (menos poesia) até 100 pags. maximo (50 minimo). Recebera pela edição, a título de "manque à pagues" duzentos mil reis. Mas temos urgencia. A lista dos primeiros a ser publicados esta mais ou menos organizada. Você, Eu, Oswaldo, Luis Martins, já certo. Veja si consegue alguma coisa do Manuel Bandeira e do Drummond: o Carlos Lacerda já prometeu tambem um estudo. O "caderno azul" será um sucesso![17]

Mário não se encontrava em São Paulo à época do convite. Após sua traumática saída do cargo de diretor do Departamento de Cultura da capital, posição ocupada entre os anos de 1935 e 1938, o autor de *Pauliceia Desvairada* partiu, no inverno daquele mesmo ano, para a cidade do Rio de Janeiro. Mário foi obrigado a deixar o cargo após a desarticulação do órgão, causado pelo golpe do Estado Novo. Segundo Adriana Facina Gurgel do Amaral,

> [...] um outro diretor foi nomeado para o Departamento de Cultura e lançaram-se acusações nunca comprovadas acerca de irregularidades na administração. Foi feita uma devassa e, apresar de não se ter encontrado nada que fundamentasse as acusações, o escândalo e a tristeza de ver perdido em trabalho realizado com tanto empenho, foram suficiente para Mário de Andrade pensar em suicídio. Trocou a morte por um auto-exílio no Rio de Janeiro, fugindo de um ambiente que no momento lhe era insuportável.[18]

---

[15] MARTINS, Luís. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. São Paulo, 23 set. 1940. Carta. 2 f. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. (MA-C-CPL4571).

[16] A posição de Milliet é ressaltada no timbre oficial impresso no papel. Na parte superior da página aparecem, em cinco linhas, as seguintes informações: "Revista do Arquivo Municipal/ Divisão de Documentação História e Social e Estatísticas Municipais/ Departamento de Cultura/ Rua da Cantareira n. 216".

[17] MILLIET, Sérgio. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. São Paulo, 3 set. 1940. Carta. 1 f. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. (MA-C-CPL4956).

[18] AMARAL, Adriana Facina Gurgel do. Uma Enciclopédia à brasileira: o projeto ilustrado de Mário de Andrade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 393-418, dez. 1999. p. 399.

No "exílio", definição empregada por Moacir Werneck de Castro em seu livro sobre os três anos (1938-1941) em que o escritor permaneceu no Rio de Janeiro, Mário assumiu o cargo de professor e de diretor do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal. Posteriormente, com o fechamento da Universidade, por ordem do Governo Federal, Mário foi convidado por Gustavo Capanema,[19] chefe do Ministério da Educação e Saúde, a desenvolver os projetos da *Enciclopédia Brasileira* e do *Dicionário da Língua Nacional*, além de assumir um cargo no recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Castro aponta que, nesse período, o escritor voltou a se dedicar aos estudos e à redação de artigos e livros, atividades que as funções burocráticas exercidas em São Paulo acabaram por impedir. De acordo com o pesquisador, Mário de Andrade "tinha no Rio bons amigos, e numerosos". Castro cita, entre outros, os mineiros Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do SPHAN, e Carlos Drummond de Andrade, chefe de gabinete de Gustavo Capanema, além de Sérgio Buarque de Holanda, Candido Portinari, Manuel Bandeira, Jorge de Lima e o jovem Carlos Lacerda.[20]

A carta mostrava que Milliet estava disposto a convidar uma parcela da intelectualidade brasileira a tomar parte no projeto. Na tentativa de estender os domínios da coleção para além das fronteiras de São Paulo, Milliet pediu que Mário convidasse dois dos mais importantes escritores dos anos 40: Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Mário nutria forte relação de amizade com Bandeira e Drummond muito antes de sua chegada à Capital Federal. O teor da missiva indica que as relações intelectuais – e não meramente comerciais – foram de suma importância na construção das bases que deram sustentação às publicações.

Em carta enviada no dia seguinte, 4 de setembro, Mário de Andrade listou os possíveis títulos do livro. Martins respondeu à carta destinada a Milliet e indicou *Três artes* e *Coisas do*

---

[19] Apoiador da Aliança Liberal, Capanema (1890-1985) foi indicado para o cargo de oficial de gabinete de Olegário Maciel, apoiador de Getúlio Vargas e eleito presidente do Estado de Minas Gerais pouco antes da Revolução de 30. Com a morte de Maciel, em 1933, Capanema assumiu interinamente o cargo de interventor do Estado. Em 1934, foi convidado a chefiar o Ministério da Educação e Saúde, pasta que comandou até o fim de 1945. Sua gestão foi marcada pela centralização, em nível federal, dos projetos de educação e Saúde pública e pelo caráter modernizante de sua administração. Criou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), o Serviço Nacional de Teatro (SNT) e o Instituto Nacional do Livro (INL), além de comandar a fundação da Universidade do Brasil. Sob seus auspícios, foi construído um dos primeiros exemplares da moderna arquitetura brasileira, o edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde. Para mais, ver: SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Editora FGV, 2000. Sobre a participação dos intelectuais brasileiros na gestão Capanema, ver: BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema*: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Editora FGV; Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001.

[20] CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade*: exílio no Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 26-27.

Povo como os títulos mais adequados. Posteriormente, enumerou os ensaios que poderiam ser incluídos na obra:

> Olhe, Mario, todas as suas propostas são boas e qualquer delas será excelente para iniciar as atividades dos "Cadernos Azues". De todas, porem, as que mais nos seduziram foram: a 2a. – "Tres artes" (a reprodução a cores seria impossível, infelizmente) e, *principalmente,* a 5ª. – "Coisas do Povo". Como você mesmo diz, o titulo parece que não será definitivo e esse de fato não é lá grande coisa, desculpe a franqueza. Para a composição do caderno poderiam concorrer "A Rapsodia a Lampeão", "Calunga" e as "Cheganças", *e "Linha de Côr"* porque o estudo sobre "Os Congos" (otimissimo, um de seus trabalhos que eu mais admiro) já tendo sido publicado na Lanterna Verde, você compreende que perde muito de seu valor comercial, digamos, porque a Lanterna é uma publicação que se guarda na estante, não é como o jornal que se lê e se joga fóra. Mas o melhor mesmo seria, você podendo~~m~~, mandar todo o material para nós e nós escolheriamos o que coubesse nos limites do caderno, que é de 70 a 110~~p~~ paginas no máximo.[21]

Martins citou os artigos que já haviam sido publicados em outros meios, especialmente revistas e livros de reunião de textos apresentados em conferências, ou seja, escritos de vida efêmera ou mais afastados do grande público. O artigo publicado na revista-livro *Lanterna Verde*, "uma publicação que se guarda na estante", foi, por esse motivo, rejeitada.[22] Ao pé da página e na página seguinte, o escritor-diretor informou que havia um acúmulo de ficções "logo no começo" da coleção e, por tal razão, não dariam preferência aos contos de Mário. Contudo, se o negócio pegasse e "até lá para o 5º ou 6º numero você ainda não tiver publicado seu livro, somo desde já pretendentes a ele", informou Martins.[23] Fica claro que havia a preocupação em não identificar os cadernos azuis com um gênero específico, mantendo a imagem de um projeto aberto à publicação de uma grande variedade de produções intelectuais e artísticas.

A resposta de Mário não foi direcionada a Martins, como era de se supor, mas a Milliet. Uma das reclamações do escritor paulista era que Martins não havia respondido "a coisas essenciais" sobre o caderno azul dele. Mário indagou a Milliet o que ele entendia por

---

[21] MARTINS, Luís. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. São Paulo, 9 set. 1940. Carta. 1 f. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. (MA-C-CPL4570).

[22] Os textos referidos na correspondência são: ANDRADE, Mário de. Linha de côr. *O Estadinho*, São Paulo, p. 28; *Idem*, Calunga dos Maracatus. *In*: CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO, 1., Recife, 1934. *Estudos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1935, v. 1. p. 39-47; *Idem*, Os congos, conferência... lida na Sociedade Felippe d'Oliveira. *Lanterna Verde*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 36-53, fev. 1935; *Idem*, Romanceiro de Lampeão. *Revista Nova*, São Paulo, 1932 [publicado sob o pseudônimo de Leocádio Pereira]; *Idem*, Cheganças [provavelmente um desdobramento do ensaio "Origens das danças dramáticas brasileiras"]. *Revista brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 2, fasc. 1, p. 35-39, mar. 1935.

[23] MARTINS, Luís. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. São Paulo, 9 set. 1940. Carta. 1 f. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. (MA-C-CPL4570).

"envio urgente dos originais" e que uma melhor explicação sobre essa expressão ajudaria na decisão sobre qual das propostas escolher. Segundo Mário de Andrade, os diretores da coleção haviam deixado

> [...] a opção entre o "Três Artes" (os ensaios sôbre Castro Alves, Música Social Brasileira e Portinari) ou de estudos sôbre coisas populares brasileiras (a que proponho agora o título de "Temas de Folclore") com estudos sôbre "A Gesta de Lampeão", "Calunga", "As Cheganças" e "Linha de Cor". O Luis Martins prefere êste último.
> Se o "urgente" de entrega dos originais é de 10 ou 15 dias, prefiro dar o outro, pois o Castro Alves e o Portinari não podem ter mais modificações. Estas seriam tão profundas, no segundo, para completa-lo que 15 dias não me serão suficientes. É portanto principiar a compô-los desde já. Quanto ao Música Social Brasileira é também só passá-lo na máquina, concertando a conclusão, em 15 dias estaria aí.
> Mas se o "urgente" me der espaço de um mês, já poderia acrescentar aos ensaios sôbre folclore a documentação nova que ajuntei sôbre os seus temas, depois de publicados.

Mário transcreveu três perguntas que deveriam ser respondidas verbalmente a José Bento Faria Ferraz, seu secretário particular:

> 1 – Máximo de dias que tenho pra entrega dos originais (Conforme o tempo optarei por uma ou outra, das duas composições escolhidas por vocês).
> 2 – Caso da preferência ser pelo "Três Artes", você prefere "A Capela de Sto Antonio" com três ilustrações, ou o "Portinari" sem ilustrações?
> 3 – Caso a preferência caia sôbre o outro livro, quem sabe se fica mais comprável, intitular o livro pelo 1.º estudo a sair nele, por ex. "A Gesta de Lampeão" ou "Linha de Côr".[24]

Em carta enviada em 23 de setembro, Martins exteriorizou seu desconforto devido às respostas às suas cartas serem enviadas a Milliet.[25] É provável que esse distanciamento entre os escritores, perceptível na correspondência, tenha começado entre o primeiro e segundo semestre de 1939, quando ambos protagonizaram um duro embate público a respeito do apoio de Mário à Família Artística Paulista – agrupamento de pintores que praticavam um modernismo de tom mais moderado. Entusiasmado com o grupo, Mário publicou n'*O Estado de S. Paulo*, em junho daquele ano, um longo artigo intitulado "Esta Família Paulista". Dois meses depois, Martins, a pedido de Nabor Caires de Brito, diretor da revista *Cultura*, publicou um texto, "Que é isso, Mário?", no qual manifestou seu estranhamento diante da atitude do autor de *Losango Cáqui* com a "Família Paulista". Mário publicou na mesma revista um

---

[24] ANDRADE, Mário de. [*Correspondência*]. Destinatário: Sérgio Milliet, Rio de Janeiro, 11 set. 1940. Carta. *In*: DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: HUCITEC: Secretaria Municipal de Cultura, 1985. p. 335-336.

[25] "Isso me fez pensar que você talvez não tenha gostado muito de receber a resposta assinada por mim", escreveu Martins logo no início da carta.

áspero artigo-resposta. A questão foi parcialmente resolvida com a mediação de Murilo Miranda, escritor e amigo íntimo de ambos. Segundo Martins, a questão só foi inteiramente solucionada com o retorno de Mário à cidade de São Paulo.[26]

Na mesma correspondência, Martins esclareceu como se dava a divisão de trabalhos e a organização dos materiais pertinentes à coleção:

> [...] a correspondencia sobre os cadernos a gente está arquivando numa pasta, direitinho, com todo o escrupulo de negociantes organizados... Tudo que se relaciona com esse assunto ficou a meu cargo [...]. Eu trato a maquina, guardo a copia e arquivo. É uma correspondencia puramente comercial que, por uma questão de método, é sempre prudente conservar.
> De modo que você desculpe si escrever ao Sergio e eu responder, ou vice-versa. Nesse particular – cadernos – nós dois somos uma só pessoa, como si se tratasse de uma figura, a figura de Milliet & Martins.[27]

Apesar de ter exercido o papel de mediador da relação de Mário e Martins, Milliet, devido às suas outras ocupações, ficou alheio ao trabalho cotidiano dos cadernos azuis. Coube a Martins dialogar com os funcionários da Guaíra sobre o andamento do projeto, fazer propostas aos escritores e pesquisadores de seu círculo intelectual, negociar com eles as bases dos contratos de cessão de direitos autorais e arquivar as correspondências trocadas com os autores. Milliet foi, em suma, uma espécie de "ponto de referência" intelectual – sobretudo pela posição central que ocupava no campo modernista, sendo um dos artífices da Semana de Arte Moderna de 1922.

Infelizmente, há uma "quebra" na troca de correspondências, não sendo possível descobrir quais assuntos foram discutidos entre 24 de setembro e 20 de outubro, data em que, após receber os originais do livro, Martins enviou a Mário um "rapidíssimo" bilhete, exigindo uma "rapidíssima resposta":

> É o seguinte: não vê que as "Dansas dramaticas iberobrasileiras" não cabem mesmo no volume do "Caderno Azul". Entretanto, é pena, porque esse estudo é bem mais importante do que a "Capela de Santo Antonio". Então, eu sugeri que as "Dansas" ficassem para mais tarde sairem num caderno separado, si você concordasse, lá pára o 7º ou 8º. O Sergio, porem, acha que ficaria bem melhor juntar a ela a "Evolução da musica brasileira" e dar já o volume assim, sem os outros trabalhos, isto é, sem "Castro Alves", sem "Portinari" e sem "Capela". Haveria unidade de assunto, etc. Mas seria preciso arranjar outro titulo.

---

[26] MARTINS, Luís. *Um bom sujeito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983. p. 78-81.

[27] MARTINS, Luís. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. São Paulo, 23 set. 1940. Carta. 2 f. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. (MA-C-CPL4571).

> Resolvemos, então, mandar perguntar pra você que é que você acha: si ~~xxxxx~~ está de acordo com a sugestão do Sergio ou com a minha. Mas, como estamos na horinha de remeter os originais para o sul, peço-lhe o favor de uma grande pressa, pedindo tambem desculpas pela massada.[28]

O bilhete enviado por Martins versava sobre duas propostas para a composição do livro de abertura da coleção. Defendida por Martins, a primeira sugestão recomendava a reunião de três ou quatro artigos curtos – com pouco mais de duas dezenas de páginas cada um deles – que abordassem *as três artes*. Milliet, por sua vez, desejava um livro com dois artigos inéditos de tamanho médio – "Danças dramáticas iberobrasileiras" e "Evolução social da música no Brasil" –, plano que requereria a adoção de um novo título. A proposta de Milliet foi a vencedora, e *Música do Brasil*, título definitivo do livro, foi publicado em meados de 1941.

A obra editada era uma brochura de pequeno tamanho. Como é possível observar na Imagem 7, a capa continha duas faixas horizontais em azul claro. A faixa da extremidade superior incluía o nome da coleção e seus diretores; no canto direito, um círculo indicava o número do livro. Na faixa oposta, estava o nome da editora. No centro, aparecia o nome do autor em caixa alta e, logo abaixo, o nome da obra inscrito em letra cursiva preta, inserida dentro de uma mancha azul. A contracapa trazia a propaganda de três títulos da Coleção Romances Nacionais: *Bolsos vazios*, de Allyrio Wanderley; *O espigão de samambaia*, de Leão Machado; e *Ódios da cidade*, escrito por De Plácido e Silva. Era, em suma, um projeto simples e de fácil memorização. Em seu livro de memórias, Martins relatou que "o papel, a apresentação gráfica, os clichês foram uma decepção, tanto para o autor como para nós mesmos".[29]

Mesmo com as limitações de ordem técnica, alguns dos cadernos azuis dirigidos por Milliet e Martins traziam imagens compostas por pintores renomados: no livro de Mário de Andrade, pouco antes do início do primeiro ensaio, havia a reprodução de uma gravura do rosto do escritor, elaborada por Candido Portinari; *Psicanálise do cafuné*, de Roger Bastide, acompanhava uma xilogravura de Lívio Abramo; *Duas cartas no meu destino*, de Milliet, trazia três belas gravuras de Tarsila do Amaral, que já havia trabalhado na capa de *Fazenda*; *O candomblé da Baía*, de Donald Pierson, tinha uma imagem de Xangô de autoria de Rebolo

---

[28] MARTINS, Luís. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. São Paulo: 20 out. 1940. Bilhete. 1 f. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. (MA-C-CPL4573).

[29] MARTINS, Luís. *Um bom sujeito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983. p. 92.

Gonzalez, cedida pelo Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Os aportes desses artistas aos livros da coleção eram reflexos das articulações sociais tecidas e do prestígio acumulado pelos seus diretores. De certa maneira, essa reputação acabava cedida à editora curitibana.

Não há, no espólio de Mário de Andrade, uma cópia do contrato celebrado entre ele e a Editora Guaíra. Contudo, nos arquivos de outro escritor, o mineiro João Dornas Filho, existe uma via do contrato em que o autor transferia à editora paranaense os direitos de publicação de *Apontamentos para a História da República*, livro editado para a Coleção Guairacá, biblioteca de estudos nacionais idealizada por De Plácido e Silva. Apesar de a obra cedida não fazer parte dos cadernos azuis, é possível notar, nas bases do documento, várias coincidências com os acordos firmados com os autores da coleção. É provável que a editora adotasse um mesmo modelo contratual em seus vários projetos. O contrato entre Dornas Filho e a Guaíra previa que

> Entre o dr. João Dornas filho e a Editora Guaira Limitada fica ajustado o presente contrato de cessão de direitos autorais para a publicação da obra APONTAMENTOS DA HISTORIA DA REPUBLICA, de autoria do primeiro, mediante as clausulas abaixo:
> 1a. – O primeiro contratante João Dornas Filho, autor da obra "Apontamentos da Historia da Republica" cede e transfere os direitos autorais da mesma obra á Editoria Guaira Limitada, com sede na cidade de Curitiba, Estado do Paraná.
> 2a. – A Editoria Guaira Limitada, cessionaria dos direitos da publicação da obra citada, obriga-se a pagar ao autor da mesma, em todas as edições que fizer, a importancia de 10% (10 por cento) sobre o valor da capa, entendendo-se que essa porcentagem atingirá simplesmente os exemplares que entrarem no mercado, descontando-se, assim, das edições os livros distribuidos em propaganda com os criticos e os que forem cedidos gratuitamente ao autor.
> 3a. – Alem da porcentagem acima estipulada, de cada edição terá o autor para seu uso exclusivo o numero de vinte exemplares.
> 4a. – O pagamento da porcentagem pertencente ao autor se fará semestralmente, mediante a verificação dos exemplares vendidos.
> 5a. – Nas futuras edições será permitido ao autor fazer as modificações que julgar necessarias.
> 6a. – No caso em que o autor queira adquirir exemplares da referida obra, alem das que lhe são cedidas gratuitamente, terá uma redução de quarenta por cento sobre o preço de capa.
> 7a. – Para os efeitos fiscais dá-se a esse o valor de um conto de reis
> E porque assim se tenha ajustado, lavram o presente em duas vias de igual teor, uma das quais levará o selo proporcional devido.[30]

O documento, assinado em 25 de setembro de 1940 e depositado na 3ª Coletoria Federal de Curitiba, estabeleceu o pagamento do valor de 10% do preço de capa para o autor, envio de determinado número de cópias para o mesmo e cessão de obras para a publicidade. O contrato não definiu a tiragem do livro. É possível inferir que, em algum momento, antes ou

---

[30] DORNAS FILHOS, João; EDITORA GUAÍRA. [*Contrato*]. Curitiba, 25 set. 1940. 2ª via. Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho. (JDF-3-doc. 0168, Cx.03).

depois do envio dos originais para publicação, Mário de Andrade tenha remetido aos diretores uma lista de pessoas que deveriam receber o livro, além dos vinte exemplares que a ele mesmo caberiam. A editora, aparentemente, não cumpriu com o combinado. Meses após a publicação, Mário ainda não havia recebido as vinte cópias a que tinha direito, nem os exemplares de cortesia tinham sido entregues aos amigos do escritor. Em carta enviada ao historiador Câmara Cascudo,[31] Mário expôs alguns dos problemas que tivera com a Guaíra:

> [...] Você não acusou Música do Brasil onde pus um destrinchamento desses problemas de Cheganças, não recebeu? É possível pois a editora Guaíra fez o diabo, não mandou o livro pras pessoas que pedi, não distribuiu direito nem sequer no Rio e S. Paulo, o diabo! [...].[32]

Como posteriormente assinalou Martins, a editora paranaense cometeu erros de distribuição e publicidade que afetaram a formação de uma massa crítica sobre *Música do Brasil*. É provável que esse seja um dos motivos da recepção fria que a obra teve na imprensa: a publicação passou despercebida nas revistas literárias *Vamos Ler!*, *Diretrizes*, *Dom Casmurro* e outros periódicos e seções de jornais dedicados aos livros. Mesmo com esses problemas, o livro teve uma saída "bonita, excepcional" em São Paulo,[33] graças, sem dúvida, ao trabalho de seus diretores e das redes que os dois conseguiram mobilizar na cidade. Luís Martins chegou a reportar à editora que os estoques do livreiro José de Barros Martins estavam esgotados há meses. Em mensagem enviada a Martins, Rubens Requião, funcionário da Guaíra, admitiu os problemas de publicidade à época do lançamento e informou que a propaganda havia melhorado sensivelmente. A carta de Requião é a "primeira"[34] de uma série

---

[31] Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) é considerado um dos maiores pesquisadores de cultura brasileira. Formado na Faculdade de Direito do Recife, lecionou no Rio Grande Norte, seu estado natal. Envolveu-se na Ação Integralista local, mas se desligou do movimento após a tentativa de derrubar Getúlio Vargas. Publicou mais de cem títulos no Brasil e no exterior, dos quais se destacam *Sociologia do Açúcar*, *História da Alimentação no Brasil* e o monumental *Dicionário do folclore brasileiro*. ERMAKOFF, George (org.). *Dicionário biográfico ilustrado de personalidades da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Editorial, 2012. p. 313.

[32] ANDRADE, Mário. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. [*S. l.*], 24 nov. 1941. Carta. 1 f. *In*: MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade*: cartas 1924-1944. São Paulo: Global, 2010. p. 315.

[33] MARTINS, Luís. [*Correspondência*]. Destinatário: Rubens Requião. São Paulo, 22 set. 1941. Cópia carbonada. 2 f. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa Rui Barbosa.

[34] Em verdade, a primeira correspondência que restou. Infelizmente, o trabalho dos pesquisadores, tanto daqueles que atuam no campo da História quanto em outras áreas das Ciências, é barrado pela extensão do arquivo, ou seja, pelo espaço de memória construído não apenas pelo autor/receptor do material, mas também por terceiros, como a família do autor/receptor, o arquivo (enquanto instituição que guarda e estabelece

de correspondências que perfaz pouco mais de dois anos e meio de diálogos, disputas e conflitos em torno dos cadernos azuis.

Imagem 7 – Capa e contracapa de *Música do Brasil*

Fonte: Coleção Alexandre Eulálio, Unicamp.

3.2 A (muitas vezes difícil) relação entre Luís Martins e a Editora Guaíra

Entre maio de 1941 e novembro de 1943, Luís Martins manteve uma intensa troca de correspondências com representantes da Editora Guaíra. Nesse período, foram discutidos livros e autores que figurariam nos cadernos azuis, prazos de entrega de originais, valores a serem pagos aos escritores, além de como se daria a publicidade das obras publicadas. Essas cartas apresentam o dia a dia – quase sempre em via única – da construção da coleção.

O diálogo[35] começa *in media res*, não sendo possível, portanto, rastrear as primeiras tratativas entre Martins e os representantes da editora que levaram à publicação de *Música no*

regras de uso) e o arquivista (o indivíduo que possui "as chaves" do arquivo). Sobre o tema, ver: MIRANDA, Wander Mello (org.). *Arquivos Literários*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003. p. 122.

[35] Teresa Malatian reforça esse caráter de diálogo da troca epistolar. Segundo a autora, a correspondência "comportava, como todo diálogo, silêncios, rupturas, retomadas ao sabor dos interesses e das afeições. As

Brasil. Apesar desse "silêncio", as correspondências apresentam reverberações das desventuras enfrentadas pelo livro de Mário de Andrade, citadas no item anterior.

Em maio de 1941, Rubens Requião, primeiro encarregado das tratativas com Martins, solicitou ao escritor carioca que revisasse as provas de *Psicanálise do Cafuné*, segundo caderno azul a ser publicado. Além disso, informou que, dentro de poucos dias, seria lançado um livro de contos de Telmo Vergara, *Histórias do Irmão Sol*. Por fim, pediu a Martins que "si for possível faça um pouco de propaganda, principalmente entre os amigos da imprensa".[36] Essa demanda não foi um caso isolado, visto que, em carta enviada em 7 de outubro de 1941, Requião fez uma pequena lista de requerimentos a Martins:

> Estamos para lançar, na série "GUAIRACÁ", (nossa coleção de estudos nacionais, assim batizada pelo Dr. De Placido) o volumoso livro de João Dornas Filho – Apontamentos para a História da Republica. Por estes dias sairá – Sincretismo Religioso no Brasil – do Dr. Gonçalves Fernandes de Pernambuco. Peço-lhe um grande obséquio. Si não for possível atender-me queira me avisar. É o seguinte: queria que V. me fizesse uma reportagem, sob o prestígio de seu nome, com os fatos descritos por Gonçalves Fernandes em torno dos amalgamas religiosos do Brasil. Em fim, um estudo em torno do livro. Todos os cliches que temos e que se referem á referida obra, ponho á sua disposição para ilustração. O trabalho seria publicado no PLANALTO, ou no Don Casmurro, onde, afinal de contas, V. quizesse. Que tal? Mande-me uma resposta. O livro lhe será enviado logo que saia, desde que voce tope.[37]

Requião não pediu diretamente o trabalho de publicidade do livro de João Dornas Filho, mas, ao manter o escritor informado acerca dos principais textos publicados pela casa, deixou implícita sua intenção. Por fim, solicitou a Martins que escrevesse um artigo sobre o sincretismo religioso no Brasil, tema que evocava o título da obra de Gonçalves Fernandes. Rubens Requião tentou, dessa maneira, usar o "prestígio" e o respeito suscitado pelo nome de Martins como fator de promoção de outros títulos da editora – e não somente dos cadernos azuis.

No arquivo de Luís Martins, depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, existem duas cópias carbonadas de correspondências enviadas pelo escritor à Editora Guaíra. A existência de cartas carbonadas – devido ao caráter excepcional de sua existência e

---

reações provocadas por oscilações no fluxo de cartas são bem visíveis nas linhas irritadas, decepcionadas ou angustiadas dos correspondentes". Para mais, ver: MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (org.*). O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-221.

[36] EDITORA GUAÍRA. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Martins. Curitiba, 5 maio 1941. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[37] EDITORA GUAÍRA. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Martins. Curitiba, 7 out. 1941. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

aos assuntos abordados – aponta para uma quebra de confiança logo no início da troca profissional entre as partes. As cópias eram uma salvaguarda para Martins, pois, assim, ele poderia conservar os pormenores dos acordos e sua oposição ao andamento do projeto. Apesar de longas, reproduzimos quatro das cinco cartas, privilegiando a integridade do texto. Dessa maneira, esperamos que seja possível visualizar não apenas os temas abordados, mas a *forma* como Martins e Requião sustentaram suas posições.

Na primeira correspondência, datada de 4 de setembro de 1941, Martins reclamou do não envio dos exemplares de *Psicanálise de Cafuné* e *Música do Brasil*, da demora em remeter o cheque de pagamento, no valor de duzentos mil-réis, ao professor Roger Bastide e, por fim, do atraso na restituição dos originais de *Candomblé na Baía*, livro escrito pelo pesquisador estadunidense Donald Pierson. O que causa estranheza na correspondência não são os assuntos, comuns no cotidiano de um trabalho editorial, mas o tom ríspido empregado por Martins, ameaçando inclusive encerrar o projeto, uma vez que ele e Milliet poderiam achar em São Paulo quem aceitasse o "negócio". Em seguida, Martins elaborou uma lista com suas principais reclamações em relação ao trabalho desenvolvido pela editora, tanto no trato com os autores quanto nos prazos que não vinham sendo cumpridos:

> PSICANALISE DO CAFUNÉ – É incrível que esse livro tenha saído já há mais de 15 dias e que vocês não nos tenham remetido um único exemplar! Os jornais já têm dado noticias sobre ele e nós, os diretores da coleção, assim como o proprio autor, não recebemos nada., Peço-lhe providencias urgentes: 20 exemplares para o autor e 10 para cada um de nós (para propaganda), podendo mandar tudo isso para meu endereço, em meu nome.
> CHEQUE – Solicito providências o cheque de 200$000 para o Professor Roger Bastide. (pode mandar logo diretamente a ele proprio, não necessitando de fazer como fizeram com o do Mario, isto é, mandar em meu nome.) Nós estamos envergonhados com o Professor.
> MUSICA DO BRASIL – O Mario de Andrade anda reclamando os exemplares de autor, que ainda não recebeu. Vocês só me mandaram 20, dos quais cedi 15 a ele. Foi só o que ele teve. Prejudicou a ele e à propaganda. Peço à Guaíra providenciar a remessa de, pelo menos mais 10 a ele, os quais podem ser remetidos a meu endereço.
> CANDOMBLÉ NA BAÍA – Escrevi à Guaira explicando que esse livro do Prof. Pierson não pode mais sair e estou até hoje aguardando uma simples resposta. Reitero meu pedido de restituição do original.[38]

Além de queixas pontuais, Martins informou a Requião o descontentamento da dupla de diretores de como estava sendo "feita [a] publicação dos Cadernos Azuis", pois, até aquele momento, apenas dois livros haviam sido publicados. Aquilo, segundo Martins,

---

[38] MARTINS, Luís. [*Correspondência*]. Destinatário: Rubens Requião. São Paulo, 4 set. 1941. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

"desmoraliza[va] a coleção". O pior, prossegue o escritor, é que os representantes da editora não pareciam

> [...] muito dispostos a nos auxiliar. O livro do Mario teve aqui em São Paulo uma grande venda, graças a nós, que fizemos grande propaganda em torno dele (a propósito: o livreiro Martins reclama mais exemplares, pois o seu stock se exgotou ha tempos, sem ser renovado). Pois o livro do Bastide ninguem fala, porque nós não tivemos elementos para isso. Vocês publicaram o livro e não se lembram de nos enviar um exemplar siquer.

As explicações de Rubens Requião vieram por meio do envio de duas correspondências sucessivas a Martins, datadas de 9 e 10 de setembro. Na primeira carta, grafada com a palavra "urgência" em lápis vermelho no canto superior direito, Requião argumentou que os atrasos na publicação dos trabalhos eram causados pela escassez de papel, o que impedia que fosse lançado "livro atrás de livro". Além disso, o funcionário fez a defesa da editora ao acusar a demora dos diretores em devolver as provas das obras que seriam publicadas:

> [...] Quanto ás suas reclamações, que preliminarmente confesso serem justa, si V. soubesse as contingencias que uma editora passa no atual momento, compreenderia muito bem porque suas aspirações para com "Cadernos Azuis" não são realizadas por nós. Não existe de nossa parte qualquer má vontade com sua magnífica série. O diabo é que as condições do mercado do papel impossibilitam que lancemos livro atrás de livro como é sua vontade e a nossa tambem. Temos aquí em nossa oficina mais de 5 livros já paginados, prontos para impressão e que no entanto não podemos lançar a escasses do papel. Quizemos contornar o problema, comprando algumas toneladas de S. Paulo, mas era infamérrimo e nos estragou a impressão de um livro. Por outro lado, procuramos solver o impasse, incumbindo uma editora de S. Paulo de lançar, isto é, compos o livro do Telmo Vergara, e ela, contando com meios e recursos grandes, se demorou 3 meses para nos entregar a encomenda! Por aí V. vê, caro amigo, que a dificuldade não só da Guaira, mas da totalidade das editoras.
>
> É verdade que assumimos um compromisso para com VV. Em nossa defesa permita-me alegar que foi época diferente da atual. Muitas vezes, consinta a franqueza, a demora não é nossa, mas oriunda ~~da demora~~ da devolução das provas, como tem acontecido...
>
> Enviamos, sim senhor, os 20 exemplares de Musica do Brasil, para o autor. Si não chegou ao destinatário a culpa não é nossa. Estou providenciando uma reclamação junto a agencia postal daqui. Quanto ao envio dos seu exemplares de Psicanálise, para si e para o Milliet, dei ordem para que fossem remetidos, quando enviei 150 exemplares para os críticos e noticiaristas. Já pedi ao encarregado da remessa, a prestação de contas, para verificar si foram enviados. Si ele esqueceu-se de cumprir a obrigação, armo um "Bonde" e lhe enviarei imediatamente.[39]

---

[39] Na margem direita, está escrito à mão: "junto 2 copias, para serem publicados na imprensa. V. mi faz o obséquio de distribui-las? Rubens". EDITORA GUAÍRA. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Martins. Curitiba, 9 set. 1941. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

A questão da escassez e da qualidade do papel é tema presente em boa parte da documentação relativa à Editora Guaíra e não seria diferente no conjunto de cartas estudadas neste capítulo. Como exposto na primeira parte desta dissertação, durante a Segunda Guerra Mundial, a falta de papel para a produção da *Gazeta do Povo* e dos livros da Guaíra impactou significativamente os empreendimentos comandados por De Plácido e Silva. A escassez do material causou o adiamento de alguns projetos e afetou a qualidade daquilo que era publicado (com o uso de papel de baixa qualidade nos livros). Nos termos estabelecidos por Requião, o papel era o "diabo" que impedia que a editora lançasse "livro atrás de livro". Outro ponto que chama atenção é a quantidade de exemplares enviados à crítica especializada, no caso, 150; posteriormente, essa informação seria fortemente rechaçada por Luís Martins.

Na correspondência do dia seguinte, Requião informou a remessa do cheque de pagamento ao professor Roger Bastide e relatou o envio de uma pesquisa sobre a história da pintura no Brasil, escrito por Carlos Rubens. Esse estudo, aprovado previamente por De Plácido e Silva, foi vigorosamente rejeitado por Milliet e Martins. O ponto de vista de ambos foi expresso na carta escrita por Martins em 22 de setembro e que teve como objetivo rebater os argumentos expostos nas correspondências enviadas por Requião em nome da editora:

> Meu caro Rubens, vejo que você não respondeu à minha anterior. Passou como gato sobre as brasas por cima das minhas questões, afinal não resolvendo nada. O Sergio anda impaciente e com vontade de desistir. Acha ele (com o que estou de acordo) que assim não é possível se fazer nada: Por isso insisto com você em ver si o De Placido pode dar os cadernos menos espaçadamente, com regularidade. Como está, é a morte da coleção. O "Musica do Brasil" teve uma saida bonita, excepcional. Já a "Psicanálise do cafuné" esta sendo um desastre. De quem é a culpa? de vocês. Além de sair atrasada, não veiu para nós nem um exemplar, salvo 5 que o De Placido me deu no Rio e eu distribui lá mesmo. Não é possível a gente aqui dar noticias ou pedir criticas sem dar o livro. E nós não temos o livro para dar. (Agora mesmo a publicidade me parece um pouco tardia, depois de dois mezes do livro saído!) Mas ao menos, que diabo, nos – eu e Sergio – teriamos direito a alguns exemplares. E, principalmente, o Roger Bastide, que ainda não teve o prazer de ver um unico exemplar de seu livro! Parece incrivel! Eu pedi a v. que me enviasse os exes. Dele, do autor, os meus e os do Sergio, para Publicidade. Mas você niquel de resposta ou providencia.
>
> Vivemos aqui amolados com tudo isso e mais com o Mario de Andrade que não cessa de reclamar os exemplares a que tem direito, do "Musica do Brasil", aliás com toda a razão. Escrevi a você e sua providencia foi dizer que ia ver no Correio o que tinha acontecido. Mas si o Correio não resolver o problema, continuaremos aqui xxxx a ter que dar diariamente desculpas ao Mario, como damos tambem ao Professor Roger Bastide e aos nossos amigos jornalistas que desejam nos ajudar na publicidade dos "Cadernos".
>
> Outra coisa que não mereceu de você a minima resposta, apesar de ter sido reclamada duas vezes, é a devolução do livro do Prof. Donald Pierson, "Candomblé na Bahia". Insisto penhoradamente,
>
> Resumindo e pedindo a você que responda a cada item separadamente, tomo a liberdade de tornar a reclamar o seguinte:

> a) Remessa de 20 exs. da "Psicanalise do cafuné", ao prof. Roger Bastide.
> b) Remessa de 5 exss. do mesmo livro a S. Milliet e a mim. (5 a cada)
> c) Remessa de 10 exs. do Musica do Brasil a Mario de Andrade.
> d) Devolução do Candomblé na Baia, ao prof. Donald Pierson.
> e) Responder si é possível dar os Cadernos com maior regularidade.
>
> Confesso que ficaria gratissimo si você providenciasse tudo isso com a maxima urgencia.
>
> HISTORIA DA PINTURA – Assim que recebi, li o original enviado e no mesmo dia apresentei-o ao Sergio Milliet. Peço a você que faça ao De Placido, em nosso nome, as seguintes ponderações: aquele trabalho é um simples trecho de uma obra de maiores proporções do mesmo autor, que acaba de sair. Assim não justificaria a sua inclusão nos "Cadernos". Além disso, tratando-se de matéria em que ambos somos mais ou menos especialisados (artes plasticas) e na qual o autor adota um ponto de vista que não julgamos acertado, não poderiamos dar de nenhum modo a nossa aprovação à sua inclusão numa serie em que tivessemos uma parcela de direção. Peço explicar tudo ao Placido, acrescentando que muito lamentamos não poder estar de acordo com a sua sugestão.[40]

Na correspondência, Martins reiterou seu descontentamento com o andamento dos trabalhos e a falta de respostas às suas demandas, acusando Requião de passar "como gato sobre as brasas" por cima das questões enviadas pelo escritor carioca. Os principais pontos de discórdia continuavam sendo os exemplares destinados aos autores, a questão da promoção das obras e, por fim, a devolução do texto de Donald Pierson. Infelizmente, não é possível saber como as partes chegaram a um acordo, mas o fato é que chegaram, pois a obra do professor estadunidense foi publicada no ano seguinte.

A rejeição ao livro de Carlos Rubens foi o último tema abordado na carta. O diretor da coleção forneceu dois argumentos para a recusa o livro: ser um trecho de uma obra maior, *História da pintura no Brasil*,[41] publicada há pouco tempo (1939); e por haver discordâncias em relação ao posicionamento artístico assumido por Carlos Rubens no livro. Pode-se dizer que havia uma recusa de Milliet e Martins em cederem seu prestígio e referendarem uma obra que se contrapunha às concepções de arte deles.

Algumas considerações devem ser feitas sobre a relação entre Luís Martins e a Editora Guaíra. Martins teve conhecimento da Guaíra enquanto buscava, sem sucesso, uma editora que se dispusesse a publicar os originais de *Fazenda*. A interdição ao seu nome não se dava por questões literárias – a qualidade do texto ou a temática abordada na obra, por exemplo –,

---

[40] MARTINS, Luís. *[Correspondência]*. Destinatário: Rubens Requião. São Paulo, 9 set. 1941. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[41] RUBENS, Carlos. *História da pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1939. É provável que, ao ser editado por um órgão do Governo Federal, o livro de Rubens ganhasse certo aspecto de oficial.

mas devido ao receio de se editar um escritor que havia sido preso pouco tempo antes por suas atividades políticas. Em outras palavras, os editores abriam mão do "poder totalmente extraordinário de assegurar a publicação"[42] por medo de retaliações econômicas – o recolhimento e a destruição dos livros – e políticas – o fechamento da editora.[43] Após a intermediação de Joel Silveira, Martins entrou em contato com De Plácido e Silva, que se dispôs a tornar público seu trabalho.[44] Com isso, criou-se uma relação profissional entre o escritor carioca e o editor paranaense.

Radicado em São Paulo e inspirado na figura de Monteiro Lobato, Martins desejava criar sua própria casa editorial. Sem capital para tal, seguiu a sugestão de Sérgio Milliet e foi em busca de um editor que aceitasse publicar uma coleção de livros elaborada por eles. Nesse sentido, devido à relação previamente estabelecida, a Guaíra apareceu como uma candidata natural. Aquele, de fato, parecia ser um bom negócio para ambas as partes: apesar de arcar com os custos da produção, a editora ficaria com os lucros obtidos com a venda dos livros, além de se beneficiar da transferência de capital simbólico[45] gerado pela presença, em seus

---

[42] Pierre Bourdieu mostra que "o editor é aquele com o poder totalmente extraordinário de assegurar a publicação, quer dizer, de tornar um texto e um autor acessíveis à existência *pública (Öffentlichkeit)*, conhecido e reconhecido. Este tipo de 'criação' implica, na maioria das vezes, uma *consagração*, uma *transferência de capital simbólico* (análoga a que opera um prefácio) que é tanto mais importante quando quem a realiza está ele mesmo mais consagrado, especialmente através do 'catálogo' – conjunto dos autores mais ou menos consagrados –, que foi publicado no passado". BOURDIEU, Pierre. Una revolución conservadora en la edición. *In*: BOURDIEU, Pierre. *Intelectuales, política y poder*. Tradução de Alicia Gutiérrez. Buenos Aires: Eudeba, 1999. p. 223. [Tradução nossa; grifos do autor].

[43] Já em fins de 1935, informa Edgard Carone, medidas coercitivas do governo provocaram o fechamento de editoras comunistas, a apreensão de seus estoques e a abertura de processos contra elas. Com isso, dezenas de editoras foram fechadas, casos, por exemplo, da Editora Unitas e da Edições Cultura Brasileira. Ver: CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil*: das origens a 1964. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. p. 69.

[44] De certa maneira, ao aceitar publicar o romance de Martins, De Plácido e Silva assumia os riscos de recolhimento e destruição dos exemplares de *Fazenda* em troca do prestígio que o nome de Luís Martins poderia conferir ao catálogo de sua editora.

[45] Ao fazer o recorte do significado de capital simbólico, Pierre Bourdieu aponta que "todo tipo de capital (econômico, cultural, social) tende (em diferentes graus) a funcionar como capital simbólico (de modo que talvez valesse mais a pena falar, a rigor, em *efeitos simbólicos do capital*) quando alcança um reconhecimento explícito ou prático, o de um habitus estruturado segundo as mesmas estruturas do espaço em que foi engendrado. Em outros termos, o capital simbólico (a honra masculina das sociedades mediterrâneas, a honorabilidade do notável ou do mandarim chinês, o prestígio do escritor renomado etc.) não constitui uma espécie particular de capital, mas justamente aquilo em que se transforma qualquer espécie de capital quando é desconhecida enquanto capital, ou seja, enquanto força, poder ou capacidade de exploração (atual ou potencial), portanto reconhecida como legítima. Mais precisamente, o capital existe e age como capital simbólico [...] na relação com um habitus predisposto a percebê-lo como signo e como signo de importância, isto é, a conhece-lo e reconhece-lo em função de estruturas cognitivas aptas e tendentes a lhe conceder o reconhecimento pelo fato de estarem em harmonia com o que ele é". Com isso, prossegue Bourdieu, "ser conhecido e reconhecido também significa deter o poder de reconhecer, consagrar, dizer, com sucesso, o que merece ser conhecido e reconhecido e, em geral, de dizer o que é, ou melhor, em que consiste o que é, o que é preciso pensar a respeito, por meio de um dizer (ou um predizer) performático capaz de fazer

quadros, de dois escritores respeitados em seu campo.[46] Posteriormente, os dois diretores trouxeram consigo outros autores e pesquisadores renomados, além de pintores consagrados que colaboraram com aportes artísticos aos livros da coleção. Martins e Milliet, por sua vez, tinham a oportunidade de acumular mais prestígio com os seus pares, pois ambos seriam diretores de uma coleção de livros de alcance nacional. Não deixa de ser sintomático que uma das principais reclamações de Martins seja em relação aos problemas de distribuição dos livros aos escritores e jornalistas, ou seja, os formadores de opinião e detentores do capital simbólico, capital este que permitia a esses profissionais indicarem um livro (e serem ouvidos nessa indicação). No fim das contas, especialmente para Martins, dirigir o projeto não significou apenas a seleção dos títulos que seriam editados, já que ele teve que manter contato próximo com seus pares e fornecer-lhes explicações sobre os entraves enfrentados pela editora no manejo dos prazos de publicação, os atrasos no pagamento dos escritores convidados e os problemas de publicidade dos livros. O protesto de Mário de Andrade sobre a demora em receber seus exemplares e o atraso na remessa do cheque destinado a Roger Bastide, por exemplo, não afetavam somente o prestígio da editora, mas também o prestígio dos dois diretores da coleção, uma vez que eram eles que deveriam responder a seus colegas quando algo não saía a contento.[47] Talvez isso explique a existência das cópias carbonadas das cartas e tom assertivo utilizado por Martins nas mesmas.

Em dezembro de 1941, Rubens Requião deixou de ser o responsável pela troca de correspondências com Martins. Arnaldo Carnasciali, genro de De Plácido e Silva, assumiu a tarefa de fazer com que os livros da coleção saíssem do prelo. A troca de funções, contudo, só foi oficializada em fevereiro do ano seguinte. Sob a gestão de Carnasciali, as correspondências tornaram-se mais "diretas". O representante da editora tinha o costume de informar em suas cartas o andamento dos trabalhos e o estado de produção dos livros. Carnasciali não chegou a discutir, ao longo das correspondências, os méritos artísticos ou comerciais das publicações, abordando, quase sempre, os aspectos técnicos da produção. De

---

ser o que é dito ajustado ao modo de dizer (poder cuja variante burocrática é o ato jurídico e a variante carismática, a intervenção profética)". BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 295-296. [Grifos do autor].

[46] Ao colocar como condição figurar entre os diretores da coleção, De Plácido e Silva buscava se beneficiar dessa transferência de capital simbólico, tanto como editor quanto como ficcionista (o jurista paranaense havia estreado como romancista em 1940, quando publicou *Ódios da cidade*).

[47] Ao reclamar da demora em remeter o cheque de 200$000 de Bastide, o escritor carioca informava a Requião que eles, Martins e Milliet, estavam "envergonhados com o Professor".

certa maneira, a comunicação mais direta e processual de Carnasciali – ele era bacharel em Direito – fez com que a coleção tivesse seu período de maior número de publicações.

Além de informar o andamento dos trabalhos, Carnasciali pediu, mais de uma vez, que Martins enviasse ao Paraná trechos de reportagens dos jornais de São Paulo. É provável que a editora possuísse um arquivo com os textos escritos sobre os livros lançados por ela. Isso é reforçado pelo fato de a Guaíra ter contratado os serviços do Lux Jornal, empresa responsável pela clipagem de notícias de diversos jornais e revistas brasileiras.[48]

A maioria das correspondências da Guaíra depositadas no arquivo de Luís Martins foi enviada em 1942, período no qual Carnasciali representou a empresa. Nesse ano, sete livros foram editados e publicados. Esses se somaram aos quatro livros publicados no ano anterior, como mostra o Quadro 3:

Quadro 3 – Livros publicados na Coleção Caderno Azul (triênio 1941-1943)

(continua)

Número	Autor(a)	Título	Ano
1	ANDRADE, Mário de	*Música do Brasil*	1941
2	BASTIDE, Roger	*Psicanálise do cafuné e estudos de sociologia estética brasileira*	1941
3	NEME, Mário	*Donana Sofredora*	1941
4	MILLIET, Sérgio	*Duas cartas no meu destino*	1941
5	PÁDUA, Ciro T. de	*Homem e a técnica*: ensaio sobre as ideias de Spengler e Ortega Y Gasset	1942
6	PIERSON, Donald	*O candomblé da Baía*	1942

[48] Ao completar 15 anos de funcionamento, em 1943, a revista *Dom Casmurro* publicou uma pequena reportagem sobre a empresa, intitulada "'Lux Jornal' e a vitória de uma organização jornalística especializada". O texto produzido pela revista literária possui algumas informações sobre o histórico da empresa e sobre os usos dos materiais produzidos por ela: "[...] Tendo como fundadores e diretores os nossos confrades de imprensa, escritores Mario Domingues e Vicente Lima, e atual secretário o nosso companheiro Sebastião Fonseca, 'Luz Jornal' se desenvolveu extraordinariamente, estendendo a sua rede de assinaturas por todo o país e mesmo ao estrangeiro. Além de sua grande sede nesta capital, onde se movimenta mais de uma centena de funcionários competentes, possui importante sucursal em S. Paulo e correspondentes nas principais cidades do país. Próspera e útil, 'Luz Jornal' se especializou na tarefa sobremodo complexa e interessante de oferecer a qualquer pessoal a possibilidade de saber tudo quanto for publicado, não só a seu respeito, mas sobre quaisquer assuntos do seu interesse. Assim é que não apenas um número considerável de escritores, artistas, médicos, desportistas, etc. são seus assinantes, mas de muitos outros setores da atividade nacional são os seus serviços requisitados. Governos e repartições estaduais, ministérios e departamentos da administração federal, empresas comerciais e industriais utilizam-se dos recortes fornecidos pelo 'Lux' como uma eficiente fonte informativa. Aos próprios jornais e revistas dos quais se vale para recortar comentários, artigos e tópicos, presta um serviço de real valor porque faz chegar o nome, as ideias e até o aspecto gráfico das nossas publicações a cidades brasileiras onde elas dificilmente penetrariam. Servindo às elites culturais do país principalmente, 'Luz Jornal' merece todo o nosso parabém nesse 15º aniversário, que resume [ilegível] de esforço e dedicação para a imprensa nacional". *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, p. 2, 29 maio 1943.

Quadro 3 – Livros publicados na Coleção Caderno Azul (triênio 1941-1943)

(conclusão)

Número	Autor(a)	Título	Ano
7	MARTINS, Luís	*Arte e polêmica*	1942
8	CHAVES, Luiz Guimarães	*A posição dos Estados Unidos no equilíbrio econômico e político do século XX*	1942
9	LESSA, Elsie	*Enfermaria de 3ª*: contos	1942
10	PÁDUA, Ciro T. de	*O dialeto brasileiro*: (ensaio de filologia e sociologia sobre a língua falada no Brasil)	1942
11	PONTES, Eloy	*Romancistas*	1942
12	CAVALHEIRO, Edgar	*Biografias e biógrafos*	1943
13	DORNAS FILHO, João	*A influência social do negro brasileiro*	1943
14	QUEIROZ, Amadeu de	*Sabina*	1943

Fonte: elaboração própria, a partir de pesquisas em outros livros da editora e no acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

Em sua primeira correspondência enviada a Martins, ainda em dezembro de 1941, Arnaldo Carnasciali informou que

> As provas do "Candomblé na Baia" e do "O homem e a técnica" já foram enviados ao Sérgio Milliet, afim de ser feita a revisão pelos autores. Porém é importante notar que os originais deverão ser devolvidos, para que o tipógrafo possa fazer o confronto dos títulos.[49]

Três meses depois, em fevereiro de 1942, o representante da editora comunicou a Martins que o livro de

> [...] Ciro T. de Pádua está pronto. Começamos a distribuição no sabado ultimo. O "Candomblé da Baía" do Pierson deverá estar completamente pronto até amanhã. Pelo que vês o ritmo não foi enterrompido e, assim sendo não precisamos nos rehabilitar. Estamos esperando os originais do teu "Arte e Polemica", pode mandar, pois enquanto esperamos vamos passando para diante o do Luiz Guimarães Chaves.[50]

Em maio daquele mesmo ano, a publicação dos números 7 e 8 ainda não havia sido resolvida, uma vez que os livros se encontravam na revisão, processo que ficava a cargo de Martins e Milliet. Sabendo disso, Carnasciali solicitou a Martins que abreviasse "o mais

---

[49] EDITORA GUAÍRA. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Martins. Curitiba, 16 dez. 1941. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[50] EDITORA GUAÍRA. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Martins. Curitiba, 2 fev. 1942. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

possível a revisão, para não atrasar o lançamento de ambos".[51] Em agosto, os dois livros já haviam sido publicados e outros três se encontravam em processo de produção:

> O trabalho de Eloi Pontes já está nas oficinas e deverá estar pronto no máximo no fim do mês. No que esteja pronto este, tocarei para diante o da Elsie Lessa.
> Tenho em meu poder igualmente o "O dialéto brasileiro" do Ciro T. de Pádua, que foi enviado pelo Sergio. Creio que este será o nº 11.
> Já escrevi ao Dornas Filho, dando a tua resposta. Ao que me disse está coligindo mais alguns dados em Belo Horizonte para ultimar o trabalho. Ficou de mandar para cá. Quando receber escrever-te-ei para saber se deve ficar ou devo manda-lo para V.[52]

No fim, a ordem inicialmente planejada pela editora foi invertida: o livro de Elsie Lessa foi publicado no fim de outubro, ao passo que os textos de Ciro de Pádua e Eloy Pontes saíram do prelo no mês seguinte. Em janeiro de 1943, Arnaldo Carnasciali enviou uma longa correspondência na qual adiantava alguns dos livros que seriam publicados naquele ano e cobrava o envio de mensagens após um mês de silêncio de Martins:

> Amigo Luis Martins.
> [...] Que mutismo tem sido este? Há mais de um mez que não recebemos carta do Amigo. Eu tambem estava em falta, porem o que me atrapalhou um pouco com a correspondencia, foi o o meu casamento, no mez passado. Agora entraremos novamente em normalidade.
> BIOGRAFIAS E BIOGRAFOS – Edgard Cavalheiro – Estamos terminando as respectivas capas, para lançarmos o Caderno Azul, nº 12.
> SABINA – Amadeu de Queiroz – Acabo de receber os originais do trabalho á margem, para ser incluido na Coleção.
> Quero saber se devo incluir este logo em seguida ao do Edgard Cavalheiro.
> TRABALHO JOÃO DORNAS FILHO – E, a respeito do livro de nosso Amigo João Dornas Filho V. ainda não tem resolvido? O título do livro é "A influência social do Negro Brasileiro". Desculpe esta minha insistência, porem, prometi dar uma resposta o quanto antes.
> PROF. BRAULIO SÁNCHEZ-SAÉZ – Acabo de receber carta, cuja cópia junto á esta. Recebi igualmente os originais do livro "Plasticos Amigos", que segundo diz na carta mandou para ser incluido na coleção, segundo promessa que havia feito ao Sérgio Milliet. Em todo caso aguardo resposta de inclui-lo na coleção.
> BRICIO DE ABREU – Em carta que recebemos do marginado pergunta-nos se nos interessamos pela inclusão de um trabalho de autoria de Bandeira Duarte do "GLOBO", sobre teatro. Como esta parte está á teu cargo escrevi-lhe que iria submeter o caso á tua apreciação. Aguardo igualmente a tua resposta, a-fim-de dar uma satisfação ao Brício.
> Na expectativa de tuas noticias, subscrevo-me com um cordeal abraço.[53]

---

[51] EDITORA GUAÍRA. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Martins. Curitiba, 7 maio 1942. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[52] EDITORA GUAÍRA. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Martins. Curitiba, 5 ago. 1942. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[53] EDITORA GUAÍRA. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Martins. Curitiba, 8 jan. 1942. Carta. 1 f. Datilografada. Português. Arquivo Luís Martins, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Essa carta marca um interlúdio na parceria entre Luís Martins e Sérgio Milliet e a editora paranaense. No arquivo, há apenas mais uma carta enviada pela editora, datada de 18 de novembro. Nela, Carnasciali relatava as dificuldades em efetuar o pagamento dos direitos autorais de Elsie Lessa. Nenhum livro novo foi discutido, não há despedidas formais ou explicações, apenas silêncio. Os livros de Edgard Cavalheiro, João Dornas Filho e Amadeu de Queiróz foram os únicos cadernos azuis publicados em 1943 – ano particularmente difícil para a editora.[54] O Quadro 4 mostra que os livros de Sánchez-Saéz e Brício de Abreu saíram do prelo em anos subsequentes. Mesmo assim, os nomes de Sérgio Milliet e Luís Martins continuaram a figurar como diretores até o 26º título lançado na coleção. Em suas memórias, Martins relembrou que

> A "Coleção Caderno Azul" durou anos e divulgou muitas obras. Mas, depois de um certo tempo, eu deixei de me interessar por ela. Sérgio também cansou de trabalhar de graça. Os últimos volumes editados continuavam mencionando nas capas "direção de Sérgio Milliet, De Plácido e Silva e Luís Martins", mas na verdade não sei quem os selecionava e organizava. Não obstante, muitos desses trabalhos tinham valor e eram assinados por pessoas competentes.[55]

Além da falta de correspondências, outros indícios indicam que o afastamento dos escritores modernistas da coleção da Editora Guaíra aconteceu no fim de 1942. Convidado pelo Departamento de Estado do governo estadunidense, Sérgio Milliet partiu para a América do Norte em janeiro de 1943. Lá, segundo nota publicada no *Correio Paulistano*, pronunciaria "conferencias em varias cidades americanas sobre a arte e a literatura em nosso país".[56] Milliet retornou ao Brasil dois meses depois e logo se engajou na direção da Exposição Anti-Eixista: feira de artes e livros, organizada pela Liga da Defesa Nacional. Ainda naquele ano, assumiu o cargo de diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo. Luís Martins, por sua vez, também participou da comissão organizadora da exposição, marco artístico do engajamento brasileiro no esforço de guerra ao lado dos Aliados. Isso mostra que os dois escritores voltaram suas atenções a novos projetos. Como resumiu Luís Martins anos depois: "Convenci-me de que não iria enriquecer como editor".[57]

---

[54] Como ressaltado no Capítulo 1, 1943 foi, nas palavras de De Plácido e Silva, um ano marcado por "toda uma série de dificuldades".

[55] MARTINS, Luís. *Um bom sujeito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983. p. 92.

[56] *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 31 jan. 1943.

[57] MARTINS, Luís, *op. cit.*, p. 92.

Apesar da saída de Luís Martins e Sérgio Milliet, a coleção continuou a ser publicada. Nos três anos seguintes, foram editados dezesseis novos títulos e, como mostra o Quadro 4, a Guaíra não só conseguiu atrair novos escritores, como também abriu espaço para que autores que já haviam sido publicados anteriormente pudessem lançar novos textos. Encaixam-se nessa categoria Roger Bastide, Mário Neme, Braulio Sánchez-Sáez e João Dornas Filho – este último com três novos títulos editados. É possível observar que alguns dos nomes trazidos por Milliet e Martins seguiram publicando na editora apesar da saída dos diretores. Ao lado desses escritores, pesquisadores ainda pouco conhecidos foram publicados nessa "segunda fase". As temáticas, contudo, mantiveram-se variadas e a coleção permaneceu com o lema que marcou sua gênese: "tudo, menos poesia".

Quadro 4 – Títulos publicados na Coleção Caderno Azul após a provável saída de Luís Martins e Sérgio Milliet

Número	Autor	Título	Ano
15	BRITO BROCA, José	*Americanos*	1944
16	SÁNCHEZ-SÁEZ, Braulio	*Plásticos amigos*: (artes rio-platenses contemporâneas)	1944
17	DONATO, Mário	*As cigarras emigram*	1944
18	MOREIRA, Álvaro	*Porta aberta*	1944
19	BRÍCIO DE ABREU, Luis Leopoldo	*De braços abertos para a França*	1945
20	SILVEIRA PEIXOTO, José Benedicto	*Papai Noel é muito adulador!*	1945
21	DORNAS FILHO, João	*Eça e Camilo*	1945
22	DANTAS, Raymundo	*Agonia*	1945
23	SCHAEFFER, Henrique	*A pintura na Renascença*	1945
24	BASTIDE, Roger	*Poetas do Brasil*	1946
25	MARTINS, Alfredo Romário	*Bandeiras e bandeirantes em terras do Paraná, 1532-1839*	1946
26	GUERIOS, José Farani Mansur	*Doutrina de Guerra*	1946
27	BUCHCH, Antonio Juan	*Em pós de Eça de Queiroz*	[1946?]
28	NEME, Mário	*Estudinhos brasileiros*	[1946?]
29	FERREIRA, Tito Lívio	*Abrasileiramento do brasileiro*	1947
30	SÁNCHEZ-SÁEZ, Braulio	*Imaginária*: aspectos da arte espanhola e suas influências	[1947?]
31	DORNAS FILHO, João	*António Torres*	[1947?]

Fonte: elaboração própria.

3.3 Caderno Azul e Mosaico: a importância dos livros de pequeno formato e preço acessível na construção dos catálogos

Luís Martins, na entrevista citada no início do presente capítulo, deu certas pistas sobre o impacto causado pelos cadernos azuis e de seus possíveis desdobramentos intelectuais:

> [...] a idéia [da coleção] pegou e logo encontrou quem a achasse interessante: ainda agora, uma importante editora de São Paulo – a Martins – vai lançar uma coleção do mesmo gênero inspirada nos moldes da que dirijo juntamente com Sergio Milliet e De Plácido e Silva.[58]

Segundo o escritor carioca, a iniciativa da Guaíra havia inspirado a Livraria Martins a criar uma coleção semelhante àquela concebida tempos antes pela editora paranaense. Mas Luís Martins se referia a qual coleção? Antes de responder à questão, devemos refazer os primeiros passos da trajetória da editora paulista, bem como alguns aspectos do mercado editorial dos anos 30 e 40.

Fundada em 1937 por José Barros Martins, a Livraria Martins dedicava-se sobretudo à importação de livros, principalmente da França, Inglaterra e Estados Unidos. Em 1940, logo após o início da Segunda Guerra, J.B. Martins fundou a seção editorial da empresa. Segundo Heloísa Pontes,

> [...] a criação da livraria, transformada três anos depois em editora, ocorreu num contexto cultural extremamente favorável. A Universidade de São Paulo, em processo de consolidação, formava suas primeiras turmas, ampliando as perspectivas de conhecimento e pesquisa. Aliado a isso, o Departamento de Cultura, criado em 1935, por Mário de Andrade, funcionava como um centro de pesquisa e debates culturais.[59]

Pontes ressalta que a livraria-editora preencheu o "vazio cultural" deixado pela mudança da Livraria José Olympio para o Rio de Janeiro, em 1934. Diferentemente da editora que partira da capital paulista, a Livraria Martins caracterizou-se como um polo de escritores antigetulistas, um grupo heterogêneo que reunia desde membros da oligarquia deposta pela

---

[58] LUIZ Martins fala de uma idéia feliz. [Entrevista concedida à] *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, n. 303, p. 34, 21 maio 1942.

[59] PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das "Coleções Brasilianas", nas décadas de 1930, 40 e 50. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 56-89, 2. sem. 1988. p. 65.

Revolução de 30 até militantes comunistas do calibre de Jorge Amado.[60] O amálgama que unia os grupos supracitados era a própria figura do livreiro e sua capacidade de tecer teias sociais e, acima de tudo, de se relacionar bem.[61]

O marco fundador do departamento editorial da Livraria Martins foi o lançamento da Biblioteca Histórica Brasileira, dirigida pelo bibliófilo Rubens Borba de Moraes, então diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo. A *brasiliana*[62] da Livraria Martins reunia sob seu guarda-chuva relatos de viagem ou obras antigas que apresentavam o Brasil. Entre 1940 e 1952, foram publicados dezenove livros na Biblioteca, interrompida abruptamente sem que o vigésimo – *Diário de minha viagem ao Brasil*, do Príncipe Adalberto da Prússia, em tradução de Sérgio Buarque de Holanda – fosse lançado. Sérgio Milliet teve participação importante na *brasiliana*: traduziu *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Johann Moritz Rugendas; *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, de Jean Baptiste Débret; *Viagem à terra do Brasil*, de Jean de Lery; e, por fim, *História da Missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão [...]*, de Claude d'Abbeville.[63]

---

[60] Laurence Hallewell destaca que "para um editor que iniciava seu negócio sob o Estado Novo, o programa de José de Barros Martins talvez fosse notável mais pelo que *não* continha. Sua inabalável recusa em publicar o que quer que fosse favorável ao regime, ou à sua filosofia, era rotulada de 'subversiva' tanto quanto poderia ter sido a publicação de material contrário a ele". HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp, 2012. p. 556.

[61] Em 1950, a editora lançou o livro comemorativo intitulado *Dez anos de atividades editoriais*. Logo na abertura da obra, aparece um breve relato da festa de aniversário da editora e que mostra relances dessa capacidade de tecer relações sociais: "Essa homenagem constou de um almôço realizado nos salões do hotel Excelsior, no dia 4 de fevereiro de 1950. Saudaram o homenageado, o escritor José Geraldo Vieira, presidente da Associação Brasileira de Escritores, em nome de seus amigos; o professor Synesio Rocha, secretário do governo, em nome do governador Adhemar de Barros; o professor Odorico Pires Pinto, pela Universidade do Brasil; o dr. Moacyr Marcondes Guimarães, pelos colegas de turma da Faculdade de Direito de São Paulo e o gráfico José dos Santos, em nomes dos trabalhadores gráficos de São Paulo, tendo o editor José de Barros Martins agradecidos aos oradores". LIVRARIA MARTINS. *Dez anos de atividades editoriais*. São Paulo: Livraria Martins, 1950.

[62] Segundo o *Dicionário Aurélio*, a palavra "brasiliana" se refere a uma "coleção de livros, publicações, estudos, acerca do Brasil". Heloísa Pontes aponta que as coleções brasilianas respondiam o anseio de "desvendar, mapear, estudar e diagnosticar a realidade brasileira". Três grandes editoras se aventuraram, entre as décadas de 30 e 50, a organizar suas próprias brasilianas: a Companhia Editora Nacional (*Brasiliana*, de 1931); a Livraria José Olympio (*Documentos Brasileiros*, de 1936); e, por fim, a Livraria Martins (*Biblioteca Histórica Brasileira*, de 1940). Essas coleções, como os próprios nomes sugerem, refletem diferentes escolhas editoriais e, por conseguinte, diversos enfoques sobre o Brasil. Na coleção da Livraria José Olympio, por exemplo, foram lançados grandes ensaios interpretativos sobre a história brasileira, ao passo que na coleção de Livraria Martins foram publicadas apenas coleções de documentos ou livros escritos por viajantes que passaram pelo país entre os séculos XVI e XIX. PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das "Coleções Brasilianas", nas décadas de 1930, 40 e 50. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 56-89, 2. sem. 1988. p. 56.

[63] Maria Emília Melo e Cunha levantou o catálogo e índice da coleção. Essas informações foram publicadas na *Revista do Livro*, periódico oficial do Instituto Nacional do Livro (INL). Para mais, ver: CUNHA, Maria

A *brasiliana* da Livraria Martins tinha caráter documental. Pontes relembra que não foram publicados livros de análise sociológica durante todo o período de circulação dos Documentos Brasileiros, que acabou tendo como enfoque a publicação de biografias e memórias, história e, como já referido, ensaios interpretativos.[64] Outro nicho que começou a ser explorado pelas grandes editoras brasileiras foi o das análises sociológicas e dos estudos de comunidade que, segundo Pontes, "começaram a ser produzidos nos anos 40 devido à criação de cursos superiores de graduação em ciências sociais [...] e da articulação dessas instituições de ensino com pesquisadores estrangeiros, particularmente americanos e franceses".[65]

A Livraria Martins contribuiu para a construção desse novo campo de estudos com o lançamento, em 1943, da Biblioteca de Ciências Sociais. Dirigida por Donald Pierson, foram lançadas na coleção, durante os sete anos de sua existência, onze obras de antropologia e sociologia. Pierson recebeu pelo trabalho uma bolsa da Fundação Rockfeller, enquanto que o Departamento de Estado do governo estadunidense comprou quinhentas cópias de cada exemplar lançado para serem distribuídas às bibliotecas e aos estudiosos interessados.[66] Ambas as ações faziam parte da política de boa vizinhança levada a cabo pelo governo dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra.[67] A Biblioteca foi, em suma, o primeiro passo de um caminho que seria trilhado anos depois pela Zahar Editores em sua própria Biblioteca de Ciências Sociais.[68]

Emília Melo e. Catálogo e Índice da Biblioteca Histórica Brasileira (Livraria Martins Editora). *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 37, p. 151-164, 1969.

[64] PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das "Coleções Brasilianas", nas décadas de 1930, 40 e 50. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 56-89, 2. sem. 1988. p. 75.

[65] *Ibidem*, p. 75.

[66] PIERSON, Donald. [Entrevista]. *In*: CORRÊA, Mariza. *História da Antropologia no Brasil*: 1930–1960, testemunhos. São Paulo: Vértice; Campinas: Editora da Unicamp, 1987. p. 53.

[67] Como ressalta Antonio Pedro Tota em seu estudo sobre a relação entre o Brasil e os Estados Unidos na época da Segunda Guerra, após a entrada dos EUA no conflito, "cultura e propaganda passaram a ser consideradas materiais tão estratégicos como qualquer outro produto. A estabilidade política e social seria a melhor defesa de todo o continente". A Biblioteca de Ciências Sociais era uma forma sutil de dominação, pois traduzia e colocava à disposição de um grande número de pesquisadores a metodologia mais adequada de análise social, tentando evitar, assim, desvios que recaíssem em, para usar termo muito comum à época, "ideologias exóticas". Para mais, ver: TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 53.

[68] A coleção da Zahar Editores foi iniciada em 1957, momento no qual os cursos de Ciências Sociais avançavam no campo universitário brasileiro. Para mais, ver: AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A Zahar Editores e seu projeto editorial (1957-1970). *Livro*: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição, São Paulo, n. 6, p. 231-245, nov. 2016.

Ainda em 1943, a editora lançou a Coleção Mosaico, "constituída de obras contemporâneas brasileiras, em sua maioria de crítica literária, em volumes finos e pequeno formato".[69] Foi à Coleção Mosaico que Luís Martins se referiu ao comentar sobre o lançamento de "uma coleção do mesmo gênero" e "inspirada" na coletânea dirigida por ele, Milliet e De Plácido e Silva. Por quais motivos Martins viu tal semelhança entre as duas coleções? A escolha do nome pode revelar algumas informações acerca das estratégias editoriais adotadas pela empresa paulistana: a palavra *mosaico* deriva do grego *mousaikón* e significa "obra dedicada às musas"; o *mosaico* é, de maneira geral, uma técnica que consiste na produção de placas planas a partir da junção de materiais como cerâmica, pedra ou madeira, placas essas que tinham função alegórica ou decorativa. As obras lançadas na coleção traziam, na capa, um mosaico circular em estilo romano com a inscrição APRIUS, sendo dividida por uma figura feminina que aparenta ser a deusa Ceres.[70]

O Mosaico da Livraria Martins tinha esse sentido de conjunto de elementos justapostos, uma vez que a maioria das obras lançadas se tratava de coleções de escritos de intelectuais consagrados reunidos numa única brochura. A coleção foi inaugurada com a publicação de *Síntese do desenvolvimento literário do Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, e *O baile das quatro artes*, de Mário de Andrade. Posteriormente, foram lançadas obras de Augusto Meyer (*Prosa dos Pagos*), Roger Bastide (*A poesia afro-brasileira*), Sérgio Buarque de Holanda (*Cobra de vidro*), Afonso Arinos de Melo Franco (*Mar de Sargaços* e *Portulano*), Oswald de Andrade (*Ponta de Lança*), Antonio Candido (*Brigada Ligeira*) e Ruy Bloem (*Palmeiras no Litoral*). Os preços dos livros dessa coletânea variavam entre Cr$ 8,00 e Cr$ 12,00, ou seja, na mesma faixa de preços de outros livros de crítica publicados pela editora. Os cadernos azuis, que variavam entre Cr$ 3,00 e Cr$ 4,00, eram bem mais baratos do que os exemplares da empresa paulista.[71]

---

69 HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp, 2012. p. 554.

70 Na tradição latina, Ceres é a deusa protetora das colheitas, além de ser a deidade ligada à fertilidade. As festividades em homenagem à Ceres aconteciam em abril. Geralmente, é representada segurando uma cornucópia ou um cesto de frutas e espigas de trigo em uma das mãos e uma tocha ou foice na outra. Algumas vezes, uma de suas mãos permanece livre. Além disso, costuma ostentar um diadema de espigas de trigo. Alguns desses elementos aparecem no mosaico, o que leva a crer que seja mesmo Ceres. É provável que a imagem tenha sido colocada por puro valor ornamental, mas não deixa de ser interessante notar a preferência por uma deidade ligada ao conceito de fertilidade e, em última análise, de multiplicação. No caso da Livraria Martins, não uma multiplicação de grãos, mas de textos que comporiam o mosaico de escritos de autores consagrados.

71 *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 432, 1943-1944.

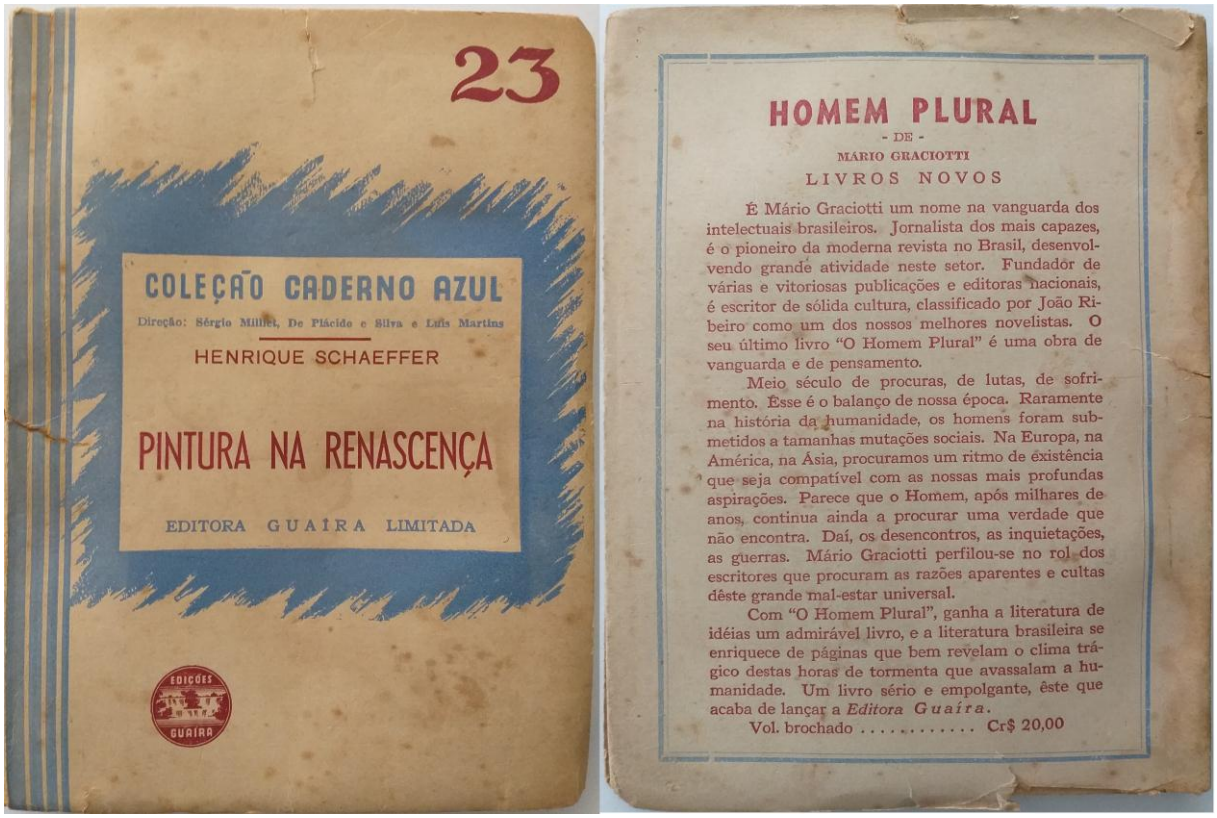
A Livraria Martins apostou em textos de crítica literária para enriquecer seu catálogo com autores consagrados justamente no momento em que se firmava como um polo de oposição ao Estado Novo. A Editora Guaíra, por seu turno, apostou em obras de gêneros diversos, contanto fossem prosas. Os resultados de ambas as coleções, Mosaico e Caderno Azul, aparentemente, foram mais simbólicos, como o enriquecimento do catálogo, do que financeiros.[72]

Idealizada por dois escritores renomados, Luís Martins e Sérgio Milliet, a Coleção Caderno Azul colocou em circulação textos (e conjuntos de textos) que, frequentemente, não eram publicados em livros. A Guaíra enriqueceu seu catálogo com alguns escritores consagrados e abriu espaço para a divulgação de diversos gêneros literários, como novelas, contos, ensaios e artigos acadêmicos. Mesmo após a saída dos diretores, a editora paranaense manteve contato com alguns dos intelectuais apresentados anteriormente e abriu espaço para publicação de outros escritores, dando continuidade ao projeto nos anos seguintes. Com isso, a Coleção Caderno Azul conseguiu enriquecer o catálogo da editora com obras que não demandavam tempo excessivo de preparação ou custos altos de impressão. Durante os primeiros anos, o pequeno formato dos livros esteve aliado ao baixo montante gasto com direitos autorais e o trabalho abnegado de Martins e Milliet, que não apenas selecionavam os títulos, mas também trabalhavam no diálogo com os autores e faziam o trabalho de revisão, aspectos que garantiam os preços acessíveis das edições e que parecem ter perdurado mesmo após a saída dos diretores. O número de títulos lançados, 31, e o tempo de sobrevivência da coleção, seis anos, mostram que a Guaíra conseguiu se acomodar com esse modelo de impressão e comercialização de livros de pequeno formato e baixo custo.

---

[72] Ao analisar a editora paulista, Hallewell aponta que "esses [livros] não tiveram boa vendagem; além do pequeno público para livros de crítica, as livrarias não demonstraram muito entusiasmo pela coleção devido ao pequeno tamanho dos livros (e, consequentemente, baixo preço)". HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp, 2012. p. 555.

Imagem 8 – Capa e contracapa de *Pintura na Renascença*[73]



Fonte: acervo pessoal.

[73] O projeto gráfico foi alterado durante a circulação da coleção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal contribuição deste trabalho foi apresentar a história e as coleções de livros publicadas pela Editora Guaíra Ltda., empresa curitibana fundada em 1939 e que atuou no mercado editorial brasileiro até meados dos anos 50. Com isso, buscou-se evidenciar as estratégias adotadas ao longo de mais de vinte anos de funcionamento da editora e como a Guaíra conseguiu reunir escritores de renome, em que pese não estar nos dois maiores centros comerciais e gráficos do Brasil à época, Rio de Janeiro e São Paulo.

No primeiro capítulo, foi elaborada uma linha temporal dos empreendimentos editoriais fundados e administrados pelo jurista Oscar Joseph de Plácido e Silva, desde a criação da *Gazeta do Povo*, em fevereiro de 1919, até a circulação da última edição da revista *Guaíra*, em novembro de 1955. Essa observação linear das tentativas de inserção do jurista curitibano em diversos campos da edição de textos impressos foi de suma importância para detectar os escritores que, de alguma forma, compuseram as redes de contatos sustentadas por De Plácido e Silva ao longo dos anos e que foram utilizadas tanto na edição de livros quanto na produção de conteúdo da revista *Guaíra*, último grande projeto da empresa. Além isso, foi realizado um levantamento de outros empreendimentos editoriais realizados na capital paranaense durante o período estudado. Por fim, foi trazida à luz a informação de que, ao contrário do que era defendido pela bibliografia consolidada sobre a editora, a Guaíra já havia encerrado suas atividades quando um incêndio consumiu, em fevereiro de 1961, sua antiga sede.

Os outros dois capítulos da dissertação foram dedicados a analisar duas coleções de livros lançadas pela Guaíra nos anos 40: a Estante Americana e a Caderno Azul. A análise da coleção Estante Americana pôs em relevo as idas e vindas de Jorge Amado pelo Brasil e pelo continente americano – quase sempre fugindo das perseguições e da censura perpetradas pelo regime varguista –, e os momentos e as temáticas da literatura hispano-americana publicada no Brasil. Com isso, foi possível oferecer contribuições à bibliografia sobre a circulação de textos ficcionais compostos por escritores hispano-americanos no país e situar a Guaíra nesse processo de divulgação. Já a coleção Caderno Azul foi analisada tendo como enfoque a troca de cartas entre os diretores da coleção, Sérgio Milliet e Luís Martins, e os representantes da editora. A partir das correspondências trocadas entre os diretores da coleção e Mário de Andrade, fomos capazes de acompanhar o processo de elaboração do primeiro caderno azul publicado pela Guaíra, *Música do Brasil*. Os documentos arquivados por esses agentes

permitiram uma observação mais profunda do funcionamento interno da editora e do processo de escolha de alguns dos livros da coleção.

A trajetória da Editora Guaíra ao longo de duas décadas mostra as tentativas de inserção de uma editora paranaense em um mercado dominado por empresas dos grandes centros editoriais do período e como ela se adaptou às mudanças das estruturas de mercado e do público consumidor até o seu fechamento, no alvorecer dos anos 60. Mostra também como a editora fundada por De Plácido e Silva assegurou o direito à publicação a alguns escritores perseguidos pela ditadura do Estado Novo, justamente no momento em que as portas da maioria das grandes casas editoriais encontravam-se fechadas aos dissidentes do regime. Essa abertura à publicação permitiu a continuidade da carreira de alguns dos autores que foram estudados ao longo desta pesquisa: Luís Martins se reinventou ao deixar as temáticas urbanas do Rio de Janeiro para investigar o drama gerado pela decadência da produção cafeeira em São Paulo; Mário de Andrade deu nova vida, quando se encontrava "exilado" na Capital Federal, aos artigos sobre a música brasileira editados anteriormente em revistas acadêmicas e Jorge Amado fez com que as discussões sobre as questões fundiárias, iniciadas em *Cacau*, permanecessem vivas junto aos admiradores de sua obra que tiveram acesso à tradução de *Dona Bárbara*. Novos escritores e gêneros nem sempre tão valorizados, como o conto, também tiveram sua vez na Guaíra, fazendo com que o publico leitor brasileiro tivesse contato com textos que, do contrário, poderiam ter sido esquecidos nas gavetas de seus autores – à mercê das intempéries da vida e da crítica implacável do tempo. Isso foi possível graças ao tino comercial de Oscar Joseph de Plácido e Silva, que não apenas deu vida ao projeto, mas conseguiu assegurar sua continuidade em meio às adversidades relatadas ao longo desta pesquisa.

É certo que a Guaíra não foi um caso único e que existiram outras tantas editoras de vida breve ou regionais espalhadas pelo Brasil e que ainda não foram pesquisadas. O estudo dessas empresas é de suma importância para a construção de uma História do Livro mais plural e diversa. Esperamos que esta pesquisa sirva como contribuição à História do Livro e à História da Edição e que fomente novos trabalhos acerca das editoras e das coleções de livros.

REFERÊNCIAS

- **Arquivos e bibliotecas consultados**

Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, MG
Biblioteca Florestan Fernandes, São Paulo, SP
Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, SP
Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, PR
Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, RJ
Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, SP

- **Periódicos consultados**

A Impressora: hebdomadário comercial, Curitiba, PR
A Manhã, Rio de Janeiro, RJ
Anuário Brasileiro de Literatura, Rio de janeiro, RJ
A República: Órgão do Partido Republicano Paranaense, Curitiba, PR
Aspectos: mensário de letras, artes, sciencias, política, Rio de Janeiro, RJ
Carioca, Rio de Janeiro, RJ
Commercio do Paraná, Curitiba, PR
Correio Paulistano, São Paulo, SP
Diário da Tarde, Curitiba, PR
Dom Casmurro, Rio de Janeiro, RJ
Diretrizes, Rio de Janeiro, RJ
Gazeta do Povo, Curitiba, PR
Guaíra, Curitiba, PR
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, RJ
Jornal do Comércio, Manaus, AM
Jornal do Commercio, Curitiba, PR
Leitura, Rio de Janeiro, RJ
Marcha, Montevidéu, URU
O Combate, São Luís, MA
O Dia, Curitiba, PR
O Estado de S. Paulo, São Paulo, SP
Para todos, Rio de Janeiro, RJ, e São Paulo, SP
Repertorio Americano, San José, CRC
Revista do Brasil, São Paulo, SP
Última Hora, Curitiba, PR
União e Trabalho: Orgam da Associação Curitybana dos Empregados no Commercio, Curitiba, PR
Vamos Ler!, Rio de Janeiro, RJ
Verbum, Buenos Aires, ARG

- **Bibliografia**

- **Livros:**

AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado*: uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018.

AIRA, César. *Diccionario de autores latinoamericanos*. Buenos Aires: Emecé, 2001.

AMADO, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas por Raúl Antelo. Salvador: FCJA, 2001.

AMORIM, Sônia Maria de. *Em busca de um tempo perdido*: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp, 2000.

ANDRADE, Mário de. *Música do Brasil*. Curitiba: Guaíra, 1941.

BARLETTA, Leónidas. *Royal Circo*. Buenos Aires: Deucalion, 1956.

BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo: Edusp: Duas Cidades, 1997. (Coleção Críticas Poéticas, 5).

BERABA, Ana Luísa. *América aracnídea*: teias culturais interamericanas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BÓIA, Wilson. *Ensaio De Plácido e Silva*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2002.

BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema*: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Editora FGV; Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001.

BOMENY, Helena. *Um poeta na política*: Mário de Andrade, paixão e compromisso. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Intelectuales, política y poder*. Tradução de Alicia Gutiérrez. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BROCA, Brito. *Americanos.* Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2015.

CARNASCIALI, Juril. *De Plácido e Silva, o iluminado*. Curitiba: Oficina de Letras, 2000.

CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975.

CARONE, Edgard. *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xama, 2004.

CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil*: das origens a 1964. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade*: exílio no Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COLUMBIA, Previsto Gonçalves da Fonseca. *O sertanejo Joaquim Francisco Lopes*. Curitiba: Typographia da Viúva & Filhos de Cândido Martins Lopes, 1878. (Série Galeria da Província do Paraná, Homens Notáveis, 1).

CORRÊA, Mariza. *História da Antropologia no Brasil*: 1930-1960, testemunhos. São Paulo: Vértice; Campinas: Editora da Unicamp, 1987.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução*: o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DARNTON, Robert. *Censores em ação*: como os Estados influenciaram a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington*: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Edição e Revolução*: leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DEAECTO, Marisa Midori. *O império dos livros*: instituições e práticas de leitura na São Paulo Oitocentista. São Paulo: Edusp, 2011.

DENIPOTI, Cláudio. *A sedução da leitura*: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930). Porto Alegre: Fi, 2018.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec: Secretaria Municipal de Cultura, 1985.

ERMAKOFF, George (org.). *Dicionário biográfico ilustrado de personalidades da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Editorial, 2012.

GALLEGOS, Rómulo. *Dona Bárbara*. Curitiba: Guaíra, 1940.

GOMIDE, Bruno Barreto. *Dostoiévski na Rua do Ouvidor*. A Literatura Russa e o Estado Novo. São Paulo: Edusp: FAPESP, 2018.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp, 2012.

ICAZA, Jorge. *Huasipungo*. Curitiba: Guaíra, 1941.

JONES, Willis Knapp. *Behind Spanish American Footlights*. Austin: University of Texas Press, 1966.

LENIN, Vladimir. *O capitalismo de Estado e o imposto em espécie*. Curitiba: Guaíra, [1945?].

LIEBMAN, Joshua Loth. *Paz de Espírito*. Curitiba: Guaíra, [c. 1949].

LIVRARIA MARTINS. *Dez anos de atividades editoriais.* São Paulo: Livraria Martins, 1950.

MACHADO, Ubiratan. *A capa do livro brasileiro*: 1820-1950. São Paulo: SESI-SP Editora; Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

MACHADO, Ubiratan. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: Edusp, 2012.

MACHADO, Ubiratan. *Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

MARTINS, Luís. *Um bom sujeito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MICELI, Sergio. *Sonhos da Periferia*. São Paulo: Todavia, 2018.

MILTON, John. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru: EDUSC, 2002.

MIRANDA, Wander Mello (org.). *Arquivos Literários*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade*: cartas 1924-1944. São Paulo: Global, 2010.

OLIVERO, Isabelle. *L'Invention de la collection*: de la diffusion de la littérature et des savoirs à la formation du citoyen au XIX e siècle. Paris: Éditions de L'IMEC, 1999.

OREGGIONI, Alberto (org.). *Nuevo diccionario de literatura uruguaya*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 2001.

PAIXÃO, Fernando; MIRA, Maria Celeste (coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.

PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: IHGEP, 1976.

PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Editora FGV, 2000.

SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha*: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001.

SILVEIRA PEIXOTO, José Benedicto. *Falam os escritores*: segunda série. Curitiba: Guaíra, 1941.

SOMMER, Doris. *Ficções de Fundação*: os romances nacionais da América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas*: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2010.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil*: una antropología de la circulación internacional de ideas. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

SARLO, Beatriz. *El imperio de los sentimientos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica*: Buenos Aires 1920 e 1930. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TAVARES, Paulo. *O baiano Jorge Amado e a sua obra*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

TODOROV, Tzvetan. *A beleza salvará o mundo.* Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *Editora Globo*: uma aventura editorial no Brasil dos anos 30 e 40. São Paulo: Edusp, 1999.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*: pequeno retrato em que o pintor também aparece. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- **Capítulos de livros:**

BAGGIO, Kátia Gerab. A *Revista Americana* (1909-1919) e as relações entre as Américas. *In*: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Política, nação e edição*: Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume, 2006.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. *In*: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017. p. 219-240.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *In*: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

CODATO, Adriano; KIELLER, Márcio. A elite dos comunistas e sua história no Paraná. *In*: CODATO, Adriano; KIELLER, Márcio (org.). *Velhos Vermelhos*. História e memórias dos dirigentes comunistas no Paraná. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 27-59.

GALEANO, Eduardo. Enrique Amorim. *In*: OREGGIONI, Alberto (org.). *Novo diccionario de literatura uruguaya*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 2001. p. 37-38.

MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (org.*). O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-221.

PAGANO, Adriana Silvana. Políticas de interação cultural na América Latina: a tradução no diálogo Brasil-Argentina. *In*: MACIEL, Maria Esther; OLIVEIRA, Paulo Motta; ÁVILA, Myriam (org.). *América em movimento*: ensaios sobre literatura latino-americana do século XX. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. p. 15-32.

PIETRO, René. The literature of Indigenismo. *In*: ECHEVARRÍA, Roberto González; PUPO-WALKER, Enrique (ed.). *The Cambridge history of Latin American literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. v. 2: The Twentieth Century. p. 138-163.

PINTO NETTO, Heloísa Sousa. Monteiro Lobato e o intercâmbio literário com sul-americanos: correspondências com Manuel Gálvez e Horacio Quiroga. *In*: REGAZZONI, Susana; CACERE, Fabíola (org.). *America*: il racconto di um continente. Veneza: Edizioni Ca'Foscari, 2019. v. 1. p. 171-196.

RAMOS, Graciliano. Justificação de voto. *In*: RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*: obra póstuma. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 143-147.

RATCLIFF, Dillwyn. Doña Bárbara. *In*: BERMÚDEZ, Manuel (org.). *Doña Bárbara ante la crítica*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1991. p. 51-60.

- **Dissertações e tese:**

BOGUSZEWSKI, José Humberto. *Uma história cultural da erva-mate*: o alimento e suas representações. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

DULCI, Tereza Maria Spyer. *As Conferências Pan-Americanas*: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928). 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

IORIO, Regina Elena Saboia. *Intrigas & Novelas*: literatos e literatura em Curitiba na década de 1920. 2004. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

KARAM, Sérgio Bandeira. *A tradução de literatura hispano-americana no Brasil*: um capítulo da História da Literatura Brasileira. 2016. 268 f. Dissertação (Mestrado em Literatura

Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ROMANOVSKI, Natália. *Um grupo abstrato*: cultura, geração e ambições modernas na revista Joaquim. 2014. 238 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

- **Artigos em periódicos, jornais, anais e sites:**

ABARCA, Enrique Mallea. El caballo y su sombra. *Marcha*, Montevidéu, n. 120, p. 19, 19 dez. 1941.

AMADO, Jorge. Rómulo Gallegos, há algo de comum entre os romancistas da América? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 54, 15 jun. 1974. Livro: Guia quinzenal de idéias e publicações, p. 7.

AMARAL, Adriana Facina Gurgel do. Uma Enciclopédia à brasileira: o projeto ilustrado de Mário de Andrade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 393-418, dez. 1999.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A Zahar Editores e seu projeto editorial (1957-1970). *Livro:* Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição, São Paulo, n. 6, p. 231-245, nov. 2016.

BOSCHILIA, Roseli. O cotidiano de Curitiba durante a II Guerra Mundial. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, Curitiba, v. 22, n. 107, out. 1995.

BOSCHILIA, Roseli. Rua XV e o comércio no início do século. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, Curitiba, v. 23, n. 113, nov. 1996.

BUFREM, Leilah Santiago. A Editora Guaíra: contribuições ao debate. *In*: SIMPÓSIO HISTÓRIA DA LITERATURA NO PALÁCIO: 1890/1900. PRÉ E PÓS-MODERNIDADE, 1., 1995, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Associação Cultural Avelino A. Vieira. p. 69-80.

CUNHA, Maria Emília Melo e. Catálogo e Índice da Biblioteca Histórica Brasileira (Livraria Martins Editora). *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 37, p. 151-164, 1969.

DARNTON, Robert. “What is the history of books?” revisited. *Modern Intellectual History*, Cambridge, v. 4, n. 3, p. 495-508, 2007.

KAMINSKI, Rosane. O belo efêmero, o gosto brejeiro: imagens da via fugidia nas revistas curitibanas (1910-1920). *Revistas Curitibanas*: 1900-1920, Curitiba, p. 1-32, abr. 2010. Disponível em: http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos.php. Acesso em: 12 jun. 2020.

LUIZ Martins fala de uma idéia feliz. [Entrevista concedida à] *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, n. 303, p. 34; 63, 21 maio 1942.

MARTINS, Wilson. Renascenças Curitibanas. *Gazeta do Povo*, 8 set. 1997. Disponível em: http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins025.html. Acesso em: 11 abr. 2020.

MEÑACH, Jorge. Una gran novela americana. *Repertorio Americano,* San José, tomo XIX, n. 4, p. 56-63, 27 jul. 1929. Acervo Biblioteca Electronica Scriptorium da Universidad Nacional de Costa Rica.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. Inquérito literário sul-americano. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, v. XXIII, n. 91, p. 193-205, jul. 1923.

PINTO, Rui Cavallin. A Rua XV de Novembro – Patrimônio Cultural do Estado. *Memorial*, Ministério Público do Paraná, Curitiba. Disponível em: http://www.memorial.mpprmp.br/pagina-38.html. Acesso em: 11 abr. 2020.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das "Coleções Brasilianas", nas décadas de 1930, 40 e 50. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 56-89, 2. sem. 1988.

REFULIA, Rodrigo. Uma "arqueologia do boom" na Estante Americana, da Guaíra: romances hispano-americanos publicados por Jorge Amado e De Plácido e Silva. *Amoxtli*, Santiago, ano 1, n. 2, p. 1-17, 1. sem. 2019.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Novos meridianos da produção editorial em castelhano: o papel de espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, p. 386-398, jul./dez. 2007.

SOARES, Gabriela Pellegrino; PINTO, Júlio Pimentel. A América Latina no universo das edições brasileiras. *Diálogos*, Maringá, v. 8, n. 2, p. 133-151, 2004.

- **Legislação:**

BRASIL. Decreto n. 3.708, de 10 de janeiro de 1919. Regula a constituição de sociedades por quotas, de responsabilidade limitada. *Coleção das leis do Brasil*. v. 1, p. 154, 1919. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dpl/DPL3708-1919.htm. Acesso em: 10 jun. 2020.

- **Portal eletrônico:**

UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. *Biblioteca Digital de Autores Uruguayos*. Montevidéu, 2004. Disponível em: http://www.archivodeprensa.edu.uy/template/index.html. Acesso em: 21 nov. 2018.

- **Créditos das imagens**

Imagem 1 – Fachada da Livraria Econômica, em 1916
Propaganda da Livraria Econômica
Revista do Povo, Curitiba, ano 1, n. 2, 15 nov. 1916
Fotografia não creditada
Fonte: *Revistas Curitibanas*: 1900-1920
Disponível em: http://www.revistascuritibanas.ufpr.br

Imagem 2 – "O Paraná que eu vi"
A Manhã, Rio de Janeiro, ano 1, n. 104, p. 10, 7 dez. 1941
Fotografias não creditadas
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira
Disponível em: http://bndigital.bn.gov.br/

Imagem 3 – Capa da primeira edição da revista *Guaíra*, de fevereiro de 1949
Guaíra, ano 1, n. 1, fev. 1949
Fotografia não creditada
Fonte: acervo da Biblioteca Pública do Paraná

Imagem 4 – Capa da edição brasileira de *Doña Barbara*
Título do livro: *Dona Bárbara (Doña Barbara)*
Autor: Romulo Gallegos
Tradutor: Jorge Amado
Coleção Estante Americana, n. 1, 1940
Imagem de capa: assinatura ilegível
Dimensões do livro: 18,8 cm x 13,8 cm
Fonte: acervo pessoal

Imagem 5 – Capa e contracapa da edição brasileira de *Huasipungo*
Título do livro: *Huasipungo (Huasipungo)*
Autor: Jorge Icaza
Tradutor: Oscar Joseph de Plácido e Silva
Coleção Estante Americana, n. 2, 1941
Capa não creditada
Dimensões do livro: 18,8 cm x 13,6 cm
Fonte: acervo pessoal

Imagem 6 – Capa da edição brasileira de *El caballo y su sombra*
Título do livro: *O cavalo e a sombra dele (El caballo y su sombra)*
Autor: Enrique Amorim
Tradutor: não creditado
Revisão: Silveira Peixoto
Coleção Estante Americana, n. 6, 194-
Capa: Carlos Klanke
Dimensões do livro: 18,5 cm x 13,5 cm
Fonte: acervo pessoal

Imagem 7 – Capa e contracapa de *Música do Brasil*
Autor: Mário de Andrade

Desenho de Portinari
Coleção Caderno Azul, n. 1, 1941
Projeto gráfico não creditado
Fonte: acervo da Coleção Alexandre Eulálio/ Biblioteca Central Cesar Lattes - Unicamp

Imagem 8 – Capa e contracapa de *Pintura na Renascença*
Autor: Henrique Schaeffer
Coleção Caderno Azul, n. 23, 1945
Projeto gráfico não creditado
Fonte: acervo pessoal

APÊNDICE A – CATÁLOGO DA EDITORA GUAÍRA[1]

(continua)

Autor(a)	Título	Ano	Coleção
ANDRADE, Mário de	*Música do Brasil*	1941	Caderno Azul
BASTIDE, Roger	*Psicanálise do cafuné e estudos de sociologia estética brasileira*	1941	Caderno Azul
NEME, Mário	*Donana Sofredora*	1941	Caderno Azul
MILLIET, Sérgio	*Duas cartas no meu destino*	1941	Caderno Azul
PÁDUA, Ciro T. de	*O homem e a técnica*: ensaio sobre as ideias de Spengler e Ortega Y Gasset	1942	Caderno Azul
PIERSON, Donald	*O candomblé da Baía*	1942	Caderno Azul
MARTINS, Luís	*Arte e polêmica*	1942	Caderno Azul
CHAVES, Luiz Guimarães	*A posição dos Estados Unidos no equilíbrio econômico e político do século XX*	1942	Caderno Azul
LESSA, Elsie	*Enfermaria de 3.a*: contos	1942	Caderno Azul
PÁDUA, Ciro T. de	*O dialeto brasileiro*: (ensaio de filologia e sociologia sobre a língua falada no Brasil)	1942	Caderno Azul
PONTES, Eloy	*Romancistas*	1942	Caderno Azul
CAVALHEIRO, Edgar	*Biografias e biógrafos*	1943	Caderno Azul
DORNAS FILHO, João	*A influência social do negro brasileiro*	1943	Caderno Azul
QUEIROZ, Amadeu de	*Sabina*	1943	Caderno Azul
BRITO BROCA, José	*Americanos*	1944	Caderno Azul
SÁNCHEZ-SÁEZ, Braulio	*Plásticos amigos*: (artes rio-platenses contemporâneas)	1944	Caderno Azul
DONATO, Mário	*As cigarras emigram*	1944	Caderno Azul
MOREIRA, Álvaro	*Porta aberta*	1944	Caderno Azul
ABREU, Brício de	*De braços abertos para a França*	1945	Caderno Azul
SILVEIRA PEIXOTO, José Benedicto	*Papai Noel é muito adulador!*	1945	Caderno Azul
DORNAS FILHO, João	*Eça e Camilo*	1945	Caderno Azul
DANTAS, Raymundo Souza	*Agonia*	1945	Caderno Azul
SCHAEFFER, Henrique	*A pintura na Renascença*	1945	Caderno Azul
BASTIDE, Roger	*Poetas do Brasil*	1946	Caderno Azul

[1] O catálogo que se segue foi elaborado respeitando a divisão das coleções lançadas pela editora ao longo de seus anos de atuação. A maioria dos títulos foi obtida nas próprias orelhas dos livros da Guaíra e na revista da editora. Outros títulos foram obtidos a partir de buscas nos acervos nas bibliotecas, em especial no catálogo da Biblioteca Pública do Paraná. Alguns livros não indicavam a coleção da qual faziam parte ou eram trabalhos gráficos realizados para terceiros. Essas obras foram reunidas em uma mesma seção deste catálogo.

APÊNDICE A – CATÁLOGO DA EDITORA GUAÍRA

(continuação)

Autor(a)	Título	Ano	Coleção
MARTINS, Alfredo Romário	*Bandeiras e bandeirantes em terras do Paraná, 1532-1839*	1946	Caderno Azul
GUERIOS, José Farani Mansur	*Doutrina de Guerra*	1946	Caderno Azul
BUCICH, Antonio Juan	*Em pós de Eça de Queiroz*	[ca. 1946]	Caderno Azul
NEME, Mário	*Estudinhos brasileiros*	[ca. 1946]	Caderno Azul
FERREIRA, Tito Lívio	*Abrasileiramento do brasileiro*	1947	Caderno Azul
SÁNCHEZ-SÁEZ, Braulio	*Imaginária*: aspectos da arte espanhola e suas influências	[ca. 1947]	Caderno Azul
DORNAS FILHO, João	*António Torres*	[ca. 1947]	Caderno Azul
LENIN, Vladimir	*O capitalismo de Estado e o imposto em espécie*	1945	Est. do Pensamento Social
BUKHARIN, Nikolai	*ABC do Comunismo*	1945	Est. do Pensamento Social
GEORGE, Henry	*A condição do trabalho*	[ca. 1945]	Est. do Pensamento Social
KOLONTAI, Alexandra	*A nova mulher e a moral sexual*	[ca. 1945]	Est. do Pensamento Social
LENIN, Vladimir	*O Estado e a revolução*: o que ensina o marxismo sobre o estado e o papel do proletariado	[ca. 1946]	Est. do Pensamento Social
MARX, Karl	*A origem do capital*	1946	Est. do Pensamento Social
MARX, Karl	*Salários, preços e lucros*	1946	Est. do Pensamento Social
KAUTSKY, Karl; LENIN, Vladimir; LUXEMBURGO, Rosa; PLEKHANOV, Gueorgi	*O Marxismo*	[ca. 1946]	Est. do Pensamento Social
ENGELS, Friedrich	*O cristianismo primitivo*	s. d.	Est. do Pensamento Social
HENRI, Lucien	*As origens da religião*	[ca. 1947]	Est. do Pensamento Social
ENGELS, Friedrich	*Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*	[ca. 1948]	Est. do Pensamento Social
GALLEGOS, Romulo	*Dona Bárbara*	1940	Estante Americana
ICAZA, Jorge	*Huasipungo*	1941	Estante Americana
DOS PASSOS, John	*Paralelo 42*	1944	Estante Americana
DOS PASSOS, John	*1919*	1945	Estante Americana
DOS PASSOS, John	*Dinheiro Graúdo*	1945	Estante Americana
AMORIM, Enrique	*O cavalo e a sombra dele*	1946	Estante Americana
DOS PASSOS, John	*3 soldados*	1946	Estante Americana

APÊNDICE A – CATÁLOGO DA EDITORA GUAÍRA

(continuação)

Autor(a)	Título	Ano	Coleção
LIEBMAN, Joshua Loth	*Paz de espírito*	[ca. 1949]	Estante Americana
DOS PASSOS, John	*Manhattan transfer*	[ca. 1949]	Estante Americana
DOS PASSOS, John	*Aventuras de um comunista*	[ca. 1950]	Estante Americana
SANTOS, José Nicolau dos	*Elementos de Estatística*	1940	Estudos Sociais e Técnicos
MARTINS, Arídio	*Peritos e perícias médico-legais*	1940	Estudos Sociais e Técnicos
LIMA, João Anatólio	*Questões da Gleba*	1940	Estudos Sociais e Técnicos
ALMEIDA, José de	*Metodologia das Ciências Físicas e Naturais*	1940	Estudos Sociais e Técnicos
PIMPÃO, Hirosê	*Despedida injusta*	1941	Estudos Sociais e Técnicos
CARTAXO, Ernani Guarita	*Custas Judiciais*	1941	Estudos Sociais e Técnicos
SECUNDINO, Ilnah	*A mulher e o divórcio*	1941	Estudos Sociais e Técnicos
LUZ FILHO, Fábio	*Rumo à Terra: aspectos do problema agrário*	1942	Estudos Sociais e Técnicos
GOMES, Plácido	*Manual de enfermagem* – os feridos e seu tratamento	1942	Estudos Sociais e Técnicos
FRANCO SOBRINHO, Manoel de Oliveira	*Desapropriação por utilidade pública*	1942	Estudos Sociais e Técnicos
SILVA, Aryon Niepce	*O ensino comercial no Brasil*	1942	Estudos Sociais e Técnicos
SANTOS, José Nicolau dos	*Fundamentos jurídicos de transformação dos Estados*	1943	Estudos Sociais e Técnicos
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Comentários ao código de Processo Civil*. 4 v.	1940	Coleção Jurídica
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Caixas Econômicas e operações bancárias*	s. d.	Coleção Jurídica
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Tratado do Mandato e prática das procurações*	s. d.	Coleção Jurídica
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Noções de finanças e Direito Fiscal*	1941	Coleção Jurídica
AMARAL, Luís	*Evolução do Direito Social*	1941	Coleção Jurídica
ZICARELLI FILHO	*Investigação da paternidade natural*	1941	Coleção Jurídica
FERNANDES, Adauto	*Direito industrial brasileiro*	1942	Coleção Jurídica
RIBEIRO PONTES	*Código Penal Brasileiro* (comentários). 2 v.	1940	Coleção Jurídica
RAITANI, Francisco	*Prática de Processo Civil*	1943	Coleção Jurídica
CARTAXO, Ernani Guarita	*As pessoas jurídicas em suas origens romanas*	1943	Coleção Jurídica
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Noções práticas de Direito Comercial*	1944	Coleção Jurídica
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Normas jurídicas na contabilidade*	1944	Coleção Jurídica
WADEN, Carlos de Bonhomme Seymour	*Despedida justa*	1944	Coleção Jurídica

APÊNDICE A – CATÁLOGO DA EDITORA GUAÍRA

(continuação)

Autor(a)	Título	Ano	Coleção
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Alterações da lei processual*	s. d.	Coleção Jurídica
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Técnica forense e prática processual*. 2 v.	s. d.	Coleção Jurídica
MAGALHÃES, Délio	*Polícia judiciária e o novo Código de Processo Penal*	1945	Coleção Jurídica
CARTAXO, Ernani Guarita	*No juízo da Fazenda Pública* (decisões)	1945	Coleção Jurídica
ARRUDA CÂMARA	*Curso de Direito Internacional*	s. d.	Coleção Jurídica
MELO, Roque Gadelha de	*Teoria e prática do Processo Fiscal*	1946	Coleção Jurídica
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Histórias do Macambira*	1939	Contos Nacionais
DIAS DA COSTA, Júlio	*Canção do bêco*	s. d.	Contos Nacionais
SILVEIRA, Joel	*Onda raivosa*	s. d.	Contos Nacionais
SILVEIRA, Joel	*Roteiro de margarida*	1940	Contos Nacionais
DORNAS FILHO, João	*Bagana Apagada*	1940	Contos Nacionais
BORGES, José Carlos Cavalcanti	*Neblina*	1940	Contos Nacionais
MARTINS, Romário	*Paiquerê*: mitos e lendas – visões e aspectos	1940	Contos Nacionais
VERGARA, Telmo	*Histórias dos irmãos sol*	1940	Contos Nacionais
TAVARES FRANCO	*Renúncia*	1941	Contos
MARQUES, Gabriel	*Carne vil*	1944	Contos
SETTE, Mário	*Onde os avós passaram* – conversas em redor da História e de Histórias	1946	Contos
MACHADO, Leão	*Espigão de Samambaia*	1940	Romances Nacionais
WANDERLEY, Allyrio Meira	*Bolsos Vazios*	1940	Romances Nacionais
DE PLÁCIDO E SILVA, Oscar Joseph	*Ódios da Cidade*	1940	Romances Nacionais
ASFÓRA, Permínio	*Sapé*	1940	Romances Nacionais
ALVES, Oswaldo	*Um homem dentro do mundo*	1940	Romances Nacionais
MARTINS, Luís	*Fazenda* (Drama da decadência do café)	1940	Romances Nacionais
CASTRO E SILVA	*Classe média*	[ca. 1946]	Romances
LEAL, Alberto	*Cais de Santos*	s. d.	Romances
GRACIOTTI, Mário	*Homem plural* (ex-romance)	1946	Romances
ALBUQUERQUE, Luís Silva e	*Seis destinos embalados pelo amor*	1948	Romances

APÊNDICE A – CATÁLOGO DA EDITORA GUAÍRA

(continuação)

Autor(a)	Título	Ano	Coleção
MARTINS, Romário	*História do Paraná*	1939	Estante Guairacá
GONÇALVES FERNANDES, Albino	*Sincretismo religioso no Brasil*	1941	Estante Guairacá
DORNAS FILHO, João	*Apontamentos para a História da República*	1941	Estante Guairacá
NUNES PEREIRA, Altamirano	*Aspectos meridionais do Brasil*	1942	Estante Guairacá
AMORIM NETO	*Amazônia bruta*	[ca. 1950]	Estante Guairacá
SCOTT, Walter	*Uma lenda de Montrose*	[ca. 1940]	Grandes Romances
DUHAMEL, Georges	*Confissão de meia-noite*	[ca. 1940]	Grandes Romances
MALRAUX, André	*A esperança*	1940	Grandes Romances
GASTALDI, Santiago	*Vida e obra de Balzac*	1940	Estante de Biografias
CASTRO E SILVA, Demócrito de	*Augusto dos Anjos* – poeta da morte e da melancolia	1941	Estante de Biografias
SILVEIRA PEIXOTO, José Benedicto	*A tormenta que Prudente de Morais venceu*	1942	Estante de Biografias
SILVEIRA PEIXOTO, Jose Benedicto	*Falam os escritores*	1941	Estante de Biografias
CARNEIRO, David	*Duas histórias em três vidas*	s. d.	Estante de Biografias
MAGALHÃES, Amilcar A. Botelho de	*Rondon – uma relíquia da pátria*	1942	Estante de Biografias
ORCIOULI, Enrique	*Bilac* – vida e obra	1944	Estante de Biografias
BARBUY, Heraldo	*A vida espetacular de Mirabeau*	s. d.	Estante de Biografias
RUBENS, Carlos	*Andersen* - pai da pintura paranaense	s. d.	Estante de Biografias
MACEDO, Luis Carlos Borges de	*O meu livro*	1940	Estante Infantil
LEAL, Alberto	*A fada dos cabelos luminosos*	1945	Estante Infantil
LEAL, Alberto	*Contos da terra paulista*	1945	Estante Infantil
MARQUES REBELO [pseudônimo de Eddy Dias da Cruz]	*Rua Alegre, 12*	1940	Poesia e Teatro
ROMERO, Abelardo	*Vozes da América*	1941	Poesia e Teatro
CABRAL, Oswaldo R.	*Terra da liberdade* – impressões da América	1944	Crônicas, ensaios e viagens
SINZIG, Pedro	*De automóvel para o céu*: monólogos e leituras	1944	Crônicas, ensaios e viagens

APÊNDICE A – CATÁLOGO DA EDITORA GUAÍRA

Livros sem coleção definida/impressão de livros para terceiros

(continuação)

Autor(a)	Título	Ano	Coleção
BUHRER, Nilton Emílio	*Práticas de química orgânica*	1939	Sem coleção definida
BACILA, Antonio	*Drama do mate*	1940	Sem coleção definida
FRANCO SOBRINHO, Manoel de Oliveira	*Os serviços de utilidade pública*	1940	
MICHAELE, Farís Antônio S.	*Ensaios contemporâneos* (Ciência e Filosofia)	1940	
LEÃO, Inaura Carneiro	*Sonhos e realidades*	1941	
KARAM, Elias	*Primado do espírito*	1942	
PONTES, Ribeiro	*Código penal* – comentários	1942	
FONSECA, Didi	*Dentinho de ouro*	1945	
-	*Estatutos do Clube Curitibano*	1945	
-	*Orçamento do estado do Paraná para o exército de 1946*	1945	
ANDRADE MURICY, José Cândido de	*Caminho de Música*	[ca. 1946]	Sem coleção definida
GASTALDI, J. Petrelli	*Elementos de economia política*	[ca. 1946]	
CARDOSO, Alfredo Luiz	*Uma garota curitibana*	1946	
AMARAL FILHO, Victor Ferreira do	*Introdução ao parto*: método de Aburel	1946	
COELHO JÚNIOR, Carlos	*Pelas selvas e rios do Paraná*	1946	Sem coleção definida
MAGALHÃES, Délio	*Regime dos salários no direito do trabalho*	1946	
CAMARGO, Mary	*Turmalina*: sonetos	1946	
MACIEL JUNIOR, Erico	*O divórcio* – estudo biológico, sociológico e jurídico	1946	
VELLOSO, Dario	*No jardim do templo* (do horto de Lisis)	1946	
CARTAXO, Ernani Guarita	*História e educação* (folheto)	1946	
MIRANDA, Ruy	*A sífilis*	1946	
CAMARGO, Rogério de	*O sombreamento na cultura cafeeira*	1946	
TEIXEIRA, Napoleão	*O suicídio*	1947	Sem coleção definida
RUSSOMANO, Mozart Victor	*Aspectos do Direito do Trabalho* – Estudos	1947	
-	*Orçamento da receita e da despesa para o exercício de 1947*	1947	
BONDESAN, Altino	*Um pracinha paulista no inferno de Hitler*	[ca. 1948]	Sem coleção definida
RODRIGO JÚNIOR	*Sombras chinesas*: poesias	1948	

APÊNDICE A – CATÁLOGO DA EDITORA GUAÍRA

(continuação)

Autor(a)	Título	Ano	Coleção
GUMY, José Augusto	*Pedaços de coração*	1948	
ARRUDA, Brenno	*Mandado de segurança*	1948	
FRANCO, Francisco Tavares	*Luta*	1948	
VELLOSO, Dario	*Lições de história*	1948	
TEIXEIRA, Napoleão	*Do direito de tratar*: estudo de deontologia médica	1948	
CHAMECKI, Samuel	*Cálculo*: no regime de ruptura das lajes de concreto armadas em cruz	1948	
LOPES, Frei Roberto B.	*Cancioneiro de Dona Pobreza*	1948	
TREVISAN, Dalton	*Sete anos de pastor*	1948	Edições Joaquim
CARTAXO, Ernani Guarita	*Fatos do passado e do presente* (folhetos)	1948	
ALMIRO, Affonso	*Técnica orçamentária* (estudos)	[ca. 1949]	
BARROS CASSAL	*Distância* – velhos poemas	1949	
RIBAS, Emília Dantas	*A primavera voltará*	1949	
GAISSLER, Arthur de Souza	*Palinodia do homem forte*: pequeno poema em defeza de Anthero	1949	
MELLO, Herminio de	*Absolvição liminar pela legítima defesa*	1949	
-	*PLANO Hidro-elétrico Paranaense Moyses Lupion*	1949	
-	*CAMPO do Mourão*: histórico elucidativo da posse pacífica e sem interrupção, ou possíveis contestações de Jorge Walter e Filhos no imóvel de 'Campo Mourão'. Guarapuava, PR	1949	
CASTRO, José Miranda	*A hora eterna*	1950	
NASCIMENTO, Noel	*Nuvens* – poemas	1951	
GUMY, José Algusto	*Cantigas*	1951	
SANTOS, José Nicolau	*Geografia humana e teoria geral do Estado*	1951	
FERREIRA, João de Souza	*Mandado de segurança n. 246*	1951	
OLIVEIRA, Antonio Lustosa de	*Na tribuna parlamentar*: 1947-1950	1951	
GUARATUBA, PR	*Relatório apresentado pelo Sr. Joaquim da Silva Mafra, Prefeito Municipal relativo a sua gestão: de 30/12/1947 a 2/12/1951*	1951	
PEREIRA, Tito	*Encyclias*	1952	
MOREIRA, Ataliba Simas	*Recuperação funcional do dente restaurado*	1952	
TREVISAN, Dalton	*A morte dum gordo*	1954	
FERREIRA FILHO, Leonidas do Amaral	*Peritomia limbar*	1954	

APÊNDICE A – CATÁLOGO DA EDITORA GUAÍRA

(conclusão)

Autor(a)	Título	Ano	Coleção
GRANDE, Humberto	*Introdução à ciência do direito*	1957	
PEREIRA NETTO, Bernardino	*Reminiscências... da minha vida*	1957	
GRANDE, Humberto	*O trabalho como fonte de cultura*	1957	
PRADO, Carlos	*Vamos criar seu filho*	s. d.	Sem coleção definida
SANTOS, José Nicolau	*Instituições de Direito Público e teoria geral do Estado*	s. d.	
SARMENTO, Antisthenes de Moraes	*Botânica agrícola*	s. d.	Sem coleção definida
GASTALDI, J. Petrelli	*O lucro e sua legitimidade e limitação*	s. d.	
BUSSADA, Wilson	*Código Penal Brasileiro interpretado pelos tribunais*	s. d.	
SALMON, Graciette	*O que ficou do sonho* (poesia)	s. d.	Sem coleção definida
MILHOMENS, Jonatas	*Processo das diligencias judiciais*	s. d.	
BIGARELLA, João José	*Contribuição ao estudo dos arenitos da série São Bento*	s. d.	